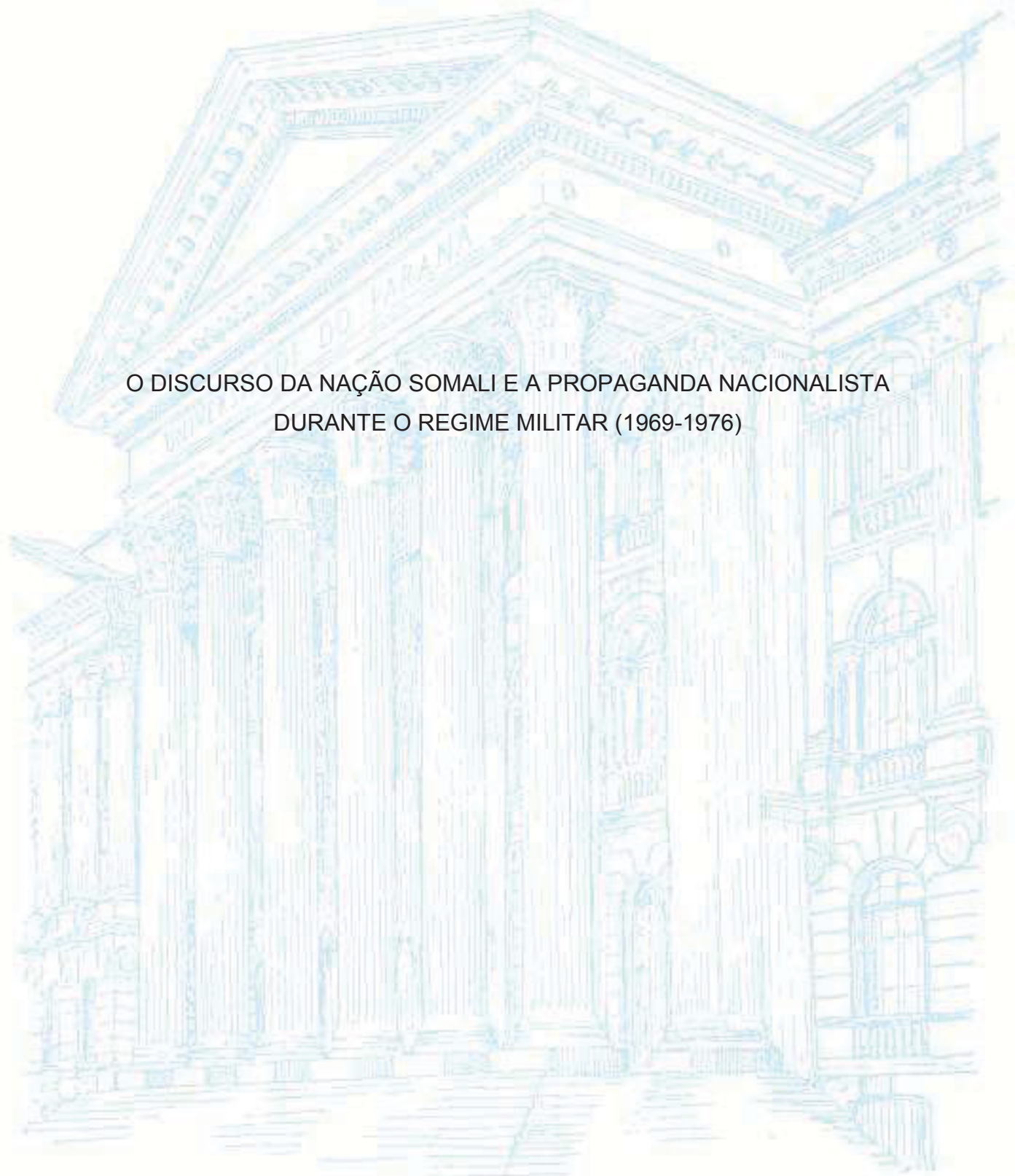


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA RUPPRECHT ZABLONSKY

O DISCURSO DA NAÇÃO SOMALI E A PROPAGANDA NACIONALISTA
DURANTE O REGIME MILITAR (1969-1976)



CURITIBA

2019

MARIANA RUPPRECHT ZABLONSKY

O DISCURSO DA NAÇÃO SOMALI E A PROPAGANDA NACIONALISTA
DURANTE O REGIME MILITAR (1969-1976)

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Hector Hernandez Rolando Guerra.

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Elda Lopes Lira – CRB 9/1295

Zablonsky, Mariana Rupprecht

O Discurso da nação somali e a propaganda nacionalista durante o regime militar (1969 - 1976). / Mariana Rupprecht Zablonsky. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Hector Hernandez Rolando Guerra

1. Somália – História. 2. Ditadura militar. 3. Regime militar. 4. Propaganda política. I. Título.

CDD – 960.687 5

TERMO DE APROVAÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO


Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MARIANA RUPPRECHT ZABLONSKY**, intitulada: **O DISCURSO DA NAÇÃO SOMALI E A PROPAGANDA NACIONALISTA NA SOMÁLIA DURANTE O REGIME MILITAR (1969-1977)**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 26 de Abril de 2019.


HECTOR ROLANDO GUERRA HERNANDEZ
Presidente da Banca Examinadora


MARTA REGINA FERNÁNDEZ Y GARCIA
Avaliador Externo (PUC/RIO)


CARLOS ALBERTO MEDEIROS LIMA
Avaliador Interno (UFPR)



ERRATA

Zablonsky, Mariana Rupprecht. **O Discurso da nação somali e a propaganda nacionalista durante o regime militar (1969-1976)**. / Mariana Rupprecht Zablonsky. - Curitiba, 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
04	04	(1969-1977)	(1969-1976)

Dedico esta dissertação aos meus avós que sempre estiveram presentes em minha vida e me ajudaram a trilhar este caminho. E a todos os Somalis espalhados pelo globo.

AGRADECIMENTOS

A pesquisa do mestrado tem duração de dois anos e nesta curta jornada devo muito aos meus amigos e a minha família. Agradeço imensamente o apoio psicológico e financeiro fornecido pelos meus pais, João e Adriana, que sempre acreditaram na minha capacidade de realizar uma pesquisa relevante. Agradeço a minha irmã Joana, a primeira mestre da família, que me incentivou a fazer a pesquisa e me mostrou que conhecimento é um das coisas mais relevantes da vida.

Sou grata aos meus grandes amigos Eric, Thais, Andressa que estiveram ao meu lado para ouvir lamentações e me lembraram que ao fim eu me sentiria grata por esta jornada. Agradeço também aos meus colegas de turma da linha Espaço e Sociabilidades que estiveram nesta caminhada em eventos, aulas, idas ao bar e a cafés.

Reconheço também a importância fundamental do meu companheiro Gabriel nesta caminhada que me incentivou, lembrou-me constantemente de que eu era capaz, me distraiu quando necessário e me animou quando eu estava sem ânimo. Agradeço imensamente ao professor Hector, sem você esta pesquisa não seria possível. Discutimos horas sobre a Somália, dúvidas e questões foram respondidas mesmo em finais de semana, as críticas sempre foram construtivas e minhas ideias foram sempre apoiadas.

Aqui onde estão os homens
Dum lado cana de açúcar
Do outro lado o cafezal
Ao centro senhores sentados
Vendo a colheita do algodão tão branco
Sendo colhidos por mãos negras
Eu quero ver
Quando Zumbi chegar
O que vai acontecer
Zumbi é senhor das guerras
È senhor das demandas
(Zumbi, Jorge Ben Jor)

RESUMO

Em 1969 a Somália, um país localizado no Chifre da África, sofreu um golpe militar liderado por Siad Barre, um general que havia integrado as polícias coloniais da Somalilândia e da Somália italiana. Nesta pesquisa analisamos nove cartazes de propaganda governamental que compreendem o período entre 1974 -1975. Procuramos conectar a análise dos cartazes à historiografia sobre a Somália neste período. O objetivo do trabalho é debater a construção do nacionalismo na Era Barre, buscando similaridades e descon continuidades em relação ao governo civil. Discutimos também a chegada dos europeus e a colonização desta região, bem como o processo de independência e integração das duas antigas colônias formando a Somália. Utilizamos uma vasta historiografia se valendo, principalmente, de autores Somalis e teóricos do continente africano. Através da interdisciplinaridade almejamos construir um rico debate teórico integrando a antropologia, a ciência política e a história. O trabalho utilizou o modelo teórico de análise historiográfica de Carlo Guinzburg, baseado na investigação de indícios em fontes imagéticas. A narrativa construída não foi conduzida cronologicamente, ela estabelece as práticas políticas dos diferentes governos como um fio condutor da narrativa. Elementos do contexto local, como o processo de descolonização do Chifre da África e os conflitos com a Etiópia foram enfatizado, conectando-os com a conjuntura global de conflito ideológico entre Estados Unidos e União Soviética na chamada Guerra Fria. Os impactos do colonialismo são uma das temáticas centrais da dissertação, assim buscamos demonstrar que eventos que ocorreram durante a colonização foram peças fundamentais para o complexo quebra cabeça que se tornou o continente africano durante as décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido, a ação de agentes externos teve grande impacto no processo de independência e contribuiu para a perpetuação de elites coloniais e práticas políticas predatórias aos povos do continente. A Somália não foge a este panorama político e a pesquisa procura demonstrar que os cartazes analisados foram produzidos pelo governo de Siad Barre com o intuito de disseminar um determinado modelo de regime político.

Palavras-chave: Somália. Cartazes. Siad Barre. Investigação. Descolonização

ABSTRACT

In 1969 Somalia, a country located in the Horn of Africa, suffered a military coup led by Siad Barre, a general who had integrated the colonial police of Somaliland and Italian Somalia. In this research we analyzed nine posters of governmental propaganda that comprise the period between 1974 -1975. We have tried to connect the analysis of the posters to the historiography on Somalia in this period. The objective of this work is to discuss the construction of nationalism in the Barre Era, seeking similarities and discontinuities in relation to civil government. We also discussed the arrival of the Europeans and the colonization of this region, as well as the process of independence and integration of the two former colonies forming Somalia. We use a vast historiography drawing to the maximum of Somalis authors and theorists of the African continent. Through interdisciplinarity we aim to build a rich theoretical debate integrating anthropology, political science and history. The paper used the theoretical model of historiographical analysis of Carlo Guinzburg, based on the investigation of clues in imagery sources. The constructed narrative was not conducted chronologically, it establishes the political practices of the different governments as a guiding thread of the narrative. Elements of the local context, such as the process of decolonization of the Horn of Africa and conflicts with Ethiopia, have been emphasized, linking them to the global conjuncture of ideological conflict between the United States and the Soviet Union in the so called Cold War. The impacts of colonialism are one of the central themes of the dissertation, so we try to demonstrate that events that occurred during colonization were fundamental to the complex puzzle that became the African continent during the 1960s and 1970s. In this sense, the action of external agents had great impact on the independence process and contributed to the perpetuation of colonial elites and political practices predatory to the peoples of the continent. Somalia does not escape this political panorama and the research tries to demonstrate that the posters analyzed were produced by the government of Siad Barre with the intention of disseminating a certain model of political regime.

Key-words: Somalia. Posters. Siad Barre. Investigation. Decolonization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Somália	32
Figura 2 - Distribuição clânica no Chifre.....	33
Figura 3 – Mapa do Chifre da África.....	36
Figura 4 - Grupos étnicos do Chifre da África	37
Figura 5 - Colonização do Chifre da África 1935.....	40
Figura 6 – Cidade de Asmara, localização da base de Kagnew	44
Figura 7 - Mapa do Quênia colonial (1926-1963).....	56
Figura 8 - O território do Estado Dervish no Chifre da África	63
Figura 9- Bandeira da Somália.....	69
Figura 10 – Brasão de armas da Somália italiana (1956-1960) e da Somália .	69
Figura 11 - Brasão de armas da Somália italiana (1963)	70
Figura 12 - Brasão de armas da Somalilândia britânica (1950).....	71
Figura 13 - Território da Grande Somália (fronteiras aproximadas)	74
Figura 14 – Somalilândia francesa.....	75
Figura 15 – Região do Ogaden entre Etiópia e Somália	81
Figura 16 - Desfile na Somália em comemoração aos 15 anos de adoção ao socialismo.....	83
Figura 17- Desfile na Somália em comemoração aos 15 anos de adoção ao socialismo.....	83
Figura 18- Desfile na Somália em comemoração aos 15 anos de adoção ao socialismo.....	84
Figura 19— Cartaz da República Popular da China fixado em Sanghai em 1967	91
Figura 20 - Cartaz 24 APRIL	97
Figura 21 – World Bank <i>logo</i>	98
Figura 22 – Desfile nacional (1974).....	99
Figura 23 - Somalilândia e Somália Italiana	101
Figura 24 - Mapa Ogaden e Haud – Concessões dos britânicos à Etiópia	105
Figura 25 - <i>Progress et prosperité</i>	120
Figura 26 – A juventude somali revolucionária.....	132
Figura 27 – Comemoração do 1º de maio de 1975.....	139

Figura 28 – <i>Sannad-guurada</i>	144
Figura 29 – Jovem pastor.....	145
Figura 30 – Homem Somali.....	146
Figura 31 - <i>Gaajo</i>	147
Figura 32 – Plantação de sorgo	148
Figura 33 – 8 de março de 1976	150
Figura 34 - <i>Hannoolato</i>	153
Figura 35 – Descendência dos clãs somalis	156
Figura 36 - Árvore <i>Mukay</i>	157
Figura 37 – <i>X.H.K. SOOMAALIYEED</i>	158
Figura 38 – Siad Barre	159
Figura 39 – Estátua aos trabalhadores socialistas	161
Figura 40 – Painel de propaganda	163
Figura 41 - Painel de propaganda	163
Figura 42 - Painel de propaganda	164

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

SYL - *Somali Youth League*
SNL - *Somali National League*
SYC - *Somali Youth League*
SRC - *Supreme Revolutionary Council*
URSS - *União das Repúblicas Soviéticas Socialistas*
EUA - *Estados Unidos da América*
MODH - *Majeerteen Ogaadeen e Darood*
NSS - *National Security Service*
NFD - *North Frontier District*
HDM - *Hizbiya Digil-Mirifle*
HDMS – *Hizbiya Dastur Mustaqil al-Sumal*
ONU - *Organização das Nações Unidas*
SCC - *Somali Camel Constabulary*
NEP - *North Eastern Province*
NPPPP - *Northern Province People's Progressive Party*
KANU - *Kenyan African National Unit*
OUA - *Organization of Africa Unity*
OHRM - *Olaha Horumarinta Reer Miyiga*
PSRS – *Partido Socialista Revolucionário Somali*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	SOOMALIYA.....	30
2.1	NARRATIVAS SOBRE A SOMÁLIA: O PARADIGMA CLÂNICO.....	30
2.2	O CHIFRE DA ÁFRICA (1969-1977).....	35
2.2.2	A política externa norte americana na região	41
2.3	NACIONALISMO: ENTRE O DISCURSO HISTORIOGRÁFICO E AS ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS.....	44
2.3.1	A elite colonial somali engajada nas ideias nacionais	52
2.3.2	Independência e anticolonialismo: nascimento do nacionalismo.....	58
2.3.2.1	Os heróis nacionais.....	61
2.3.2.2	A literatura nacionalista e os símbolos nacionais	66
2.4.	O IDEAL PAN-SOMALI E O PROJETO DA GRANDE SOMÁLIA.....	72
3	OS CARTAZES DE PROPAGANDA POLÍTICA NACIONALISTA DA ERA BARRE	85
3.1	A IMAGEM NA HISTÓRIA.....	85
3.1.1	A Revolução Cultural chinesa e seus pôsteres	90
3.2	O IDEÁRIO NACIONAL SOMALI EM IMAGENS (1974-1976).....	93
3.3	O ESTABELECIMENTO DOS EUROPEUS NO CHIFRE DA ÁFRICA	99
3.3.1	A situação colonial.....	103
3.4	A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA	105
3.4.1	Regime civil na Somália (1960-1969).....	108
3.5	O GOLPE MILITAR	110
3.6	O ESTADO PÓS-COLONIAL* NA SOMÁLIA.....	113
3.7	O ESTADO NA ERA BARRE.....	122
3.7.1	As práticas econômicas do regime militar.....	127
3.7.1.1	Reformas educacionais	129
4	PROPAGANDA, DESENVOLVIMENTO E EXCLUSÃO.....	138
4.1	AS CARACTERÍSTICAS DO NACIONALISMO SOMALI NA ERA BARRE.....	160
4.2	O DESENVOLVIMENTISMO COMO PROJETO NACIONAL	165
4.3	OS EXCLUÍDOS DA NAÇÃO SOMALI.....	168
4.3.1	Identidades predatórias: tornando se somali bantu	173

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
	REFERÊNCIAS.....	184

1 INTRODUÇÃO

A história do Brasil, sobretudo, a ensinada nas escolas é contada a partir da chegada dos portugueses em 1500. Aprendemos quem são os colonizadores, suas práticas de exploração na colônia chamada Brasil e nos bancos escolares discutimos sobre o tráfico negreiro, o quão lucrativo este era, qual o trabalho e os castigos impostos aos escravos que não se submetiam aos seus senhores. Sabemos também sobre suas resistências, os quilombos e a relevância Zumbi dos Palmares. No entanto, ainda pouco conhecemos sobre a África, o lugar de onde os ancestrais de milhares de brasileiros vieram. Apesar da obrigatoriedade do ensino da história da África através da Lei 10.639/03, em muitas escolas ele ainda é precário ou inexistente.¹ O estudo da África não é relevante somente pelo fato de o Brasil ter milhares de descendentes das mais diversas regiões do continente africano, mas pela similar trajetória de colonização europeia e exploração dos recursos naturais e da mão de obra local vivida por brasileiros e africanos.

Neste sentido, o seguinte trabalho se propõe a preencher uma lacuna no que tange os estudos brasileiros em relação ao chamado Chifre da África. As pesquisas sobre a África não lusófona no Brasil têm conquistado maior espaço e textos que abordam o Sudão, a África do Sul, o Quênia, têm sido produzidos por acadêmicos brasileiros com o objetivo de diversificar e ampliar o material historiográfico que temos sobre os outros países da África. Visando assim contribuir com a diversificação de temas e com uma abordagem crítica sobre a história de regiões não lusófonas na África.

Os estudos sobre a história da África, em seu início, são marcadamente eurocêntricos e coloniais, como afirma Philip Curtin:

No século XIX, e no início do XX, a marca do regime colonial sobre os conhecimentos históricos falseia as perspectivas em favor de uma concepção eurocêntrica da história do mundo, elaborada na época da hegemonia europeia. (CURTIN, 2010, p.38)

¹ Cf. OLIVA, Anderson. **A História da África nos bancos escolares: Representações e imprecisões na leitura didática.** In: Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, V. 25, N. 3, 2003.

Entretanto, após o fim Segunda Guerra Mundial, iniciou-se uma mudança na historiografia que passou a rever categorias silenciadas em uma ampliação paradigmática da história tradicional do século XIX. A história da África e as narrativas africanas ganharam mais espaço, a historiografia passou a corrigir os desvios da história colonial, o que trouxe também novos métodos de construção de conhecimento, incluindo repensar conceitos. A importância da historiografia africana vem crescendo, e como coloca Patrick Chabal:

Do particular ao sintético, os historiadores têm estendido as fronteiras do nosso conhecimento sobre o período pré-colonial, colonial e até da África independente. Seus trabalhos tem nos provido a profundidade e a textura que estava faltando na maioria das interpretações ocidentais sobre a África. (CHABAL, 1994, p. 7, tradução nossa).²

Apontamos também que os estudos africanistas buscam questionar e abarcar novas categorias, não apenas para adicionar novas informações a história, mas também para rever as narrativas e as formas como são construídas, procurando, como assinala Feierman (FEIERMAN, 1993) quebrar com um pensamento exclusivamente linear, característico do eurocentrismo e das categoriais metodológicas ocidentais. Ainda como ressalta o historiador norte-americano:

O estudo da história africana nos leva para além das formas de representação histórica, nas quais, a energia que conduz a narrativa tem sua origem na Europa, enquanto a história africana (ou latino-americana) fornece uma cor local, estabelecendo um cenário pitoresco para o drama central. Não há outro modo de se entender a história de Narwimba sem que se penetre profundamente nas raízes da longa história do desenvolvimento das formas sociais na África. (FEIERMAN, 1993, p.22)

Como mencionado, uma das principais características da maioria dos textos produzidos sobre o continente africano é o chamado eurocentrismo. Aqui empregamos a definição de Samir Amin (1994), exposta no clássico “Eurocentrismo”. Nele Amin (1994) conceitua o eurocentrismo como uma crença coletiva de que o desenvolvimento ocorrido na Europa ocidental era uma fatalidade desejável para todos os povos da terra, como se o modelo

² No original: “*From the particular to the synthetic, historians have extended the frontiers of our knowledge of the pre-colonial, colonial, and even independent Africa. His work has provided us with the depth and texture that was lacking in most Western interpretations of Africa.*”

européu de desenvolvimento fosse uma caminho a ser seguido de qualquer forma. O autor destaca que esta é uma mentalidade de caráter provinciano que por aparentar ser universalista e modernizadora, alcançou um grande poder de difusão. (AMIN, 1994). Esta estrutura mental foi levada pelos colonizadores a todas as partes do mundo, e colocada de maneira positiva, como modelo de crescimento/civilização. Muryatan Barbosa, em sua tese sobre as enciclopédias da História Geral da África (UNESCO) afirma que:

O eurocentrismo “deturpou” a percepção dos grandes pensadores europeus acerca dos demais povos do mundo. Tais povos eram vistos, então, na melhor das hipóteses, como crianças a serem educadas pelas luzes da Razão, uma percepção provinciana que outorgava “R” maiúsculo a razão histórica da Europa ocidental. (BARBOSA, 2012, p.5).

Estudar hoje a história da África é buscar uma via que não encare as sociedades locais como parte de um caminho desta África em direção à civilização europeia. Pois, a perspectiva eurocêntrica coloca estas sociedades e suas histórias como parte da semente do processo evolutivo em direção à civilização. Assim, ao longo do desenvolvimento da pesquisa buscamos nos valer da chamada perspectiva africana. Este conceito elaborado por Muryatan Barbosa (2012) procura privilegiar uma leitura interna do continente, em oposição às análises externas que apresentam explicações históricas e científicas da África.

Ao pesquisar eventos e conflitos políticos na Somália durante a graduação, surgiu uma grande motivação para expandir o trabalho e aprofundar as análises sobre o país, sua formação e as articulações políticas locais. Cravado no chamado Chifre da África, esse país figurou nas manchetes ocidentais com temas relacionados à pirataria, a fome, violência desmedida, colapso do Estado e mais recentemente ataques terroristas. A perspectiva histórica dos Somalis, sobre sua história quase nunca é noticiado. Os conflitos nesta região são sempre noticiados como “conflitos tribais locais”³ ou retratados de forma pouco crítica, como no livro do jornalista britânico James

³ Cf. SCHAEFER, AHREN; BLACK, ANDREW. *Clan and conflict in somalia: al-shabaab and the myth of transcending clan politics*. Disponível em: [HTTPS://JAMESTOWN.ORG/PROGRAM/CLAN-AND-CONFLICT-IN-SOMALIA-AL-SHABAAB-AND-THE-MYTH-OF-TRANSCENDING-CLAN-POLITICS/](https://jamestown.org/program/clan-and-conflict-in-somalia-al-shabaab-and-the-myth-of-transcending-clan-politics/)

Fergusson, “*The world’s most dangerous place*”. No qual ele reconhece que muitos problemas atuais do país advêm da colonização, mas não foge da retórica do Estado falido atribuindo a falta de governabilidade as dinâmicas clônicas locais. No entanto, Fergusson está inserido em um imaginário de produção acadêmica que retrata diferentes regiões da África como perigosas, violentas e onde o Estado não tem mais controle sobre o território.

A problemática desta pesquisa circunda a questão de como se construiu o discurso nacional durante o regime de Siad Barre e como a propaganda elaborada pelo governo contribuiu para disseminação de uma identidade nacional específica relacionada ao socialismo adotado pelo país. Para abordar e debater estas inquirições construímos um texto que busca explorar através da historiografia quais elementos, em conjunto com as fontes, podem corroborar a ideia de que o nacionalismo somali da década de 1970 é diferente do disseminado pelo regime civil que controlou o país após a independência até o golpe militar de 1969. Assim, o contexto regional e internacional é fundamental para compreender as dinâmicas políticas que contribuíram com a formação do nacionalismo. Perpassamos também a construção da ideia de nação somali enquanto um fenômeno político, social e econômico, com bases que levaram a marginalização de uma parcela da população.

A análise que traremos neste trabalho buscou utilizar autores Somalis que escrevem hoje de diversos locais do mundo, após a diáspora enfrentada pelos Somalis a partir da década de 1990. Assim, tentamos expor uma perspectiva africana dos vários eventos que tomaram o país durante a década de 1970. Na pesquisa, a partir desta perspectiva, esbarramos em um significativo obstáculo: o diminuto número de trabalhos sobre a Somália, sobretudo, escritos por Somalis. Os colonizadores britânicos têm diversas produções etnográficas sobre o país. Durante a década de 1960 Ioan Lewis, financiado por universidades londrinas, morou cerca de quatro anos no país e em parceria com os colonialistas locais produziu uma série de textos sobre os Somalis. (LEWIS, 2002). Sua posição epistemológica é bastante eurocêntrica e teleológica. Um dos textos é a obra “*A modern history of the Somali: Revised, updated & expanded*”, muito utilizado nesta dissertação a partir de uma perspectiva crítica. Uma vez que, existem poucas obras que abordam a história

dos Somalis e a maioria parte da perspectiva do colonizador. No Brasil há uma produção bastante limitada sobre a Somália. A autora Marta Moreno⁴, dos estudos de relações internacionais, que trouxe ao nosso conhecimento uma série de outros autores americanos que contestam as visões eurocêntricas de Lewis e outros pesquisadores europeus.

Sobre as fontes aqui analisadas, elas são nove cartazes de propaganda supostamente financiada pelo governo militar da Somália e são datados de 1974 até 1976. Entendemos estes cartazes como parte de uma cultura política de propaganda muito difundida a partir da Segunda Guerra Mundial, sendo cultura política “[...] um conjunto de crenças, ideais, conhecimentos, formas culturais e tradições que dão sentido específico à vida política em determinados contextos.” (CASTRO, BAGGIO, DORELLA, 2015, p. 190). Lincoln Cushing e Ann Tompkins (2007), em sua obra sobre cartazes chineses, afirmam que: “Cartazes políticos em qualquer parte do mundo podem ser generosamente divididos em duas categorias distintas: aqueles produzidos dentro do sistema dominante (o Estado, o interesse comercial e assim por diante) e aqueles que o desafiam (às vezes chamado de arte “oposicionista”)”. (CUSHING, TOMPKINS, 2007, p. 9, tradução nossa)⁵ Assim, entendemos que os cartazes analisados integram o primeiro grupo e foram produzidos com o intuito de divulgar ideais do regime militar.

Os pôsteres perpassam temas como: comemoração do dia das mães, comemoração do dia do trabalho, retratam a criação do partido socialista da Somália, expõe as conquistas da suposta Revolução Somali e disseminam a visão nacional do governo. Esta fontes foram inicialmente encontradas em um blog, e através de uma minuciosa pesquisa encontramos os cartazes disponíveis para *download*, em boa qualidade, no arquivo digital da Universidade Roma Tre⁶, onde estão também os cartazes físicos. Esta universidade tem um extenso arquivo sobre a Somália e abriga também um grupo de estudo dedicado aos Somalis.

⁴ Cf. MORENO, Marta. **Narrativas alternativas sobre o conflito Somali**: Descontinuidades e especificidades históricas. In: Conjuntura Internacional, Belo Horizonte, V. 11, N. 1, pp. 43 – 57.

⁵ No original: “Political posters anywhere in the world can be generally divided into two distinct categories: those produced within the dominant system (the state, business interest, and so on) and those that challenge it (sometimes called “oppositional” art).”

⁶Disponível em: <http://host.uniroma3.it/centri/CentroStudiSomali/>

Castro, Baggio e Dorella (2015), em sua análise sobre os cartazes cubanos, lembram que as imagens não podem ser trabalhadas como fiéis representações da realidade, em muitos casos seus símbolos comportam um discurso idealizado de um determinado grupo social. Para os autores, essas representações imagéticas apresentam traços e indícios do que aconteceu e expõe um determinado conjunto de valores que deveriam ser transmitidos ao público através das imagens.

Inicialmente, os cartazes se consolidaram como um meio de exibição e objeto para colecionadores, mas, como discute o pintor e escritor John Barnicoat (1972), com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa foi traçada uma nova direção para os cartazes políticos. Eles tornaram-se uma forma de propaganda de massas, que vendia a guerra e ideais, mas também pneus Michelin. Foram utilizados em larga escala pela URSS, Estados Unidos, a Alemanha Nazista, comunistas espanhóis durante a guerra civil na Espanha e vários outros países e movimentos políticos. Barnicoat (1972) sublinha que a partir da década de 1960, surgiram os chamados cartazes ideológicos, que podiam expressar ideologias políticas definidas como os ideais de uma nova geração. Os pôsteres produzidos pela Revolução Cultural na China são uma contribuição espetacular para história mundial dos cartazes, frisa Barnicoat (1972, p. 246).

O período escolhido abrange sete anos, no entanto, os cartazes aqui discutidos compreendem um período menor porque não encontramos cartazes de 1969, 1970, 1971, 1972, 1973 e 1977. A busca destes documentos foi bastante extensa, contudo, dado os conflitos iniciados em 1991 é bastante difícil ter acesso a imagens, livros, documentos e outros tipos de fonte porque muita coisa foi destruída e arquivos do período colonial ainda não foram digitalizados e não tivemos a possibilidade de ir até a Europa buscar fontes. Porém, ao longo do trabalho apresentamos locais onde existem fontes sobre a Somália. É preciso frisar que há uma grande escassez de fontes sobre este país, sobretudo, documentos ou outros tipos de arquivos que tragam uma perspectiva local e não do colonizador.

Os cartazes da década de 1970 foram escolhidos porque eles possibilitam uma análise que apresenta uma perspectiva de interpretação da propaganda do regime militar em sua primeira década de atuação. Ahmed

Samatar (1985), autor Somali e professor do *Macallester College e University of Minnesota*, em sua obra "*Socialist Somali: rhetoric and reality*" afirma que a década de 1970 na Somália representou um real esforço de implantação do socialismo no país por parte das autoridades militares. Desta forma, essas fontes apresentam uma interessante faceta deste governo e contribuem para a análise da Guerra Fria no contexto africano.

Além disto, esse período também tem relação com as dinâmicas regionais, pois em 1977 a Somália entrou em guerra com a Etiópia e as dinâmicas políticas de apoio internacional se modificaram no Chifre da África. Portanto, seria muito ambicioso estender a baliza temporal para a década de 1980, quando outros atores internacionais e locais se envolveram nas disputas desta região. A pesquisa se debruça sobre um material, que até onde sabemos, ainda não foi estudado por nenhum pesquisador brasileiro ou estrangeiro. Assim, guarda uma originalidade que busca abrir caminho para outros pesquisadores contribuírem com a análise deste período na história da Somália.

A gama de pesquisas sobre a África Oriental, sobretudo, após o período colonial ainda é limitado e a dissertação busca preencher uma lacuna em relação às discussões sobre propaganda nacional do regime militar na Somália e sua contribuição para a disseminação dos ideais socialistas no país. Neste sentido, a adoção do socialismo é interpretado por autores como Lewis (2002) como uma ação pragmática do governo somali na tentativa de estreitar laços com a União Soviética. A pesquisa visa questionar esta noção, demonstrando como os cartazes são uma evidência de que ações e projetos socialistas foram implantados visando o estabelecimento de um regime socialista no país.

O trabalho também busca contribuir com as pesquisas sobre a África e o uso político de imagens de propaganda no mundo não Ocidental. Na dissertação o acervo de fontes é exclusivamente digital, algo que vem sendo possível pela digitalização de milhares de arquivos no mundo todo. A digitalização possibilita o acesso às fontes, mas carrega também uma série de novas problemáticas que levam ao questionamento da autenticidade, os locais de conservação dos originais e as dificuldades de leitura dos documentos que

se apresentam em outras línguas ou ainda são digitalizados em baixa qualidade, o que dificulta sua leitura e interpretação.

Os cartazes têm textos em três línguas diferentes o que sem dúvida contribui para a internacionalização da pesquisa e possibilidade de diálogo com pesquisadores de diversas partes do mundo. Eles foram escolhidos através de uma extensa busca sobre fontes da Somália, nos quais nos deparamos com documentos diplomáticos, discursos políticos e os cartazes. Estes foram escolhidos por trazerem elementos novos para a análise historiográfica do período escolhido. Além disto, revelam interessantes questões sobre o socialismo no país.

Para a investigação dos cartazes trabalhamos com a metodologia do paradigma indiciário oferecida pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1986) no texto “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. A partir da proposta de Ginzburg buscamos encontrar indícios marginalizados nas imagens, comparar elementos presentes nos cartazes com eventos ocorridos na década de 1970, símbolos que tem conexões locais e regionais. Ademais, contrapomos cartazes soviéticos, chineses e Somalis, para verificar inspirações e modelos estéticos.

Ginzburg (1986) em seu texto reúne métodos de análise e investigação de ilustres personagens da história. Freud, o pai da psicanálise, que inspirado pela leitura dos ensaios do italiano Giovanni Morelli, resumiu este indicando que “[...] a proposta é de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores.” (GINZBURG, 1986, p. 149). Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes, também atribuiu o “método Morelli” ao seu personagem, famoso investigador que se centrava nos pequenos indícios para solucionar seus casos. O historiador italiano lembra que Freud, Morelli e Doyle, têm em comum o fato de terem sido médicos e compartilharem o modelo da semiótica médica, que busca diagnosticar doenças com a observação de sintomas superficiais.

O autor do clássico “O queijo e os vermes” (1987) é profundamente cativado pela investigação aos moldes de Morelli e do personagem Sherlock Holmes; uma investigação quase criminal, detetivesca, que desvenda o mistério baseado em indícios imperceptíveis para a maioria das pessoas. Freud também não escondia sua admiração por Morelli e comparava seu método à técnica da psicanálise médica. Sintomas para Freud, indícios para Holmes e

signos pictóricos para Morelli, os vestígios eram importantes para os três profissionais dedicados a sintomatologia médica, disciplina que, para o historiador em tela, permite diagnosticar enfermidades inacessíveis à observação direta, com base em sintomas superficiais, muitas vezes irrelevantes aos olhos do profano.

Segundo Ginzburg (1986), ainda que as raízes do método indiciário remontem ao início da atividade intelectual do homem, seu desenvolvimento mantém estreitos vínculos com a tendência à criminalização da luta de classes surgida das relações de produção capitalistas. A emergente necessidade do Estado de controlar a todos e a cada indivíduo é também “um instrumento para dissolver as cortinas de fumaça da ideologia” (GINZBURG, 1986, p.96). A partir do paradigma indiciário, o historiador italiano introduziu uma nova maneira de fazer História, alimentando a ideia de transgredir as proibições da disciplina e ampliando seus limites, em uma abordagem que privilegia os fenômenos aparentemente marginais, intemporais ou negligenciáveis: as estruturas arcaicas e os conflitos entre diferentes configurações sócio-culturais. Uma abordagem capaz de remontar uma realidade complexa, não experimentável diretamente, que parte da análise de casos bem delimitados, cujo estudo intensivo revela problemas de ordem mais geral e contesta ideias solidificadas sobre determinados fatos e épocas.

Com a proposta de Ginzburg (1986), procuramos olhar inscrições existentes nos cantos dos cartazes, pequenas imagens escondidas ao fundo, a escolha das cores e também das línguas utilizadas, uma vez que os cartazes apresentam inscrições em inglês, francês e somali. Buscamos em cada detalhe encontrar indícios que pudessem nos falar mais sobre estas fontes, sua origem e propósito. A dissertação é um trabalho historiográfico, mas como enunciado em outro texto pelo próprio Ginzburg (1984):

Como princípio geral creio que as incursões deste tipo deveriam se multiplicar. A insatisfação ante as separações disciplinares, que se percebe artificiais, tende a traduzir-se na justaposição (como já se disse, mais auspiciada que praticada) dos resultados de disciplinas diversas. Muito mais úteis que esses encontros de cúpula, que deixam tudo como estava, seria o enfrentamento dos problemas concretos: por exemplo, o que é colocado aqui como datação e interpretação de obras isoladas. Só assim se poderá alcançar a discussão, os instrumentos, os âmbitos e as linguagens das

disciplinas individuais: a primeira delas, claro está, é a investigação histórica. (GINZBURG, 1984, p.XXIII)

A interdisciplinaridade está presente neste texto em um profundo diálogo com textos da antropologia e da ciência política. Acreditamos que assim o texto torna-se mais rico e apresenta diferentes perspectivas epistemológicas, buscando não privilegiar uma análise com viés cultural ou estrutural.

Como já explicitado, a pesquisa buscou apresentar os Somalis como sujeitos históricos, dando prevalência para análises de autores Somalis que privilegiassem uma visão crítica dos eventos ocorridos no país desde a chegada dos colonizadores no fim do século XIX. Damos destaque para: Ali Jimale Ahmed (1995) que contribui para as discussões sobre a construção do nacionalismo somali e sua relação com a poesia e a literatura, além de colaborar com a organização do livro *“The invention of Somalia”*, uma coletânea de artigos que buscam desconstruir o “mito” da nação somali; Abdalla Omar Mansur (1995), que em artigos que integram o livro supracitado disserta sobre a organização clânica dos Somalis e suas implicações para a vida cotidiana e para a formação da identidade nacional; Abdi Kusow (1994, 2004) que em dois artigos desconstrói a relação entre árabes e Somalis e a suposta descendência árabe dos Somalis e Omar Eno (2005) que dedicou sua tese de doutorado a análise da construção da identidade étnica dos grupos identificados como bantus na Somália. Esse grupo de pesquisadores contribui imensamente para a construção desta dissertação e para as ideias contidas nela. Ressaltamos ainda o livro de Mohammed Ingiriis (2016), *“The rise and fall of Siad Barre regime”* que foi uma das primeiras obras lidas, ainda na graduação, e aborda a historiografia sobre o regime militar e os grupos políticos envolvidos nas disputas de poder do período. Há ainda outros autores Somalis que foram utilizados ao longo da pesquisa e que serão identificados ao longo dos capítulos.

Esta pesquisa busca apresentar uma narrativa que não parte da organização clânica para a análise dos eventos da década de 1970. O sistema clânico Somali foi estudado por Ioan Lewis (2002) em várias de suas obras e colocado como ponto central da vida social, política e econômica dos Somalis. No entanto, tentamos apresentar aqui argumentos de outros autores que

corroboram com a visão de que esta organização é fundamental para a sociedade somali, mas não definidora do cotidiano político destas populações. Através das fontes escolhidas e da historiografia pretendemos demonstrar como a ocupação e as práticas coloniais de ingleses e italianos alteraram as estruturas políticas e econômicas e acirraram conflitos já existentes, criando uma dinâmica capitalista de disputas pela propriedade privada e pelo acesso exclusivo a recursos até então compartilhados.

Para a construção desta análise, observamos as dinâmicas regionais do Chifre da África e também o contexto internacional, neste período dominado pela Guerra Fria e suas disputas políticas e ideológicas. Assim, uma breve análise da implantação do socialismo na África foi desenhada, bem como seus principais símbolos e a interação entre Somália, Estados Unidos, União Soviética e China. O trabalho se debruça sobre diversas temáticas, tendo como foco principal discutir como o discurso de nação e o nacionalismo durante o regime militar configuraram uma visão específica de identidade nacional e quais os elementos que esta mobilizou para criar um nacionalismo que colocava uma clara distinção entre “nós” e “eles” e entre cidade e campo. Nesse sentido, boa parte da bibliografia apresenta a “voz” dos habitantes urbanos da Somália, para tentar encontrar a fala do mundo rural analisamos poemas que tiveram sua difusão oral, uma das principais formas de salvaguardar a memória nas comunidades rurais e nômades dos Somalis.

O primeiro capítulo apresenta uma introdução sobre o conjunto da literatura utilizada, localizando autores e os dados disponíveis para a realização da pesquisa. Elaboramos um breve debate sobre as distintas posições que esta literatura ocupa frente a questões epistemológicas e políticas. Apresentando, principalmente, a construção de uma historiografia eurocêntrica em oposição às produções mais contemporâneas feitas por autores Somalis que colocam o africano como agente de sua própria história. Introduzimos então as dinâmicas regionais para trazer ao leitor as questões mais gerais que se relacionam com a formação do nacionalismo somali e os demais nacionalismos do entorno, abordando então o nacionalismo somali e o ideal pan-somali. Nesta temática trabalhamos principalmente com a historiadora Karen Weitzberg (2017), especialista em questões de fronteira e no nacionalismo da Somália e do Quênia. A autora americana publicou sua obra

“*We do not have borders: Greater Somalia and the predicaments of belonging to Kenya*” em 2017 e ela é composta por uma profunda análise das questões identitárias na fronteira entre a Somália e o Quênia em uma região conhecida antigamente como *North Frontier District* (NFD).

Esta primeira parte tem como objetivo introduzir o leitor ao universo somali e aos grandes acontecimentos do século XX nesta região. Assim, apresentaremos a historiografia desde ocupação dos europeus no Chifre da África até o processo de independência das antigas colônias somalis e sua união em 1960 para formar o país que hoje é conhecido como Somália. Os dois primeiros cartazes serão também apresentados e discutidos no primeiro capítulo, conectando assim a narrativa histórica com as fontes em discussão. Com a exposição dos cartazes, introduzimos um debate acerca do uso de imagens como fontes, além de expor sobre cartazes socialistas e a relevância da propaganda para a política nacional.

O segundo capítulo se inicia com a apresentação e discussão de um cartaz acerca das reformas educacionais do regime militar. Nesta seção analisaremos seis cartazes e construiremos uma argumentação sobre as transformações políticas, sociais e econômicas do governo de Siad Barre relacionado-as com as mensagens presentes nas fontes. A discussão sobre as práticas políticas desse governo e a influência do colonialismo nas estruturas estatais é encabeçada pelo cientista político francês Jean-François Bayart (2013), que em seu livro “*The State in Africa: The politics of the belly*”, expõe o conceito de política de *extraversão*, em uma leitura precisa das práxis de trocas financeiras entre países africanos e os chamados países desenvolvidos. O pesquisador ugandense Mahmood Mamdani (2012) também é utilizado para construir um debate sobre o sistema de governança indireta, adotado pelos britânicos na Somália durante a colonização. Isto contribuiu para a criação das chamadas identidades políticas que segundo o autor africano têm um peso significativo nos conflitos enfrentados hoje em várias partes do continente.

Ainda nesta seção, em complemento as argumentações supracitadas, utilizamos Ahmed Samatar (1985) e Ioan Lewis (2002) para inserir a historiografia sobre a Somália, buscando aproximar o contexto local aos debates epistemológicos. Neste capítulo, aproximamos o leitor do debate conceitual sobre afro-marxismo e o socialismo na África. A ideia de afro-

marxismo é apresentada por Edmond Keller (1987) no livro *“Afro marxist regimes: ideology and public policy”* e é utilizada na pesquisa para fundamentar a argumentação de que o socialismo somali não foi apenas uma decisão tomada para agradar aos soviéticos. Outros autores também são mencionados para expormos a construção de símbolos nacionais, a função da poesia somali, as disputas regionais entorno da caracterização do nacionalismo, bem como a figura da mulher e sua relação com o Islã. Esta religião que é predominante na Somália, também será discutida explorando a sua relação com o mito fundacional do nacionalismo somali.

A última sessão desta dissertação analisará o último cartaz e fará uma retomada dos principais temas que permeiam as fontes, buscando construir uma argumentação que responda as perguntas feitas ao longo da pesquisa. O terceiro capítulo conta também com um debate sobre desenvolvimentismo e sua relação com o nacionalismo. Nesse sentido, traremos o texto de Ahmed Mah, Somali que publicou sua tese intitulada *“The colonial discourse of development in Africa: The Somalia experience”* em 1999 na Universidade de Toronto. Através desta pesquisa estabelecemos conexões entre o discurso desenvolvimentista na África e os cartazes somalis.

A identidade nacional criada desde a independência das colônias somalis parece ter construído uma série de características específicas que identificavam quem eram os Somalis e quem era os outros. Para Arjun Appadurai (2009), antropólogo indiano que debate a construção sociológica do medo as minorias “aquelas identidades cuja mobilização e construção social requerem a extinção de outras categorias sociais próximas, definida como ameaças á própria existência de algum grupo, definido como nós.” (APPADURAI, 2009, p. 46). Aqui nos referimos às populações identificadas pelos Somalis como descendentes dos povos bantus, ou seja, não possuíam a suposta descendência árabe conclamada pelos Somalis.

A árvore genealógica foi fundamental para a construção do nacionalismo somali, assim, aqueles que diferiam em descendência eram considerados não Somalis e excluídos do ideário nacional. Neste terceiro capítulo procuramos expor como se fundamenta este processo de marginalização de determinados grupos. Catherine Besteman (1999) que viveu entre os povos Gosha (identificados como bantus) fundamenta as bases para

nossa argumentação, bem como Arjun Appadurai (2009), Kenneth Menkaus (2003) e Omar Eno (2005). Pretendemos com este debate introduzir a ideia de que a criação de uma identidade nacional construída por uma determinada elite contribuiu significativamente para o massacre destas populações a partir da queda do regime militar em 1991.

Os capítulos não necessariamente seguem uma ordem cronológica e sequencial dos eventos que permearam a segunda metade do século XX na Somália. A narrativa aqui elaborada baseou-se, sobretudo, na historiografia que em conjunto com as fontes examinadas buscaram responder a problemática proposta. A pesquisa com esta temática encontrou muito obstáculo e algumas perguntas não puderam ser respondidas. A falta de informações sobre a produção dos cartazes é uma lacuna, que apesar dos grandes esforços despendidos ao longo dos dois anos de trabalho, não pode ser preenchida. Mas aquilo que não foi dito, para o historiador, é parte de uma voz que gostaria de ser ouvida, que com a pesquisa pode alcançar o direito de fala.

2 SOOMALIYA

*Encheram a terra de fronteiras, carregaram o
céu de bandeiras, mas só há duas nações - a
dos vivos e dos mortos.*

Mia Couto⁷

2.1 NARRATIVAS SOBRE A SOMÁLIA: O PARADIGMA CLÂNICO

O país que hoje chamamos de Somália localiza-se na África oriental em uma região denominada Chifre da África (Figura 1). O atual território do país foi colonizado no século XIX ao norte pelos britânicos, e ao sul pelos italianos e após décadas de domínio colonial europeu os Somalis conquistaram a independência dos territórios em 1960 e se uniram formando a República da Somália. A bibliografia sobre o país é pouco diversificada e o antropólogo britânico Ioan Lewis (1961, 2002, 2008) se destaca nas análises sobre a região e sua população. Há ainda historiadores e antropólogos italianos, americanos e somalis que produziram relevantes textos acadêmicos sobre a região. Portanto, antes de iniciarmos as discussões propostas por esta dissertação é fundamental localizarmos os pesquisadores aqui mobilizados e a narrativa histórica construída por eles.

Nas pesquisas acadêmicas sobre a Somália podemos assumir que existem dois paradigmas que dividem os trabalhos: o paradigma clânico Lewisiano e o paradigma que busca retirar a ênfase na importância da organização social clânica na Somália. Minha breve análise destes paradigmas será feita com base nas leituras presentes neste trabalho e no texto "*I.M. Lewis and Somali clanship: A critique*" de Lidwien Kapteijns (2011), professora no *Wesley College* e especialista na história da África oriental e dos Somalis.

O chamado paradigma Lewisiano está presente em muitos textos produzidos sobre os Somali ao longo do século XX, sobretudo, os trabalhos elaborados após o colapso do governo somali em 1991. De acordo com esta perspectiva os Somalis estão organizados socialmente em clãs que seriam a instituição social básica deles (Figura 2). Esta seria a principal e mais

⁷COUTO, Mia. Um rio chamado tempo uma casa chamada terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 14.

duradoura organização sociopolítica dos Somalis, sobrepondo-se a outros princípios organizadores de ordem social, política ou econômica. Ele foi utilizado em larga escala para explicar ao mundo os conflitos de 1991, através dele se argumentava que a guerra iniciada neste ano se deu em função da divisão clânica dos Somalis, que viviam em constante guerra devido a sua forma de organização social, naturalmente violenta. (LEWIS, 2002).

O paradigma Lewisiano como nomeia Kapteijns (2011), contribuiu para uma visão superficial das questões somalis e praticamente ignorou o impacto do governo colonial neste território. Lewis (1961) escreveu sua obra clássica da etnografia somali “*A pastoral democracy*” em um particular momento da história da região, período final da colonização europeia na África. A pesquisadora americana relembra que Lewis viveu na Somália entre 1955-57, como um convidado formal do governo colonial, com total acesso aos documentos britânicos sobre a região e com a colaboração dos oficiais do governo. Kapteijns (2011) destaca que “Muitos desses funcionários haviam passado toda a sua carreira no Protetorado Britânico da Somalilândia e especializaram-se em governar os Somalis indiretamente, isto é, através do que consideraram autoridades locais/nativas e os costumes Somalis aceitáveis.” (KAPTEIJNS, 2011, p. 6, tradução nossa) ⁸. Ou seja, a pesquisa de Lewis partia de uma perspectiva do colonizador.

Para Kapteijns (2011) este paradigma pode ser desconstruído se levarmos em consideração o restante da historiografia e etnologia sobre a região. Lee Cassanelli (1982) em sua pesquisa sobre o período pré-colonial ressaltou que os clãs nunca foram à única forma de organização social dos Somalis, e ainda que, estes não são estáticos como Lewis (1961) apresenta, e que adquirem profundo significado quando colocados em contexto e situações específicas. Por fim, a autora argumenta que “[...] o paradigma Lewisiano, com sua ênfase exagerada no clanismo, não apenas tem uma história que não é consciente, mas, por causa dessa história,

⁸ No original: “*Many of these official had spent their whole careers in the British Somaliland Protectorate and had specialized in rulling the Somalis indirectly, that is to say, through what they came to consider acceptable Somali custom and customary authorities.*”

contribuiu para o discurso do clã que continua dominando o pensamento sobre a Somália hoje.” (KAPTEIJINS, 2011, p 3, tradução nossa.)⁹

Figura 1 - Mapa da Somália



FONTE: Perry-Castañeda (2002)¹⁰

⁹ No original: “[...] the Lewisian paradigm with its overemphasis on clanship not only has a history of which it is unaware but, because of that history, has also contributed to the clan discourse that continues to dominate thinking about Somalia today.”

Figura 2 - Distribuição clânica no Chifre



FONTE: Perry-Castañeda (2012)¹¹

¹⁰ *Somalia physio*. Disponível em: https://legacy.lib.utexas.edu/maps/africa/somalia_physio-2002.jpg

¹¹ *Cla Distribution*. Disponível em: https://legacy.lib.utexas.edu/maps/africa/txu-pclmaps-oclc-795784383-somalia_2012_clan_distro.jpg

Ioan Lewis ainda é dos principais autores no tange os estudos sobre a Somália e seu paradigma ainda é bastante utilizado por autores. Nesta dissertação, salientamos que Saadia Touval (1963) e Mohamed Ingiriis (2016) utilizam a perspectiva de Lewis e a epistemologia delineada por este para estudar o território somali. O antropólogo britânico também é bastante empregado em função da dificuldade de encontrar outros autores que apresentem uma narrativa histórica da região, mas também pelos obstáculos de acesso ao trabalho de outros autores que não utilizam a proposta antropológica de Lewis. Muitos livros encontram-se indisponíveis para compra e outros foram escritos em línguas que não dominamos.

Buscamos assim utilizar, quando possível, autores que partem do segundo paradigma apresentado por Kapteijns (2011). Ele sustenta que Lewis coloca uma ênfase excessiva no sistema clânico, e argumenta que os clãs não são um princípio organizativo e comportamental básico dos Somalis, mas sim uma forma particular de discurso com uma história muito específica e uma influência nefasta no presente. (KAPTEIJNS, 2011). Esse segundo paradigma passou a se construir a partir da década de 1980 a partir de autores como Catherine Besteman (1999), Lee Cassanelli (1982), Ali Jimale (1995), Ahmed Samatar (1985) e outros autores. Este paradigma, que se construiu em oposição a análise de Lewis, busca as especificidades históricas e políticas da região, dando ênfase para o papel que o colonialismo europeu teve nesta porção da África oriental.

O paradigma Lewisiano sustentou uma narrativa que buscou explicar os últimos sessenta anos de história do povo somali com base na divisão clânica. Desta forma, com a queda do governo de Siad Barre em 1991 diversos autores que versaram sobre o tema buscaram em Lewis as explicações para estes conflitos, ignorando outras narrativas sobre as motivações do colapso da região. Portanto, interferências externas, o colonialismo e as próprias dinâmicas regionais foram ignoradas colocando todas a ênfase nos clãs. Ao longo da nossa pesquisa trataremos novamente essa discussão para demonstrar como o paradigma Lewisiano contribuiu para a leitura eurocêntrica do nacionalismo somali.

Nesta dissertação procuramos estabelecer uma conexão entre as fontes e a bibliografia disponível. Quando inserido na literatura sobre os

Somalis é perceptível que estes dois paradigmas ainda estão em disputa, mesmo após a morte de Lewis. Isto significa que existe uma disputa de narrativas para a história dos Somalis, e esta pesquisa visa contribuir com os trabalhos que tentam desconstruir o paradigma Lewisiano.

2.2 O CHIFRE DA ÁFRICA (1969-1977)

A região conhecida como Chifre da África (Figura 3) é um território de importante localização geográfica, desde a Antiguidade. No passado sua relevância estava conectada ao comércio entre a África e a Península Arábica e as migrações populacionais que ocorreram. Atualmente este pequeno golfo está relacionado ao transporte de petróleo do Oriente Médio para o resto do planeta. Ele dá acesso ao movimentado Oceano Índico e controla a entrada do Mar Vermelho e o Golfo do Aden, região que por décadas tem sido utilizada pelos imensos navios petroleiros das principais potências mundiais. Nesta área encontram-se a Somália, Etiópia, Djibouti e Eritreia. Esses países possuem uma população diversificada e grupos dos chamados Somalis habitam todo o Chifre da África, sendo a maior concentração na Somália, que carrega este nome em função deste grupo populacional.

O maior país do Chifre é a Etiópia que durante o período colonial abrangia também a atual Eritreia. As relações entre Somália e Etiópia sempre foram instáveis, em decorrência de conflitos pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais. As disputas de territórios estiveram no âmago das questões da região. O maior grupo étnico desta porção da África oriental são os Somalis que estão estabelecidos em uma significativa parte do território do Chifre e também ao norte do Quênia (Figura 3). A predominância desta etnia levou a sérios conflitos entre Somalis e etíopes pela Zona Reservada do Haud e pelo Ogaden. E também ao constante monitoramento dos eventos políticos que levaram a independência do Djibouti em 1977.

Somado a isto, desde a década de 1950 as guerras locais entre o governo etíope e as forças que buscavam a independência da Eritreia, levaram à formação de guerrilhas somalis que apoiavam a independência da Eritreia. Deste modo, Somália e Etiópia sempre estiveram envolvidas em disputas territoriais, agravadas pela ideologia pan-somali, que será debatida adiante.

Com o golpe militar na Somália a situação se acentuou e durante toda a década de 1970 diversos incidentes na região levaram a eclosão da chamada Guerra do Ogaden no início de 1977.

Figura 3 – Mapa do Chifre da África



FONTE: U.S. CIA (2009)¹²

¹² Horn of Africa. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/resources/cia-maps-publications/Somalia.html>

Figura 4 - Grupos étnicos do Chifre da África



FONTE: Perry-castañeda (1980)¹³

¹³ Ethnic groups Horn of Africa (1980).
https://legacy.lib.utexas.edu/maps/africa/horn_ethnic_80.jpg

2.2.1 Etiópia e Somália

Historicamente as relações entre os dois países sempre foram frágeis. Antes da chegada dos europeus a atual Etiópia era chamada de Abissínia e o território da Somália moderna era fragmentando em sultanatos e regiões politicamente independentes. Entretanto, os conflitos entre Somalis, Oromos e Gallas eram constantes, seja pela disputa do acesso a recursos naturais ou pela utilização dos Oromos como escravos¹⁴ pelos Somalis (BESTEMAN, 1999). Ademais, nos territórios somalis a população era predominantemente muçulmana e na Abissínia majoritariamente cristã ortodoxa etíope. Assim, as guerras intituladas *jihad* pelos somalis eram constantes (LEWIS, 2002). Com a chegada dos europeus, os conflitos passaram a ser intermediados por estes, e como afirma Lewis (2002), muitos dos acordos coloniais firmados por Somalis com ingleses e italianos visavam obter proteção aos Somalis em relação aos abissínios. Portanto, os conflitos na região do Chifre tem sua origem em diferenças políticas, religiosas e étnicas.

A Etiópia é tida como um dos únicos países africanos que não foi efetivamente ocupado pelos europeus (ABBAY, 2010). A figura 5 apresenta um mapa da colonização na região do Chifre da África e nos ajuda a compreender como a relação que a Etiópia desenvolveu com os países independentes da região foi diferente da trilhada pela Somália, em função da colonização. O historiador Alemseged Abbay (2010, p.270) analisa que mesmo que não tendo sido formalmente colonizada, a Etiópia esteve exposta ao vislumbre da modernidade frente à presença das potências coloniais no Chifre, além do próprio envolvimento político do Imperador Haile Selassie com a diplomacia internacional.

Desde a independência em 1960, os vários grupos envolvidos nas disputas territoriais e políticas na Somália buscavam de formas singulares a formação da Grande Somália que reuniria todos os Somalis em uma nação.

¹⁴ Aqui a escravidão pode ser caracterizada como uma escravidão doméstica de servidão, os Oromos e Gallas eram utilizados como mão-de-obra para serviços domésticos e também para o cuidado com os animais e a plantação. Estes eram em geral capturados de suas regiões nativas e levados para as casas de seus senhores, a maioria destes escravos era de certa forma inserido nas dinâmicas familiares de seus donos, muitos foram convertidos ao Islã e assimilados a cultura local. (BESTEMAN, 1999).

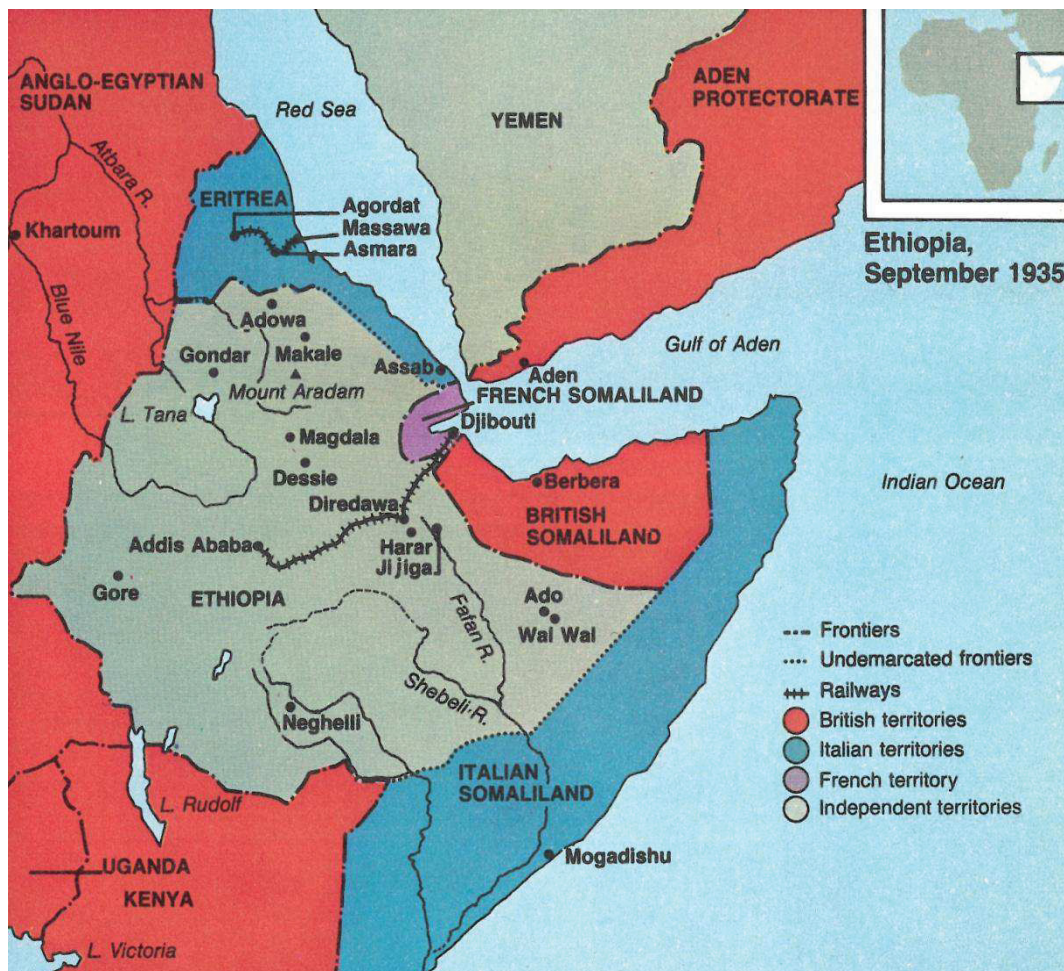
Esse país idealizado englobaria os territórios do Ogaden e do Harar, concedidos pelos britânicos aos etíopes durante o século XX. Desta forma, desde o início a ideologia pan-somali desagradou seus vizinhos que temiam perder uma parte de seu território. Durante o início da década de 1970 instabilidades políticas e sociais ameaçaram o trono de Haile Selassie e uma revolução em 1974¹⁵ destronou o imperador e colocou uma junta militar no poder que em pouco tempo adotou o socialismo como ideologia do governo. Neste período as relações entre Somália e União Soviética começaram a estremecer, os soviéticos viam nos etíopes aliados poderosos no contexto africano e temiam que a aproximação com estes pudesse abalar o relacionamento com Siad Barre que liderava um país tido como inimigo da Etiópia.

Os líderes da URSS, de Cuba e do Lêmen acreditavam que as rivalidades poderiam ser negociadas e que Somália e a Etiópia conseguiriam ser aliadas formando uma Confederação socialista. Entretanto, em uma tentativa de acordo mediada por Fidel Castro ficou claro que Siad Barre não cederia em favor do Derg e que tinha o claro objetivo de ocupação do Ogaden. A partir destas negociações a União Soviética tomou a decisão de apoiar formalmente os etíopes e abandonar as relações com a Somália. Barre se manteve impassível diante desta decisão e ordenou a expulsão de todos os russos que estavam em território somali no início de 1977. Também neste

¹⁵ A revolução Etíope destronou Haile Selassie e pôs fim ao Império Feudal da Etiópia. Logo foi implantado o Conselho Provisório Militar Administrativo, composto por 125 membros, que foi chamado de Comitê de Coordenação das Forças Armadas, Polícia e Exército Territorial, conhecido como Derg. O general Aman Amdon foi eleito portavoza do Derg e implementou políticas para o país, que incluiu a distribuição da terra aos camponeses, nacionalizando indústrias e serviços sob propriedade pública e levou a Etiópia ao socialismo. Inicialmente, o Derg foi popular após o golpe contra Haile Selassie que chegou ao poder sob o slogan de "Etiópia Primeiro", "Terra para os camponeses" e "Democracia e Igualdade para todos". Em 1975, o Derg aboliu formalmente a monarquia e abraçou o comunismo como ideologia. O regime eventualmente tornou-se formalmente conhecido como o Governo Militar Provisório da Etiópia Socialista. O conflito com a Eritreia desestabilizou o governo do General Aman e ele foi executado com outros oficiais do governo. Uma luta interna pelo poder ocorreu dentro do Derg e então a figura desconhecida de Mengistu Haile Mariam, acabou emergindo como um líder incontestável. Ele executou o general de brigada Teferi Benti e outros oficiais de alto escalão e tornou-se o líder do Derg. Entre 1975 e 1987, o Derg executou e prendeu dezenas milhares de seus oponentes sem julgamento, mas também promoveu diversas mudanças econômicas e sociais na Etiópia que visavam a melhoria da vida dos etíopes. Em 1987, Mengistu Haile Mariam aboliu o Derg e substituiu-o com a República Democrática Popular da Etiópia. No entanto, Mengistu e os membros sobreviventes do Derg dominaram o novo governo. Depois de anos de guerra Mengistu foi derrubado em 1991, por uma coalizão de partidos. WOODARD, Peter. *The Horn of Africa: State, politics and international relations*. London: I. B. Tauris & Co., 1996.

período se iniciava a chamada Guerra do Ogaden, que durou cerca de um ano e colocou fim a possibilidade de qualquer negociação entre somalis e etíopes.

Figura 5 - Colonização do Chifre da África 1935



FONTE: British Empire (1940)¹⁶

Neste conflito, o apoio soviético aos comunistas do DERG foi fundamental para que a Somália perdesse a guerra. A inversão de relações diplomáticas desempenhou um papel fundamental, uma vez que, a Etiópia durante o período imperial havia sempre contado com um forte apoio norte-americano na forma de armamento, dólares, acordos comerciais e treinamento militar, enquanto a Somália teve durante 1969 até 1974 um massivo suporte financeiro, militar e ideológico dos soviéticos. Contudo, os americanos, que passaram a apoiar os somalis em 1977, mantiveram-se longe de uma

¹⁶ *Horn of Africa*. Disponível em: <https://www.britishempire.co.uk/images2/1930shornofricamap.jpg>

influência direta na guerra. Optaram por não atender aos pedidos de ajuda financeira e militar de Siad Barre. Peter Woodward (2002) argumenta que fatores políticos afetaram a decisão de não interferir diretamente no conflito. Os Estados Unidos haviam recém saído da guerra do Vietnã com perdas colossais e uma sensação de derrota, os conflitos com Cuba também haviam abalado as políticas externas dos americanos. Nesse sentido, houve um relaxamento das políticas na África, optando por atitudes não intervencionistas diretas. (WOODWARD, 2002, p.136).

O conflito entre Somália e Etiópia pode ser visto como uma disputa territorial que envolvia questões relativas ao nacionalismo dos dois países, principalmente, da Somália, mas também uma intensa batalha de “egos” dos líderes envolvidos. O *Ethiopian People’s Revolutionary Party* anuncia em seu relatório que:

A guerra entre o regime de Siad Barre e Mengistu foi primariamente uma guerra entre os dois ditadores com suas próprias agendas políticas. Siad Barre invocou a condição das pessoas ao seu redor. Mengistu invocou a defesa da Etiópia para usar o sentimento nacional dos etíopes para seu próprio propósito de consolidar seu comprometido controle no poder. (EPRP, 2006, p. 22, tradução nossa).¹⁷

A derrota para a Etiópia em 1978 trouxe instabilidade para o regime militar na Somália e acirrarrou as oposições ao governo de Barre. Nas próximas seções analisaremos como a guerra estava intimamente conectada com as aspirações pan-somali e com o forte nacionalismo no país.

2.2.2 A política externa norte americana na região

Como enuncia Perry Anderson (2015) a vocação divina dos Estados Unidos em conquistar o mundo e espalhar “liberdade” surge com os ideais dos pais fundadores. O projeto de seus governantes do pós-segunda guerra pode ser resumido em: “[...] refazer o mundo à imagem e semelhança dos EUA.” (ANDERSON, 2015, p. 28). Neste momento o grande inimigo americano era a

¹⁷ No original: [... the war between the Siad Barre regime and Mengistu was primary a war between the two dictators with their own political agendas. Siad Barre invoked the plight of the people around him. Mengistu invoked defense of Ethiopia to use the national feeling of ethiopians for his own purpose of consolidating his failing grip on power.]

União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e sua ideologia comunista, e um dos objetivos do pós-guerra era, além de derrotar os soviéticos, manter a “periferia” do mundo sob controle. Para Anderson “ganhar aquilo que havia se transformado na Guerra Fria teria de vir em primeiro lugar.” (ANDERSON, 2015, p. 35). Entretanto, “[...] a Guerra Fria foi apenas um subenredo dentro da história maior de dominação global por parte dos Estados Unidos.” (ANDERSON, 2015, p. 44 *apud* MCCORMICK, 1989, p. 77).

Portanto, as políticas americanas durante a Guerra Fria estavam sempre voltadas para a segurança nacional, mas também a proteção dos interesses capitalistas. Como denota Anderson (2015), as políticas das relações internacionais americanas, desde o fim da Primeira Guerra foram sempre baseadas em doutrinas, sendo a primeira delas a Doutrina Wilson, também chamada os Quatorze Pontos, elaborada pelo então presidente Woodrow Wilson, com o objetivo de estabelecer a paz mundial nos acordos com as potências derrotadas na guerra. A famosa doutrina Truman se iniciou com o fim da Segunda Guerra e enunciava que “os Estados Unidos não estavam defendendo o capitalismo, mas um mundo livre contra a escravidão totalitária do comunismo.” (ANDERSON, 2015, p. 64). Assim, a intervenção americana em escala global fazia parte da proteção do mundo livre e do controle das regiões periféricas do mundo globalizado.

Há décadas os Estados Unidos mantinham relações políticas com os países do Chifre da África, sobretudo, com a Etiópia vista como a nação mais poderosa da região. (MAKINDA, 1983, p. 363). A política naval americana na Guerra Fria era um ponto chave da defesa e ataque do exército estadunidense. Peter Schwab expõe que segundo a CIA:

O papel fundamental da nossa Marinha tem sido o controle do mar [...] A capacidade de ajudar alguns a utilizar os mares e negar esse uso para os outros. Estas são fundamentalmente duas ameaças que a presença de uma força naval pode implicar: causar danos a uma nação, projetando o poder diretamente em seu território ou cortando as linhas marítimas de comunicação de uma nação através de bloqueio ou ataque do mar. (SCHWAB, 1978, p. 7, tradução nossa, *apud* TURNER, 1977, p. 342-343)¹⁸

¹⁸No original: [*The fundamental role of our Navy has been sea control... The capability to assist one's use of the seas and to deny that use to others. These are fundamentally two threats that the presence of a naval force can imply: to do harm to a nation by projecting power directly onto its territory or to sever a nation's sea lines of communication through blockade or sea denial.*]

Estando ciente das conexões entre Somalis e soviéticos e analisando a crescente presença dos comunistas na África, os americanos mantinham-se atentos aos acontecimentos no Chifre e fortaleciam as relações com o Imperador Haile Selassie da Etiópia. Uma intervenção direta nesta região só era considerada pelos americanos se alguns destes preceitos fossem violados:

1. A segurança econômica do Ocidente deveria ser mantida.
2. A estabilidade e a segurança regional deveriam ser mantidas no Oriente Médio e no Chifre da África.
3. Um potencial bloqueio das rotas petrolíferas ocidentais pelos soviéticos fosse impedido.
4. O Mar Vermelho e o Oceano Índico deveriam ser mantidos abertos para navios israelenses e para embarque de israelenses. (SCHWAB, 1978, p. 7, tradução nossa, *apud The Wall Street Journal*.)¹⁹

Como ponto chave desta política os americanos possuíam uma estação militar chamada *Kagnew* (Figura 7) em Asmara na atual Eritreia que na década de 1970 ainda era parte da Etiópia. A base foi construída em 1943 com objetivo de servir como uma estação de rádio que pudesse transmitir notícias da parte Oriental do mundo, já que neste período ainda não haviam satélites e as ondas de rádio eram a forma mais avançadas na transmissão de informações. A relação entre os etíopes e americanos eram bastante sólidas (MAKINDA, 1983). Elas envolviam o envio de milhões e dólares mensalmente, armamento, aviões e treinamento militar aos soldados de Haile Selassie. Entretanto, com o início das instabilidades políticas na década de 1970 e com a construção de uma nova base militar em Diego Garcia com tecnologia de satélite, o relacionamento entre os países entrou em declínio e os americanos pouco fizeram para impedir a queda do Imperador.

Como enuncia Fred Halliday (1978), os Estados Unidos retiraram seu diplomata de Adis Ababa no início de 1974 e fizeram o possível para não parecerem próximos à Selassie, esperando que pudessem negociar com o novo governo que eminentemente derrubaria o antigo Imperador. (HALLIDAY, 1978, p.14). Quando o governo do DERG aproximou-se da União Soviética os americanos romperam definitivamente as relações e se voltaram para a

¹⁹ No original: [1. the economic security of the West was to be maintained, 2. is stability and regional security were to be upheld in the Middle East and the Horn of Africa, 3. If a potential blockade of Western oil lanes by the Soviets was to be prevented, and 4. if the Red Sea and Indian Ocean were to kept open for Israeli and Israeli bound shipping.]

Somália, com a perspectiva de aproximação do país vizinho, com o qual já tinham um longo histórico diplomático.

Figura 6– Cidade de Asmara, localização da base de Kagnew



FONTE: Kagnew Station ASMARA, 1977²⁰

2.3 NACIONALISMO: ENTRE O DISCURSO HISTORIOGRÁFICO E AS ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS

O historiador e filósofo francês Ernest Renan em sua famosa conferência *Qu'est-ce qu'une nation?* proclamada em 1882 na Sorbonne afirmou “A existência de uma nação é, se você perdoar a metáfora, um

20 Asmara. Disponível em: <http://www.hochilynn.com/Asmara.html>

plebiscito diário, assim como a existência de um indivíduo é uma afirmação perpétua da vida.” (RENAN, 1882). A metáfora de Renan nos leva a ideia central de seu texto, a nação é um fenômeno subjetivo. A nacionalidade, segundo ele, é uma associação voluntária sujeita à percepção de incentivos ou desincentivos. Sob esta ótica toda a construção literária e imagética que fornece fidedignidade a nação, isto é, história, antropologia, política, filologia etc., também tem caráter subjetivo. Ernest Renan escreve no final do século XIX, em um contexto racializado e de disputas políticas na Europa, formação dos Estados-nação e, sobretudo, poucos anos após a unificação alemã e italiana. Ao pesquisador que se debruça sobre este tema cabe à tarefa de investigar as narrativas nacionais e como elas inspiram a formação nacional ou estimularam o nacionalismo.

Ao longo das últimas décadas muitos textos foram elaborados discutindo a “questão nacional”, seja na África, Ásia, Europa ou América. Neste capítulo se pretende abordar o nacionalismo na Somália como um elemento aglutinador do período pré-independência que se remodelou após o golpe militar de 1969. Como sugere Eric Hobsbawn (2013), os conceitos têm caráter histórico, social e localmente enraizado. Como ponto de partida para as discussões, abordamos aquilo que Hobsbawn definiu em “Nações e nacionalismos desde 1780: Programa, mito e realidade” como nacionalismo. O historiador inglês, se valendo do conceito proposto por Ernest Gellner, afirma que nacionalismo é “fundamentalmente um princípio que sustenta que a unidade política e nacional deve ser congruente.” (HOBSBAWN, 2013 apud GELLNER, 2009).

O nacionalismo como descrito e debatido por Gellner (1983) e Renan (1882) perpassa a ideia de uma mesma língua e religião, território e história compartilhados e raça única, apesar dos quase cem anos que separam suas ideias. Para o pesquisador indiano Partha Chatterjee (1993) este nacionalismo é um “produto inteiramente pertencente à história política da Europa.” (CHATTERJEE, 1993, p.4, tradução nossa)²¹. É importante lembrar que muitos anos atrás o nacionalismo foi considerado o maior presente dos europeus para o resto do mundo. No entanto, a partir de 1970 começou a ser

²¹ No original [... was entirely a product of the political history of Europe.]

visto como motivo de conflitos étnicos que levavam centenas de pessoas a morte nos países vistos como pouco desenvolvidos. (CHATTERJEE, 1993). Complementando o autor indiano, a Europa durante seu período de “nacionalização” também enfrentou diversos conflitos étnicos, porém muitas das análises contemporâneas sobre o tema parecem “esquecer” estes fatos.

Outro famoso teórico que integra os debates sobre nações e nacionalismo é Benedict Anderson que escreve em 1983 a obra “Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo”. Anderson, diferentemente de outros teóricos desta “área” baseia sua argumentação na política e história da Indonésia e do Sudeste Asiático, e não no continente europeu. Anderson (1983) demonstrou com bastante originalidade que as nações não eram produtos determinados de específicas condições sociológicas, como língua raça ou religião, mas que foram na Europa e em todo o resto do mundo, imaginadas em sua existência. Ao longo de sua obra explorou as principais formas institucionais através das quais essa comunidade imaginada adquiriu forma concreta, especialmente a instituição que ele denomina de “capitalismo impresso”. O pesquisador nascido na China, afirma que a experiência histórica do nacionalismo na Europa Ocidental, nas Américas e na Rússia forneceu para todo o nacionalismo subsequente um conjunto de “formas modulares” que as elites nacionalistas na Ásia e na África escolheram as quais se vincular. (ANDERSON, 1983).

Para este trabalho, mais do que debater a construção da ideia de nação é fundamental compreender quem se utiliza deste arcabouço teórico para a construção de um determinado corpo político em um Estado independente. No caso da Somália, a ideia de Estado-nação surge no período pré-independência. As elites nacionais urbanas, que serão caracterizadas posteriormente, ligadas ao governo colonial vão utilizar um léxico político europeu que apresenta a modernidade e a formação de um Estado nacional como o caminho a ser seguido após a independência. O discurso nacional esteve sempre atrelado à ideia de progresso e isto pode ser observado, sobretudo, nas nações não ocidentais (CHATTERJEE, 1986).

Na Somália o ideal de nação trouxe duas questões principais: a construção de um discurso nacional que buscou raízes e uma suposta autenticidade somali e baseou-se, principalmente, na etnografia de Ioan Lewis

(1961, 2002, 2008). A partir disso construir um essencialismo primordial para esta etnia, definindo claramente quem somos nós e quem são eles. No terceiro capítulo discutiremos os impactos que a construção desta diferenciação produziu na Somália, enfatizando que o paradigma Lewisiano contribuiu para a construção do nacionalismo excludente.

Hassan Mahaddala (2004), pesquisador que apresenta um dos mais recentes textos sobre o nacionalismo somali, afirma que a literatura acerca deste tema é limitada tanto em volume quanto em escopo. Ele sustenta que os estudos sobre o assunto são majoritariamente debatidos a partir de uma única perspectiva: a histórica. (MAHADDALA, 2004, p.60, tradução nossa). Nesse sentido, estes textos “[...] apresentam a nação somali como uma comunidade histórica com um antigo sentimento de “unidade”. O nacionalismo somali, afirmam os historiadores, vem desse antigo sentimento.” (MAHADDALA, 2004, p.60, tradução nossa).²²

Duas obras são os pilares das discussões sobre nacionalismo na Somália. Elas são também o discurso fundamental sobre o que constitui o sujeito nacional. A primeira pertence à Ioan Lewis, antropólogo já mencionado, e tido como um dos fundadores das pesquisas antropológicas na Somália. Sua obra *“The modern history of Somaliland: From Nation to state”* publicada em pela primeira vez em 1965 e reeditada em 1980, 1988 e por último em 2002 com o título *“A modern history of the Somali: Revised, updated & expanded”* apresenta-se como um compêndio da história dos Somalis e analisa desde a chegada dos europeus no Chifre da África até os conflitos iniciados em 1991 com a queda de Siad Barre. Segundo o autor a sociedade somali consiste em “[...] seis famílias clânicas patrilineares formadas pelos descendentes de um ancestral mítico árabe que chegou à Somália entre vinte e cinco e trinta gerações atrás.”²³ (LEWIS, 2002, p.5, tradução nossa)

Com base nas pesquisas elaboradas por Lewis (1961, 2002, 2008) Saadia Touval, cientista político nascido na Croácia e autor de diversos textos sobre disputas territoriais e conflitos internacionais, escreveu em 1963 um livro

²² No original: [...they present the Somali nation as an historical community with an age-old feeling of “oneness”. Somali nationalism, the historians maintain, springs from this ancient sentiment.]

²³ No original: [... of six patrilineal clan-families formed by the descendants of mythical Arabic ancestor who arrived in Somalia twenty-five to thirty generations ago.]

intitulado “*Somali nationalism*”. Neste trabalho grande parte de suas referências são as obras já escritas por Lewis até 1963, documentos dos escritórios coloniais de Londres e Roma e relatórios diplomáticos elaborados por países europeus e pelos Estados Unidos. Touval parte das ideias de Lewis (2002) sobre homogeneidade étnica, linguística, religiosa e histórica para afirmar a existência da nação somali e explorar o nascimento do nacionalismo nas colônias somalis após a Segunda Guerra Mundial.

Neste sentido, grande parte dos textos publicados sobre o nacionalismo segue um discurso centrado em uma perspectiva étnica e embasam seus argumentos nos textos formulados por Lewis em suas várias publicações. Segundo o autor inglês “O nacionalismo cultural somali é um fenômeno secular e não é algo que foi recentemente inventado para dar credibilidade a reivindicações políticas. Isto é a fonte e não o produto de aspirações nacionalistas.” (LEWIS, 1983, p.9, tradução nossa).²⁴ Partindo desta perspectiva Touval afirma:

Normalmente, as nações devem ter uma linguagem comum, estar associadas a um determinado território e ter uma cultura, história e tradição comuns. Frequentemente as nações também estão ligadas por origens raciais comuns e praticam a mesma religião. Se esses critérios forem usados, parece haver um forte argumento para considerar os somalis como uma nação. (TOUVAL, 1963, p. 23-24, tradução nossa).²⁵

É interessante notar que a nota de rodapé deste trecho assinala como referência o livro “*From empire to Nation*” de Rupert Emerson, publicado em 1960. Essa obra é marcada pela perspectiva teleológica, que apontava que o caminho das nações independentes na África e na Ásia era o nacionalismo em “moldes europeus”, a democracia e os investimentos em desenvolvimento. Assim, as nações independentes do sul global (GROFOGUEL, 2008) poderiam trilhar um caminho rumo ao desenvolvimento similar ao de suas antigas

²⁴ No original: [*Somali cultural nationalism is a centuries old phenomenon and not something which has been recently drummed up to give credence to political claims. It is the source rather than the product of nationalist aspirations.*]

²⁵ No original: [*Nations normally are supposed to have a common language, to be associated with a certain territory, and to have a common culture, history, and tradition. Often nations are also bound by common racial origins, and practice the same religion. If these criteria are used, there seems to be a strong case for considering the Somalis a nation.*]

metrópoles. Emerson escreveu o prefácio da obra de Saadia Touval, nele afirma que:

Um dos atributos distintivos dos somalis... é que eles possuem uma boa medida dos elementos, derivada do exemplo clássico dos protótipos do europeu ocidental, que no passado foram assumidos como essenciais ingredientes da nação. (EMERSON, 1963, Prefácio, tradução nossa).²⁶

Retomando Mahaddala (2004), em uma crítica a Lewis (2002) e Touval (1963), o autor nos fornece um importante texto que demonstra como muitos dos elementos que são considerados os pilares da nação somali, são na realidade discursos historiográficos propagados pelos europeus citados acima construídos com base no paradigma Lewisiano. Conforme Mahaddala:

Para chegar a uma concepção étnica do nacionalismo somali, os historiadores concentram-se em três áreas de implicações monumentais para as formações nacionais:

- A migração de somalis étnicos da Península Arábica;
- Sua conversão ao islamismo sobre o primeiro século da fé;
- Suas disputas intermináveis com seus protagonistas regionais, os abissínios cristãos. (MAHADDALA, 2004, p.60, tradução nossa).²⁷

Para melhor expor sua argumentação o pesquisador explora cada um dos elementos que são apontados como formadores do nacionalismo, que apontamos consistirem em características primordialistas. A língua enuncia Mahaddala (2004), não pode ser tida como um elemento aglutinador dos Somalis, porque o somali como língua escrita só obteve um alfabeto oficialmente em 1972, até então ela só existia na oralidade. Portanto, a necessidade de preservação, como afirmavam os alemães em relação a sua língua na gênese do nacionalismo germânico, ou a beleza da língua, como no caso do francês defendido pelos nacionalistas do século XIX na França, não podiam ser um argumento em relação ao somali. (MAHADDALA, 2004). O autor somali usa um critério normativo para definir o que é língua, ou seja,

²⁶ No original: *[One of the distinctive attributes of the Somalis...is that they possess a good measure of the elements, derived from the example of the classic Western European prototypes, which have in the past been assumed to be the essential ingredients of the nation.]*

²⁷ No original: *[To arrive at an ethnicist conception of Somali nationalism, the historians focus on three areas of monumental implications for national formations: - The migration of ethnic Somalis from the Arabian Peninsula; - Their conversion to Islam about the first century of the faith; -Their endless feuds with their regional protagonists, the Christian Abyssinians.]*

segundo sua perspectiva só podemos considerar uma língua quando ela apresenta um alfabeto escrito, questão que pretendemos problematizar mais adiante.

Outro fator era a ampla difusão do árabe como língua majoritária nos territórios habitados por Somalis. A grande maioria das crianças educadas em escolas corânicas dominava a língua do profeta Maomé e quando o alfabeto latino foi escolhido para a escrita do somali uma grande parcela da população desaprovou a medida de Siad Barre. (INGIRIIS, 2016, p. 105). Em complemento a Ingiriis (2016), Mahaddala relembra que:

[...] a maioria dos nacionalistas somalis era proficiente em árabe e reverenciava a língua do Alcorão mais do que o somali “vernacular”; e é por isso que eles pressionaram os governos coloniais a instituírem o árabe como a língua oficial do país.” (MAHADDALA, 2004, p.63, tradução nossa).²⁸

Em relação ao território, o próprio Ioan Lewis (1961) relembra que para a maioria dos somalis “a terra não tem valor místico ou ritual” e “ascendência política não é conferida ou simbolizada em laços místicos com a terra, mas deriva do potencial de combate superior” (LEWIS, 1961, p.2-3, tradução nossa).²⁹ Assim, mesmo que o nacionalismo pan-somali - que será discutido posteriormente - tenha clamado a união dos territórios somalis, Hassan Mahaddala (2004) enfatiza que os nacionalistas na Somália nunca desenvolveram um conceito territorial comparável ao *Lebensraum*³⁰ alemão. Ademais, como grande parte dos Somalis é nômade, o território torna-se parte

²⁸ No original: [...the majority of the Somali nationalists were proficient in Arabic, and revered the language of the Koran more than the “vernacular” Somali; and this is why they pressed the colonial governments to institute Arabic as the official language of the country.]

²⁹ No original: [land has no mystical or ritual value [...] political ascendancy is not conferred by or symbolized in mystical ties to the earth but derives from superior fighting potential.]

³⁰ *Lebensraum* (espaço vital) é provavelmente o mais conhecido de todos os vinte termos políticos alemães do século. Até o colapso de 1945, foi também extraordinariamente bem sucedido. O termo "*Lebensraum*" foi usado pela primeira vez em seu sentido clássico na década de 1890 pelo renomado geógrafo da Universidade de Leipzig, Friedrich Ratzel (1844-1904), que publicou suas mais convincentes declarações em um ensaio em 1901. Ratzel apresentou *Lebensraum* como um fator uniforme subjacente à mudança biológica e à relação entre espécies vivas e seus ambientes. Ratzel definiu *Lebensraum* como a área de superfície geográfica necessário para apoiar uma espécie viva em seu tamanho atual da população e modo de existência. Tal termo foi fundamental para os ideias nacionais relacionados à delimitação do território alemão e expansão do mesmo. In: SMITH, Woodruff D., *German Studies Review*, V. 3, Nº 1, 1980, pp. 51-68.

fundamental da vida econômica da população, mas o estabelecimento de fronteiras tenta barrar o deslocamento constante desses grupos.

Em relação à historiografia gostaríamos de destacar três falas de autores contemporâneos que serão exploradas ao longo deste capítulo. A primeira conclui o pensamento de Mahaddala aqui explorado. Segundo o pesquisador:

Como uma sociedade tradicional, os somalis não desenvolveram ou cultivaram essas peculiaridades “nacionais” o suficiente para emitir os valores transcendentais que fazem com que as pessoas se aglutinem e se unam como nação. Até hoje, eles existem na mente dos somalis comuns como conchas vazias desprovidas de conteúdo e significado. (MAHADDALA, 2004, p.60, tradução nossa).³¹

Karen Weitzberg, autora do livro “*We do not have borders: Greater Somalia and the predicaments of belonging in Kenya*” publicado em 2017, lança luz sobre outras duas ideias fulcrais para este capítulo. A primeira é acerca do sentimento de ser somali. De acordo com a pesquisadora americana para muitas pessoas no nordeste da África ser Somali, muito provavelmente significa participar do espaço teologicamente definido amplo da *ummah*³² islâmica. (WEITZBERG, 2017, p. 22 *apud* ABDI, 2015). Outra importante afirmação da autora é que “[...] não se pode falar de nacionalismo singular, mas sim de um nacionalismo múltiplo que desenhou limites de pertencimento de maneiras diferentes e às vezes incomensuráveis.” (WEITZBERG, 2017, p. 106, tradução nossa).³³

Estes três trechos convergem no sentido de ampliar a discussão e os debates sobre o nacionalismo somali e de inserir novas questões a um tema ainda pouco discutido e dominado por Touval (1963) e Lewis (2002). Não

³¹ No original: [As a traditional society, Somalis did not develop or cultivate these “national” peculiarities enough to emit those transcendental values that cause people to coalesce and gel together as a nation. To this day, they exist in the mind of the average Somali as empty shells devoid of contents and meaning. Hence, our apt use of the term pithless nationalism in their regard.]

³² *Ummah* é uma palavra árabe que significa “comunidade”. Distingue-se de *Sha’b*, que significa uma nação com ancestralidade comum ou geografia. Assim, pode-se dizer que é uma comunidade supranacional com uma história comum. É um sinônimo para o *ummat al-Islām*, e é comumente usado para definir a comunidade coletiva dos povos islâmicos. No Alcorão, a *ummah* normalmente se refere a um único grupo que compartilha crenças religiosas comuns, especificamente aquelas que são objetos de um plano divino de salvação. ARMSTRONG, Karen. O Islã. Objetiva: Rio de Janeiro, 2001, p. 89-90.

³³ No original: [...one cannot speak of singular nationalism, but rather of multiple nationalism that drew boundaries of belonging in different and sometimes incommensurable ways.]

obstante, a primeira parte deste capítulo irá se debruçar sobre de que forma os movimentos de independência e anticoloniais foram revestidos de um caráter nacionalista e lidos por autores europeus como manifestação do nascimento de uma nação democrática moldada pela modernidade europeia. Tentando expor como esta historiografia ocidental contribuiu para a difusão da definição dos Somalis como “um dos maiores blocos étnicos individuais na África” (LEWIS, 1961, p.1, tradução nossa).

2.3.1 A elite colonial somali engajada nas ideias nacionais

Uma parcela significativa da população que habitava a costa de Benadir, atualmente a região da capital da Somália Mogadíscio, concentrava suas atividades econômicas no comércio. Caravanas de mercadores atravessavam grandes distâncias no Chifre da África para chegar até a costa e revender seus produtos. O caminho reverso também era feito pelos mercadores para buscar produtos mais ao interior do continente africano, ou cruzando o mar para chegar a Península Arábica. Grupos de diversas partes da Ásia e da África passavam pelas cidades costeiras da Somália. Weitzberg (2017) - que prefere não utilizar o somali como definidor de um grupo específico e utilizada a expressão “falantes do somali” para se referir aos habitantes do Chifre que supostamente pertencem à nação somali – relembra que os falantes de somali nestas cidades desenvolveram formas sociais de incorporar estes estranhos advindos de outras regiões do Oceano Índico ou da própria África. Para a autora:

Ao contrário das tradições europeias, que se baseavam na superação da estreita limitação da cidadania, as formas somalis de cosmopolitismo visavam assimilar migrantes, forjar laços de parentesco com os vizinhos e reivindicar a universalidade espiritual.”³⁴
(WEITZBERG, 2017, p. 23, tradução nossa).

Quando os europeus passaram a dominar os territórios no Chifre a partir do século XIX, o fluxo de pessoas de diferentes regiões era constante na

³⁴ No original: [*Unlike European traditions, which were predicated on overcoming the narrow limitation of citizenship, Somali forms of cosmopolitanism were aimed at assimilating migrants, forging ties of kinship to neighbors, and making claims to spiritual universality.*]

costa. Contudo, no início do século XX quando italianos e ingleses passaram a classificar as populações através de censos, atribuindo status de nativos e não nativos, o mito do Somali como um grupo diferente dos africanos negros surgiu. Isto tornou os falantes da língua somali, que em muitas situações clamaram pelo status de não nativo, uma comunidade ambígua que aparecia como nem totalmente africana e nem totalmente árabe. (WEITZBERG, 2017).

Os ecos da Segunda Guerra Mundial atingiram o continente africano de diversas formas, milhares de soldados lutando no *front* ao lado dos Aliados e uma dezena de conflitos disputados na África. Contudo, o maior impacto desta guerra pode ser visto após seu término, quando movimentos pró-independência e partidos políticos explodiram por todo o continente africano. A formação do mais importante partido político na Somália ocorreu ainda durante os conflitos em 1943. A *Somali Youth League* (SYL), originalmente *Somali Youth Club* (SYC), transformou-se oficialmente em partido político em 1947 e enunciava os seguintes objetivos:

1. Unir todos os Somalis em geral e os jovens especialmente, com o conseqüente repúdio de todos os preconceitos antigos prejudiciais, como por exemplo como distinções tribais.
2. Educar a juventude na civilização moderna por meio de escolas e pelos círculos culturais e de propaganda.
3. Interessar-se e ajudar na eliminação por via constitucional e legal significa qualquer situação existente ou futura que possa ser prejudicial aos interesses dos somalis.
4. Desenvolver uma língua somali e ajudar a colocar em uso entre os somalis a escrita já existente conhecida como *Ismaniya*³⁵. (LEWIS, 1963, p. 149, tradução nossa).³⁶

Fundada como clube em 1943, pela proibição de organizações políticas na Somália Italiana neste período sob tutela dos ingleses, a SYC tinha treze membros dos principais clãs como seus fundadores. Desde o início, a religião muçulmana teve um papel importante nesta organização. Lewis (2002)

³⁵ Em 1920 Isman Yusuf Kenadid desenvolveu um alfabeto e uma escrita para a língua somali, no entanto, Kenadid era membro do clã Majerteen e seu feito foi pouco aceito entre outros clãs. Além disto, grande parte dos religiosos acreditava que a língua somali deveria ser escrita com o alfabeto árabe. (LEWIS, 1961a, p. 115).

³⁶ No original: [1. To unite all Somalis generally and the youth especially, with the consequent repudiation of all harmful old prejudices, such for example as tribal distinctions. 2. To educate the youth in modern civilization by means of schools and by cultural and propaganda circles. 3. To take an interest in and assist in eliminating by constitutional and legal means any existing or future situations which might be prejudicial to the interests of the Somalis. 4. To develop a Somali language, and to assist in putting into use among the Somalis the already existing writing known as *Ismaniya*.]

reivindica que sua construção se deu por inspiração de importantes líderes religiosos de Mogadíscio.

Com sede na cidade costeira e atual capital da Somália a SYL contava com grande influência na região sul do Chifre da África, sobretudo, sob a população urbana da costa de Benadir. Segundo a administração militar britânica em 1946 a SYL tinha mais de 25.000 afiliados. (LEWIS, 2002, p. 122 *apud* KARP, 1960). Seus membros eram, desde o princípio, aquilo que podemos chamar de elite colonial urbana. Muitos provinham da *Somalia Gendarmerie*³⁷ ou eram funcionários somalis dos escritórios coloniais. Ioan Lewis (2002) escreve que apesar de desencorajar que os súditos somalis do rei inglês se organizassem politicamente, a filiação de *gendarmeries* e outros funcionários do Estado colonial foi tolerada porque “[...] o novo movimento era progressivo, cooperou com o governo e era anti-italiano.”(LEWIS, 1961a, p. 122, tradução nossa).³⁸ A SYL também foi responsável pela abertura de uma dezena de escolas com professores fluentes em inglês, língua ensinada aos filhos desta elite, que como destaca Lewis (2002), estava empenhada em fornecer uma educação moderna as crianças somalis.

A SYL ao longo de toda a década de 1940 e 1950 teve grande influência no desenvolvimento do projeto independentista dos somalis. Esta organizou diversos eventos políticos e foi uma das responsáveis pela divulgação do nacionalismo somali. Weitzberg (2017) relembra que a liga tinha grande alcance na chamada *North Frontier District* (NFD) (Figura 7), província na região norte do Quênia que faz fronteira com a Somália e é predominantemente habitada por migrantes das antigas colônias somalis.

Outra importante associação política do nacionalismo foi à chamada *Somali National League* (SNL), formada pela união da *Somaliland National Society* e *Somaliland National League* em 1945. Com sede em Hargesia, capital da Somalilândia, era vista pelos britânicos como mais conservadora que

³⁷ Foi formada em 1941/42 para policiar a Somalilândia Italiana, a Somalilândia Britânica e a Eritreia, após a ocupação dos territórios italianos na África. Foi formada por homens do Kings African Rifles (Batalhão Tanganyika) e oficiais destacados da Polícia de Tanganica, Polícia de Uganda e Polícia do Quênia. As unidades eram baseadas em Mogadíscio, onde a sede era no antigo palácio do governador italiano e em vários outros lugares da Somália italiana. In: *Imperial War Museum*. Disponível em: <https://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205058435>

³⁸ No original: [... the new movement was progressive, co-operated with the government, and was anti-Italian.]

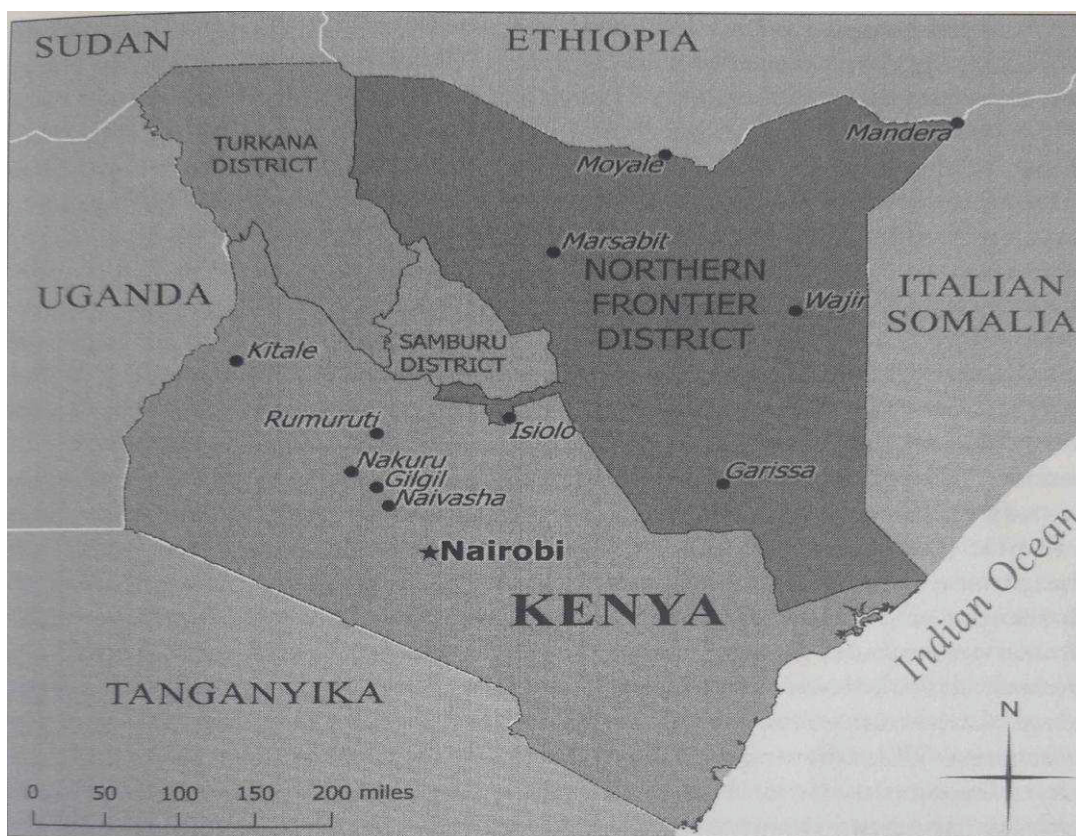
a SYL (LEWIS, 2002), o que não impediu, no entanto, que se unisse com o partido do sul na busca pela independência e na divulgação dos ideais nacionais. A SNL era predominantemente composta por membros do clã *Ishaq*, provenientes de uma elite de funcionários coloniais somalis e proeminentes exportadores de carne bovina do norte. O terceiro partido político formado nesta época foi o *Hizbiya Digil-Mirifle* (HDM), fundado em 1947 predominantemente por agricultores do clã *Rahanweyn*, que incluía também árabes e outras minorias excluídas da SYL e SNL. O HDM posteriormente tornou-se *Hizbiya Dastur Mustaqil al-Sumal* (HDMS). (WEITZBERG, 2017). Grande parte das fontes que relatam a trajetória dos partidos políticos provém de documentos coloniais da Itália e Inglaterra, elemento que, sem dúvida, dificulta a leitura dos eventos ocorridos entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a independência das colônias em 1960.

Entretanto, podemos destacar que a formação de organizações políticas não eram encorajadas pelos britânicos que em diversos momentos suprimiram maiores manifestações pela independência na década de 1940 e 1950. Touval (1963) assinala que no caso das colônias somalis a busca pela independência e o despertar nacionalista não podem ser visto como um fenômeno Ocidental. Para o autor, a classe educada em escolas locais³⁹ na Somália foi a responsável por prover a liderança e a organização necessárias para o desenvolvimento do movimento nacionalista que buscava a independência. “A educação e as ideias Ocidentais começaram efetivamente a penetrar na área somente depois que as três colônias somalis (inglesa, francesa e italiana) já estavam a caminho do autogoverno.” (TOUVAL, 1963, p. 84, tradução nossa).⁴⁰ O pesquisador recorda também, que apesar da organização de partidos ter se desenvolvido somente após a Segunda Guerra, a consciência política acerca da independência já vinha se desenvolvendo entre o período das duas grandes guerras.

³⁹ Touval (1963) não deixa claro a que escolas se refere, no entanto, acreditamos que o autor esteja se referindo as escolas corânicas, ativas há séculos na região das colônias somalis.

⁴⁰ No original: [*Western education and ideas began effectively to penetrate the area only after the three Somalilands (British, French and Italian) were already well on the way to self-government.*]

Figura 7 - Mapa do Quênia colonial (1926-1963)



FONTE: Karen Weitzberg (2017)⁴¹

Um grande incidente ocorreu em 1948, quando os países vencedores da guerra *The Four Power Commission of Investigation*)⁴² estavam analisando o retorno da colônia somali do sul para as mãos dos italianos. Neste ano em 6 de janeiro, esta comissão desembarcou em Mogadíscio para decidir o destino da Somália italiana. Esse grupo chegava pouco tempo depois de Ernest Bevin, Secretário Britânico de Relações Exteriores, anunciar em 1946 um projeto para a formação da Grande Somália, que contemplaria todos os territórios do Chifre habitados por Somalis, preferencialmente sob tutela britânica. Tal proposta havia causado grande agitação nos territórios somalis e desaprovação por parte dos americanos e do Imperador etíope Haile Selassie. (LEWIS, 2002). Bevin, pouco tempo depois abandonou a proposta. Todavia, esta ideia teve

⁴¹ *Colonial Kenya*. WEITZBERG, Karen. ***We do not have borders: Greater Somalia and the predicaments of belonging in Kenya***. Ohio: University Press: Ohio, 2017, p. 43.

⁴² Foi uma comissão organizada pelos países vencedores (Estados Unidos, Inglaterra, França e URSS) da guerra no qual cada um tinha um representante político e foi constituída com o objetivo de realizar uma visita a capital da Somália e decidir se os italianos voltariam a ter algum direito sobre a antiga colônia somali. WEITZBERG, 2017, Op. cit.

ecos durante todas as décadas seguintes e foi um dos motivos da guerra entre Etiópia e Somália em 1977.

Assim, em 1947-48 quando se discutiu o retorno dos italianos a Somália, as colônias somalis eram um verdadeiro caldeirão de ideias e discussões políticas. Safia Aidid (2011) relembra em seu artigo "*Haweenku Wa Garab (Woman are a force): Woman and the Somali nationalism movement, 1943-1960*" que os habitantes da colônia italiana foram bastante explorados durante a administração da Itália e no período fascista, práticas de violência e trabalho forçado se tornaram cotidianas na vida dos somalis. Aidid (2011) destaca a prática do *asnikaax talyani* (casamento italiano), no qual as mulheres somalis podiam ser forçadas a casar legalmente. Essa prática estaria vinculada a uma tentativa de reprodução contínua das populações Goshu⁴³ que trabalhavam nas plantações italianas destinadas a exportação (AIDID, 2011, p. 107). Ou seja, se tratava de uma conduta similar à adotada por escravocratas brancos no sul dos Estados Unidos que visavam o aumento da mão de obra escrava para os campos de algodão. (SUBLETTE, Ned; SUBLETTE, Constance, 2017).

Aidid (2011, p. 107) recorda ainda que a grande presença de italianos em Mogadíscio no período anterior a Segunda Guerra, fazia com que boa parte dos somalis que viviam na cidade fossem segregados dos brancos. Sua mobilidade tornava-se limitada com acesso restrito a determinados restaurantes, bairros, teatros e inclusive calçadas. Portanto, era com estas práticas da administração italiana que os somalis estavam familiarizados. Somam-se a isso as invasões da década de 1940 quando somalis e britânicos lutaram juntos para expulsar os fascistas de Mussolini da Somalilândia.

Pensando neste panorama, não é difícil imaginar que o retorno dos italianos não era bem visto por grande parte da população da Somália italiana, que sob a administração britânica havia conquistado um maior nível de liberdade dentro da administração colonial e encerrado o trabalho forçado, apesar dos esforços de enquadramento dos ingleses. Nesse sentido, a SYL era uma grande opositora do retorno da tutela da Itália. Contudo, dissidentes

⁴³ Grupo populacional que habita a região do Vale do Jubba na Somália, que praticam a agricultura e seriam supostamente descendentes de escravos bantu de outras regiões do continente africanos, posteriormente debateremos mais sobre esse grupo.

havia saído do partido e formado um grupo que apoiava o retorno dos italianos. Lewis (2002) provém uma detalhada explicação sobre os eventos de 1948 que resultaram na morte de 17 somalis, entre eles uma mulher, Hawa Taaako, que posteriormente se tornou um dos símbolos do nacionalismo na era Barre.

A partir da leitura de Lewis (2002), Touval (1963) e Weitzberg (2017), podemos afirmar que inicialmente o nacionalismo somali construiu-se com base na diferença de status entre somalis classificados pelos escritórios coloniais como não nativos e de suposta descendência árabe. Apesar de pouco debatido por Lewis (2002) e Touval (1963), as primeiras organizações clamavam esta diferença de status fundamental entre Somalis e Galas, Oromos e Boranas. Grupos que habitavam regiões do Chifre e tinham sido classificados pelos colonialistas como nativos, admitindo um status minoritário dentro dos estatutos coloniais. Outros elementos, como a suposta descendência árabe, a religião muçulmana e as práticas pastoris também compunham a diferença sob o qual foi erigido o nacionalismo somali. Saadia Touval (1963) escreve:

O nacionalismo somali deriva de um sentimento de consciência nacional no sentido de 'nós' em oposição à 'eles' que existe entre os Somalis há muitos séculos. Foi alimentado por genealogias e tradições tribais, pelos laços religiosos islâmicos e por conflitos com povos estrangeiros. Ele amadureceu e se tornou um movimento político como resultado de influências externas - o estabelecimento de governos estrangeiros, o impacto da Segunda Guerra Mundial e o exemplo da luta pela independência em outros países. (TOUVAL, 1963, p. 84, tradução nossa).⁴⁴

2.3.2 Independência e anticolonialismo: nascimento do nacionalismo

Ao longo de 1950, os eventos da década anterior tiveram grande impacto nas organizações políticas das colônias somalis, sobretudo, os conflitos de 1948, durante a visita da *Four Power Commission*, e o retorno do

⁴⁴ No original: [*Somali nationalism stems from a feeling of national consciousness in the sense of "we" as opposed to "they" which has existed among the Somalis for many centuries. It was nurtured by tribal genealogies and traditions, by the Islamic religious ties, and by conflicts with foreign peoples. It ripened and became a political movement as a result of external influences - the establishment of alien governments, the impact of the Second World War, and the example of the struggle for independence in other countries.*]

controle italiano da colônia somali do sul. Esta volta italiana gerou grandes disputas entre os partidos SYL, SNL e HDMS. Algumas facções dentro das organizações discordavam da posição oficial dos partidos e saíram formando novas associações, como foi o caso da SYL. Neste partido uma facção opositora se desvinculou e formou a *Progressive Majerteyn League* (PML), composto por membros do clã *Majerteen* e a favor dos italianos. No HDMS, também houve desertores em favor dos italianos. Por fim, um grupo que reunia ex-membros de outros partidos foi formado e chamado *The Conference*, o qual durante a visita dos delegados da ONU e da *Four Power Commission* defendeu veemente o retorno do controle italiano da colônia somali. Lewis (2002) argumenta que o governo italiano havia distribuído uma grande quantia de dinheiro entre vários grupos políticos em troca de apoio para o retorno da tutela.

Apesar do esforço de vários grupos a comissão dos países vencedores da guerra determinou que a colônia somali do sul passaria a estar sob tutela italiana por dez anos sob supervisão da ONU. O país europeu deveria fazer todos os esforços ligados à educação e desenvolvimento ao qual havia se comprometido em troca da tutela. O incidente que ocorreu durante a visita da comissão ficou marcado na memória de muitos somalis e passou a ser utilizado como memória coletiva do período colonial tardio. Nele o “quartel general” da *Somali Youth League* foi atacado na manhã de 11 de janeiro de 1948 por italianos e alguns somalis pró-Itália. O atentado levou a morte de 68 pessoas, 17 somalis e 51 italianos. Entre os somalis mais proeminentes estavam Haka Taako, importante filiada do partido na sessão feminina e Mohamed Hirsi Nur, um dos treze membros fundadores da SYL (AIDID, 2011). O episódio posteriormente ficou conhecido como “*ha noolaato*”, que significa em tradução livre “deixe viver”, frase gritada por um dos combatentes durante os ataques.

Safia Aidid (2011) escreve que o ataque ocorreu como retaliação ao memorando enviado pela Liga à comissão visitante e a forte rejeição de diversos grupos ligados a SYL ao retorno dos italianos. Nele os líderes do partido afirmaram:

Desejamos que nosso país seja amalgamado com as outras Somalilândias formando uma unidade política, administrativa e econômica com eles. Nós os somalis somos um em todos os

sentidos. Nós somos a mesma raça e pertencemos a mesma geografia, nós temos a mesma cultura, nós temos a mesma linguagem e a mesma religião. Não há futuro para nós, exceto como parte de uma Grande Somália. [...] Por esta união só podemos ter a oportunidade de dar plena expressão para o nosso espírito nacional e trabalhar o nosso destino como uma nação de seres humanos normais. União com as outras Somalilândias é a nossa maior demanda que deve ter prioridade sobre todas as outras considerações. (AIDID, 2011, p. 133 *apud* TOUVAL, 1963, tradução nossa).⁴⁵

Neste texto, é possível perceber que a reivindicação a Grande Somália era bastante notável e que o retorno dos italianos se classificava como um impedimento a este projeto. Porém, ainda no mesmo ano este objetivo levou outro duro golpe. Em 23 de setembro de 1948 os Britânicos assinaram um acordo transferindo a região do Ogaden para a Etiópia, território que durante um longo período esteve sob administração britânica. As disputas envolvendo esta região datam de um período anterior à chegada dos europeus na África, este território foi palco de inúmeras *jihads* dos somalis contra os cristãos etíopes. Porém, quando a Etiópia passou a ter a posse legal do Ogaden outros conflitos surgiram, principalmente, por postos de água e pastagens há décadas dominados por clãs somalis. O Ogaden foi em 1977 o palco da guerra travada entre a Somália e Etiópia. A região integrava o projeto da Grande Somália e era vista por muitos somalis como um território essencial para a união dos Somalis.

O nacionalismo somali engajou diversos grupos sociais na luta pela independência. As mulheres estiveram ativamente engajadas no movimento nacionalista. Safia Aidid (2011), que entrevistou grupos de mulheres em Mogadíscio, destaca que “Na década de 1940, as mulheres nos territórios somalis sob a administração militar britânica juntaram-se ao movimento nacionalista em massa com o mesmo entusiasmo e fervor que os homens.” (AIDID, 2011, p. 111 *apud* JAMA, 1991, tradução nossa).⁴⁶ Segundo o texto da

⁴⁵No original: [*We wish our country to be amalgamated with the other Somalilands and to form one political, administrative and economic unit with them. We Somalis are one in every way. We are the same racially and geographically, we have the same culture, we have the same language and the same religion. There is no future for us except as part of a Greater Somalia. [...] By this union only can we have the opportunity to give full expression to our national spirit and work out our destiny as a nation of normal human beings. Union with the other Somalilands is our greatest demand which must take priority over all other considerations.*]

⁴⁶No original: [*In the 1940s, women in the Somali territories under British Military Administration joined the nationalist movement en masse with the same enthusiasm and fervor as the men.*]

pesquisadora, dentro da liga elas eram conhecidas como *Sisters* e desempenhavam a função de recrutadoras, levantadoras de fundos e coletoras das taxas de participação da SYL. Elas também estavam empenhadas em promover o chamado *Somalinimo*, palavra cunhada no período que era traduzida como a identidade pan-somali. Além disto, diversos poemas foram escritos por mulheres neste período para disseminar e definir o sentimento nacional somali. Haaka Taako, citada como uma das vítimas do ataque em 1948 era uma das *Sisters* e também escrevia poemas.

Ao longo da década de 1950, como relatado no capítulo anterior, no norte e no sul certa autonomia política foi gradualmente atingida. Assim, o discurso nacional dos principais partidos girava entorno da independência de forma entrelaçada ao anti-colonialismo. Gradualmente o projeto político de cada um dos grupos foi sendo apresentado e a SYL seguia sempre dominando o cenário eleitoral a nível regional.

2.3.2.1 Os heróis nacionais

As metanarrativas nacionais e seus heróis “entram na memória nacional como sujeitos cuja agência é delimitada por seu significado metafórico e simbólico.” (AIDID, 2011, p. 104, tradução nossa).⁴⁷ Na Somália podemos identificar duas figuras proeminentes que entraram para o panteão de heróis nacionais. (TOUVAL, 1963). O primeiro é Sayid Mohamed ibn Abdullah Hassan, cuja importância e história relatamos no primeiro capítulo. Para compreender melhor como Hassan contribuiu para o nacionalismo iremos explorar mais sua trajetória e os eventos políticos ligados a sua morte. O segundo é Ahmed Gran que liderou uma série de batalhas contra os cristãos etíopes entre 1528 e 1535.

Chamado vulgarmente de “Mad Mullah”, pelos inúmeros inimigos feitos em vida e pelos supostos métodos cruéis de luta, Mullah Mohamed ibn Abdullah Hassan foi um importante líder religioso a frente do chamado Estado Dervish (Figura 10). Hassan se estabeleceu inicialmente em Berbera em 1895

⁴⁷ No original: [...they enter national memory as subjects whose agency is delimited by their metaphorical and symbolic significance.]

e iniciou a pregação das doutrinas da *Salihyah*⁴⁸ e enunciou sua reprovação ao modo de vida não religiosos de muitos somalis. Todavia, não obteve grande sucesso nesta região e atraiu poucos seguidores. Mudou-se então para o sudeste da Somalilândia e se estabeleceu entre os *Dhulbahante*, um sub-clã dos *Daarood*. Entre essas pessoas ganhou notoriedade, muitos adeptos a sua filosofia e o respeito a sua autoridade. (TOUVAL, 1963.) A relação com os britânicos, inicialmente, era bastante amistosa.

Seu exercício de autoridade foi bem recebido pelos britânicos, como não estavam em posição de estender sua administração para o interior, e preferiam governar indiretamente através de notáveis tribais. Durante este período, Mohamed estava em comunicação regular com as autoridades britânicas em Berbera, e não havia nada em suas atividades, seja Berbera ou mais tarde entre os *Dhulbahante*, para o qual o governo poderia encontrar exceção. (TOUVAL, 1963, p. 52, tradução nossa).⁴⁹

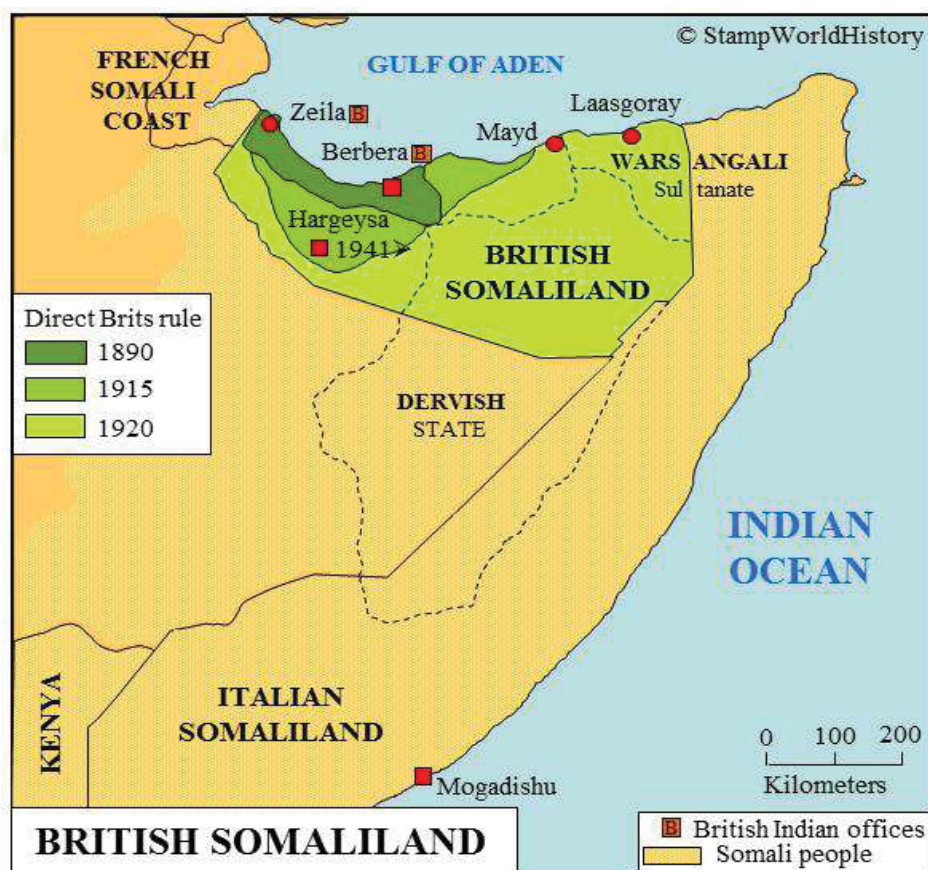
A partir de 1898 e 1899, as cartas de Hassan para os britânicos passaram ser “truculentas” segundo Touval (1963). Ao longo dos anos Hassan havia armado seus seguidores e em agosto de 1899 ocupou Burao, no centro da Somalilândia e conquistou fontes de água do clã *Isaaq*. O líder religioso e político se autoproclamou *Mahdi*⁵⁰ e declarou guerra contra os infiéis convocando todos os somalis para *jihad*. (TOUVAL, 1963).

⁴⁸ Ordem religiosa sufista que era considerada bastante puritana, pois buscava viver de acordo com o Alcorão e proibia seus membros de fumar e mascar *qat*. (LEWIS, 2002).

⁴⁹ No original: [*His exercise of authority was welcomed by the British, as they were not in a position to extend their administration into the interior and preferred to rule indirectly through tribal notables. During this period, Mohamed was in regular communication with the British authorities in Berbera, and there was nothing in his activities, either at Berbera or later among the Dolbahanta, to which the government could take exception.*]

⁵⁰ De acordo com as versões xiitas e sunitas da escatologia islâmica, *Mahdi* é o redentor profetizado do Islã, que permanecerá na Terra por sete, nove ou dezenove anos (de acordo com as diferentes interpretações) antes da chegada do dia final, o *Yawm al-Qiyamah*. Os muçulmanos acreditam que o *Mahdi*, junto com Jesus, livrará o mundo do erro, da injustiça e da tirania. No Sudão entre 1885 e 1899, um estado mahadista foi proclamado, liderado por Maomé Amade, este tentou governar o Sudão em oposição às forças egípcias. Maomé não obteve os resultados esperados, no entanto, é um marco político para esta região da África e para os muçulmanos na África. Acreditamos que os eventos no Sudão podem ter tido influência sobre o governo de Hassan nos territórios do Chifre da África. Cf, SANTOS, Patrícia Teixeira. **Fé, Guerra e Escravidão: Uma história da conquista colonial do Sudão (1881-1898)**. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013.

Figura 8 - O território do Estado Dervish no Chifre da África



FONTE: StampWorldHistory (2015)⁵¹

Entre 1901 e 1905, para suprimir a revolta de Hassan, britânicos, italianos e etíopes fizeram acordos e se organizaram para neutralizar os seguidores do líder somali. Sem grande efetividade em se defender dos ataques inimigos, ainda em 1905 Hassan fez um acordo com o governo italiano e britânico e por cerca de cinco anos manteve a paz no sudeste da Somalilândia. Embora tenha negociado a paz, durante esse período aumentou seu número de seguidores e organizou estrategicamente seu pequeno exército. Por ter declarado infiéis aqueles que não o seguissem, o líder Dervish conquistou um número expressivo de rivais do clã *Isaaq*. Em 1909 o governo britânico decidiu que não travaria uma guerra contra Mullah e sim utilizaria as hostilidades entre esses grupos para ganhar o conflito. Deste modo, distribuiu armas e mantimentos entre a oposição dos Dervish e em 1912 as batalhas entre partidários de Mullah e os somalis liderados por britânicos organizados no

⁵¹ *British Somaliland*. Disponível em: <http://www.stampworldhistory.com/country-profiles-2/africa/british-somaliland/>

Somali Camel Constabulary (SCC) se iniciaram. Em agosto de 1913, Richard Corfield que liderava o SCC, foi morto em batalha. Sua morte marcou bastante o governo colonial, que a partir deste evento decidiu que deveria acabar com o autoproclamado Estado Dervish.

Ahmed Qassim Ali (1995), autor *Somali*, tece duras críticas à leitura de Lewis (2002) sobre estes eventos e escreve:

A posição racista de Lewis tornou-se clara em 1992 quando escreveu: "Há quase 80 anos, um bravo servo do império chamado Richard Corfield também tentou trazer ordem aos somalis, quando eles se rebelaram sob um líder religioso apelidado de Mad Mullah pelos britânicos. Tudo que Corfield fez por tomar as dores somalis conquistou uma bala na cabeça na batalha e um lugar na poesia épica da Somália [...] a primeira coisa a entender sobre os somalis é que eles não são como os outros homens[...] eles recebem ordens de ninguém, eles detêm um senso de independência que é acompanhado por um grau de organização política supremamente descentralizado e fragmentado, uma espécie de anarquia ordenada." (ALI 1995, p.77, tradução nossa).⁵²

Para o autor, este tipo de declaração dada por Lewis revela seu profundo racismo, uma vez que em sua fala ele não parece estar falando de pessoas e sim de cavalos selvagens. (ALI, 1995).

Nesse sentido, a morte de um militar britânico deu grande impulso as ofensivas contra os Dervish e fez com que em Londres a ideia da existência de opositores ao governo colonial na Somalilândia e a morte de um súdito real, fosse argumento suficiente para que aviões de bombardeio fossem usados para pôr fim a esta revolta. Em ações coordenadas de militares ingleses, militares etíopes, grupos do clã *Isaaq* e a *Somaliland Camel Corps* os grupos opositores liderados por Mullah foram derrotados e os integrantes em sua maioria assassinados.

Touval (1963) apresenta uma interessante análise sobre os eventos e a importância que eles ganharam durante o período de nascimento do nacionalismo e das organizações pró-independência. Para o autor croata, um

⁵² No original: [Lewis' racist position became clear in 1992 when he wrote " Nearly 80 years ago a brave servant of the empire called Richard Corfield also tried to bring order to the Somalis, when they were rebellious under a religious leader dubbed the Mad mullah by the British. All Corfield got for his pains was a bullet in the head in battle and a place in the epic poetry of Somalia [...] first to understand about the Somalis is that they are not as other men... they take orders from nobody, an their sense of independence is matched by a supremely uncentralized and fragmented degree of political organization, a kind of ordered anarchy.]

dos elementos fundamentais para a revolta de Hassan foi o governo britânico conquistando cada vez mais regiões e dominando a política dos Somalis. Por serem muçulmanos, o governo de cristãos se sobrepondo sob sua forma de organização política era fonte de grande irritação e desconforto. Touval (1963) relembra que durante os últimos anos do século XIX o trabalho da missão francesa da Igreja Católica Romana, havia construído um orfanato e uma escola em Berbera. Fato que para Hassan era imensamente repugnante. Em seus discursos este tipo de ação propagada pelos colonizadores franceses, ingleses e italianos, era duramente criticada pelo líder Dervish, que acreditava ser inaceitável que os Somalis fossem governados por infiéis. Assim, podemos concluir que os conflitos entre dervishes e colonialistas tiveram um caráter anticolonial, pautado na oposição religiosa.

Contudo, a presença de milhares de somalis nas fileiras de oposição a Hassan é bastante significativa, pois nos conflitos os somalis foram os que mais pereceram, e ao contrário do que comumente é retratado pela historiografia, Sayid Mohamed ibn Abdullah Hassan, era o líder nacional de apenas uma parcela da população. O clã *Isaaq* e as dezenas de sub-clãs ligados a ele sempre mantiveram uma posição contrária ao líder como integrante do panteão de heróis nacionais. Hassan passou a ser lembrado como o grande herói do nacionalismo que havia lutado contra a colonização britânica. Sua história foi recontada de diversas formas e vamos explorar nos próximos tópicos como ela foi fundamental para a construção das metanarrativas nacionais do período pré-independência, durante o governo civil e, sobretudo, no regime militar.

Outro herói nacional, destacado por Touval (1963), foi o Iman Ahmed ibn Ibrahim al Ghazi (1506-1543). Tendo vivido muito antes da chegada dos colonialistas ingleses e italianos, sua história é importante para o nacionalismo pelas lutas contra os infiéis etíopes. O Iman estava frente do sultanato de Awdal (1528-1543), lembrado como uma das principais organizações políticas dos Somalis. Sobre al Ghazi se sabe muito menos que Mullah. Como uma figura importante da religião muçulmana no Chifre da África, o líder religioso ganhou entre 1528 e 1535 uma série de batalhas contra a Etiópia. Não obstante, frente às sucessivas derrotas os etíopes pediram ajuda aos portugueses (TOUVAL, 1963), que naquele período estavam se estabelecendo

na costa de Moçambique. Em conjunto com os portugueses os etíopes travaram duras batalhas com os somalis liderados por al Ghazi, que morreu no conflito. De acordo com Touval:

[...] entre os somalis, a memória de Ahmed Gran como um herói popular permaneceu por gerações, e é enfatizada hoje no contexto do nacionalismo somali. [...] O ponto significativo aqui é o renascimento da memória de Ahmed Gran como um herói nacional somali e líder nas guerras contra a Etiópia.” (TOUVAL, 1963, p. 51, tradução nossa).⁵³

Hassan Mahaddala (2004) escreve seu texto quase cinquenta anos depois de Touval (1963), e afirma que em muitos discursos historiográficos al Ghazi e o sultanato de Awdal, são apontados como exemplos da história comum dos Somalis. Porém, Mahaddalla (2004) destacou que ao que parece Awdal e os outros líderes do sultanato não eram somalis e que nesta unidade política e religiosa haviam Somalis, Oromos, Galas, Afars e até mesmo turcos. O autor afirma que:

[...] o sultanato era também territorialmente limitado e efêmero para deixar qualquer memória duradoura na mente coletiva do povo somali. Finalmente, os somalis, sendo independentes e anti-autoridade, não poderiam ter olhado para trás para uma autocracia com admiração e não poderiam ter sido inspirados por ela quase cinco séculos depois. (MAHADDALA, 2004, p. 65, tradução nossa).⁵⁴

Ademais, grande parte dos principais clãs haviam sido fundadores de um sultanato entre o século XV e XIX, estando grande parte do território organizado em sultanatos quando os colonialistas chegaram.

2.3.2.2 A literatura nacionalista e os símbolos nacionais

Hassan Mahaddala (2004) fala em nacionalismo cultural e critica uma visão bastante difundida de um nacionalismo em termos étnicos na Somália. Para o autor:

⁵³ No original: *[Among the Somalis, the memory of Ahmed Gran as a folk hero has lingered on for generations, and is emphasized today in the context of Somali nationalism. [...] The significant point here is the revival of Ahmed Gran's memory as a Somali national hero and leader in the wars against Ethiopia.]*

⁵⁴ No original *[...the Sultanate was too territorially limited and ephemeral to leave any lasting memory in the collective mind of the Somali people. Finally, the Somali, being independent-minded and anti-authority, could not have looked back at an autocracy with admiration and could not have been inspired by it almost five centuries later.]*

E.A. Bayne, editor da “*Northeast Africa Series*”, vê o nacionalismo somali em termos étnicos. Segundo ele, diferentemente de outros africanos subsaarianos, os Somalis compartilham “um profundo sentimento de nacionalidade”. Esse sentimento de nacionalidade, como ele o vê, não se limita a uma classe de pessoas da elite, nem é instilado por elas. Ao contrário, é o sentimento que permeia toda a coletividade e deriva de “uma experiência emocional, cultural e histórica compartilhada por todos os Somalis”. Sem argumentar com o fato óbvio de que os somalis constituem uma comunidade objetivamente definível, pode-se questionar a validade da proposição que iguala seu nacionalismo ao nacionalismo cultural [...] os materiais literários e artísticos necessários para o desenvolvimento de tal empreendimento “romântico” não estavam disponíveis para os Somalis. (MAHADDALA, 2004, p.60-61, tradução nossa).⁵⁵

Deste trecho podemos discutir dois elementos chaves para o nacionalismo: primeiro a ideia de pensar o nacionalismo como um só, como já abordamos seguindo o pensamento de Weitzberg (2017), não podemos falar em nacionalismo somali, e sim em múltiplos nacionalismos, já que é possível identificar diferentes discurso nacionais nos inúmeros partidos formados nas décadas de 1940 e 1950. O segundo elemento é aquilo que já enunciamos anteriormente sobre a literatura na Somália. É bastante complexo o processo de desenvolvimento da literatura nacional, seria uma falácia afirmarmos que a poesia e as expressões artísticas no período pré-independência foram os pilares de um nacionalismo cultural. No entanto, o papel que a literatura teve em difundir os ideais nacionais não pode ser menosprezado.

Ao longo desta seção vamos explorar como através da poesia a ideologia do nacionalismo somali chegou até as regiões mais remotas e contribuiu significativamente para disseminar o sentimento e os elementos constitutivos da nação somali. Para Ali Jimale Ahmed (1996) em sua obra “*Daybreak is near: Literature, clans and the nation-state in Somalia*”:

A linguagem não é apenas um veículo de ideias literárias, mas também formula as definições sócio-políticas e econômicas da nação em questão. Isso vale para uma nação do Terceiro Mundo como a Somália, onde a literatura está em processo de formulação nacional.

⁵⁵ No original: [E.A. Bayne, editor of the *Northeast Africa Series*, views Somali nationalism in ethnic terms. According to him, unlike other Sub-Saharan Africans, Somalis share “a deeply felt sense of nationhood.” This sense of nationhood, as he sees it, is not limited to an elite class of people nor instilled by them. Rather, it is sentiment that pervades the whole collectivity and derives from “an emotional, cultural, and historical experience shared by all Somalis.”¹⁰ Without arguing with the obvious fact that Somalis constitute an objectively definable community, one may question, however, the validity of the proposition that equates their nationalism with cultural nationalism [...] the literary and the artistic materials that are required for the development of such a “romantic” enterprise were not available to Somalis.]

Escritores do Terceiro Mundo e além estão engajados no que Norman Simms chama de articulação da 'identidade nacional'. (AHMED, 1996, p. 3, tradução nossa).⁵⁶

Na Somália a poesia aborda desde o papel da mulher na sociedade até a história do Estado Dervish e seu grande herói Sayd Abdullah Hassan. Ela é parte fundamental da vida dos somalis e foi muito utilizada para fins políticos durante a independência para disseminar os ideais nacionalistas. Foi também empregada durante o regime civil para criticar a suposta corrupção e ineficiência dos governantes e largamente aproveitada por Siad Barre para ganhar apoio político.

Ali Ahmed (1996) afirma que a poesia na Somália possui uma função tripla: primeiro, o poeta se torna a voz de um grupo, segundo, o poeta é um comentador ou crítico da realidade, e terceiro, a poesia tem uma importância pedagógica e epistemológica. O autor frisa ainda que os somalis continuam a ser uma sociedade baseada na oralidade, isso significa que o somali escrito não é a forma dominante da representação cultural. (AHMED, 1996, p.28). Neste sentido, o uso político da poesia foi largamente empregado pelos partidos durante a construção do Estado-nação, buscando legitimar e disseminar determinados discursos. Segundo Ahmed (1996), estes grupos estão em constante disputa pela supremacia política e por influenciar a natureza do Estado a ser conquistado. Essa luta continuou até que uma verdadeira identidade hegemônica e supranacional, intermediada por um grupo dominante ou uma aliança de grupos, emergiu. O grupo dominante busca sua hegemonia através de "formas materiais simbólicas" cuidadosamente orquestradas, que tentam "confirmar, reforçar, manter, mudar ou negar disposições particulares de status, poder e identidade". Estes símbolos seriam a bandeira nacional, o hino nacional e os heróis e heroínas a serem consagrados na consciência nacional. (AHMED, 1996, p. 3).

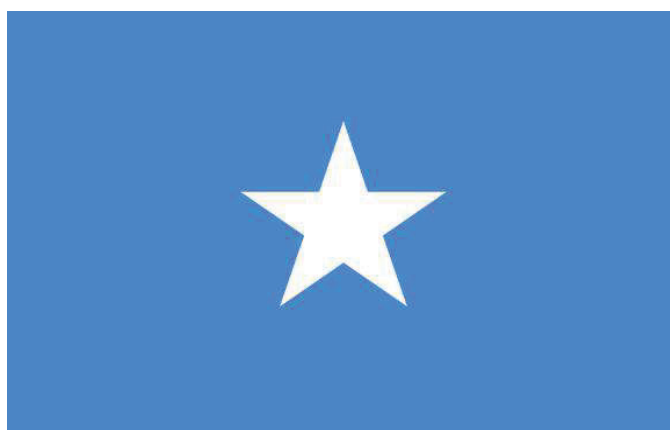
Para o período pré-independência podemos afirmar que a *Somali Youth League* era o grupo hegemônico a frente do projeto político da

⁵⁶ No original: [Language is not only a vehicle of literary ideas, but it also formulates the socio-political and economic definitions of the nation concerned. This is true of a Third World nation such as Somalia, where literature is in the process of national formulation. Writers in the Third World and beyond are engaged in what Norman Simms calls the articulation of the "national identity".]

independência. No entanto, não era uma liderança isolada, a SNL e o HDMS estavam bastante próximos a SYL nas disputas pelo poder hegemônico. Em 1954 se lançou a bandeira da futura Somália independente (Figura 9). Ela é azul com uma estrela em branco, o azul representa o céu azul do país e a estrela de cinco pontas simboliza as cinco partes da Grande Somália, Somália italiana, Somalilândia, Ogaden, NFD e Somalilândia francesa (atual Djibouti). A bandeira foi aprovada por todos os partidos.

Além da bandeira, também na década de 1950 foi lançado o brasão nacional da Somália (Figura 12), desenvolvido na Somália italiana e inspirado por elementos já existentes no brasão da colônia italiana (Figura 13), sobretudo, os leopardos. Se compararmos com o brasão da Somalilândia britânica (Figura 14), podemos pensar que é possível que este símbolo tenha gerado conflitos entre as duas colônias já que SYL representava um nacionalismo urbano e a SNL estava voltada para o mundo pastoril. E já em 1956, quando foi lançado o brasão da Figura 12 já foi adotado como brasão da colônia italiana. No entanto, é difícil debater estas questões já que não são abordadas na historiografia lida para esta pesquisa, podemos levantar então hipóteses a partir das imagens e dos textos que discutem os intensos atritos entre líderes políticos do sul e do norte.

Figura 9- Bandeira da Somália



FONTE: *WorldAtlas*⁵⁷

⁵⁷ *Somalia*

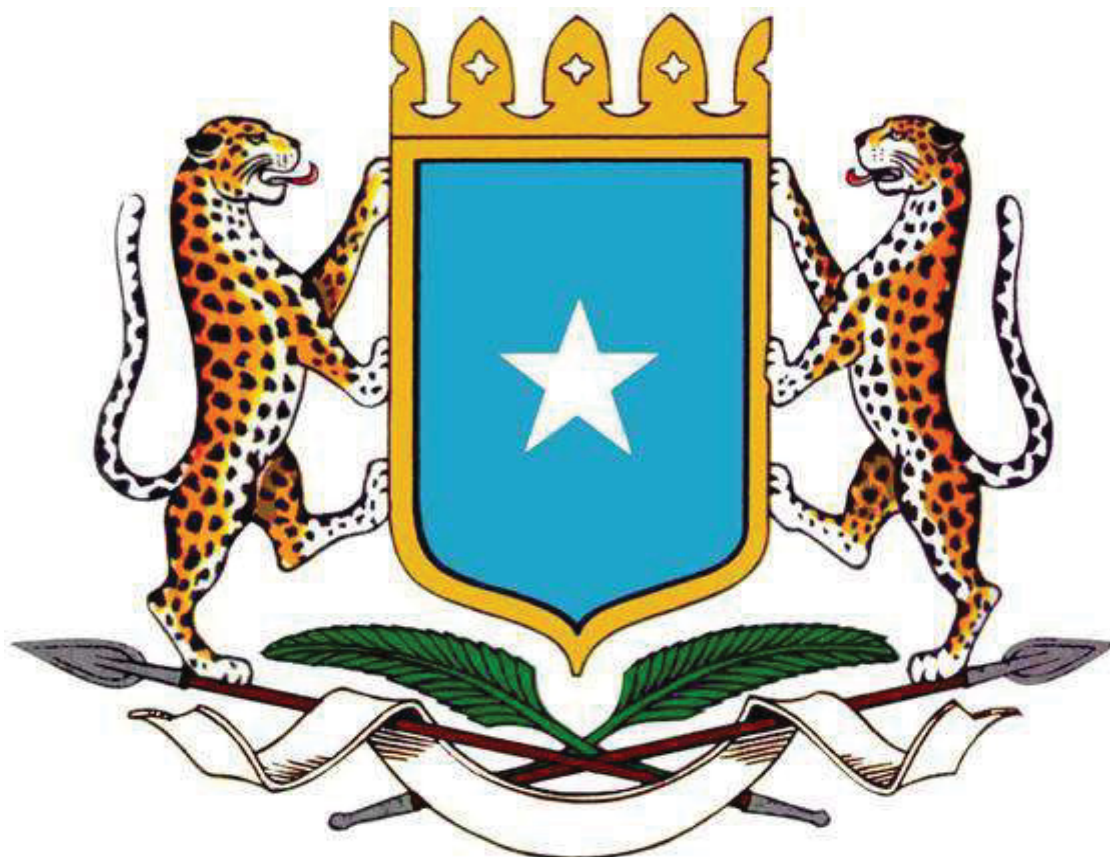
Flag.

Disponível

em:

<https://www.worldatlas.com/webimage/flags/countrys/africa/somalia.htm>

Figura 10 – Brasão de armas da Somália italiana (1956-1960) e da Somália



FONTE: *Heraldry of the World*⁵⁸

Figura 11 - Brasão de armas da Somália italiana (1963)



FONTE: *Hubert de Vries* (2012)⁵⁹

⁵⁸ *Coat of arms*. Disponível em:
http://www.ngw.nl/heraldrywiki/index.php?title=National_Arms_of_Somalia

Figura 12 - Brasão de armas da Somalilândia britânica (1950)



FONTE: *Hubert de Vries* (2012)⁶⁰

Retomando a fala Ahmed (1996), é necessário destacar que não somente a poesia compunha a literatura somali, romances e narrativas metafóricas também eram utilizadas em um sentido pedagógico. Podemos destacar o autor Nuruddin Farah como um dos mais importantes escritores da Somália. O romancista escreveu novelas bastante críticas ao regime militar, que segundo ele serviam para dar voz aos oprimidos da ditadura de Siad Barre. Cabe destacar que suas novelas foram escritas em inglês e tiveram maior impacto fora da Somália, divulgando as práticas ditatoriais de Siad Barre.

O Estado-nação, como instituição consolidada, na década de 1950 “se tornou o modelo paradigmático sobre o qual os líderes em todo o mundo colonizado basearam suas reivindicações.” (WEITZBERG, 2017, p. 92 *apud*

⁵⁹ *Coat of arms*. Disponível em: <http://www.hubert-herald.nl/Somalia.htm>

⁶⁰ *Coat of arms*. Ibidem.

MOYN, 2015, tradução nossa).⁶¹ Para responder a este modelo as organizações políticas na Somália buscaram atender aquilo que Liisa Malkii (1995, p. 2, tradução nossa) afirma como “a ordem nacional das coisas - uma ordem que apesar de sua história recente, apresenta-se como antiga e natural.”⁶² Na Somália, os grupos nacionalistas enfatizaram o pertencimento a etnia somali, que para muitos significava a vida pastoril, a religião muçulmana e a ascendência árabe que diferia os somalis dos africanos negros.

Todavia, é difícil falar de um nacionalismo. As diferentes correntes nacionais enfatizavam elementos comuns, mas também algumas características diferiam significativamente entre a região norte e sul. Em muitos momentos a SYL, baseada em Mogadíscio e com membros majoritariamente urbanos e ligados à prática do comércio e ao funcionalismo público do Estado colonial, e posteriormente do Estado independente se viam excluídos do nacionalismo que enfatizava a vida nômade. (LEWIS, 1961). Portanto, para melhor compreender essas diferenças, e abordar o nacionalismo que foi retratado pela historiografia de Touval (1963) e Lewis (1961), vamos debater o ideal pan-somali de forma breve.

2.4. O IDEAL PAN-SOMALI E O PROJETO DA GRANDE SOMÁLIA

A região do Chifre tinha suas próprias dinâmicas sociais e políticas antes da chegada dos europeus no fim do século XIX. A colonização criou fronteiras até então inexistentes e redesenhou diversas práticas políticas e econômicas. A dominação de territórios específicos com fronteiras artificiais criadas pelos europeus inaugurou novos conflitos e com as independências e o crescente nacionalismo étnico as dinâmicas locais de reivindicação de territórios foram significativamente mobilizadas pelos ditos grupos nacionais. O projeto da Grande Somália defendia a ideia da formação de um Estado-nação que englobasse todos os territórios somalis sob uma única administração política. Estes territórios eram colônias ou partes de colônias britânicas,

⁶¹ No original: [...become the paradigmatic model upon which leaders throughout the colonized world based their claims.]

⁶² No original: [...the national order of things - an order which despite its historical recency, present itself as ancient and natural]

francesa e italiana (Figura 13). A ideia teve origem na proposta do ministro britânico Ernest Bevin, em um momento de nascimento e disseminação das ideias nacionalistas na Somália. Inclusive, na Constituição de 1961 formulada após a independência a união de todos os territórios somalis é um dos artigos da Constituição. (LEWIS, 2002). Porém, tais ambições não eram apoiadas pelos países vizinhos que perderiam parte de seu território, a saber a Etiópia com a região do Ogaden e o Quênia com a NFD, chamada de atualmente de *North Eastern Province* (NEP). Ambos os países fizeram bastante pressão para que o projeto não se tornasse real.

Karen Weitzberg (2017) sustenta que para tornar o pan-somalismo palatável aos medos, esperanças e expectativas dos milhares de habitantes do Chifre da África, os pensadores do projeto enfatizaram a vida nômade-pastoril, destacaram a importância das irmandades muçulmanas e invocaram um sistema comum de linhagem clânica. “Os proponentes do pan-somalismo mobilizaram uma série de filiações não territoriais e não seculares a serviço de projetos nacionalistas seculares e territoriais.” (WEITZBERG, 2017, p. 92, tradução nossa).⁶³

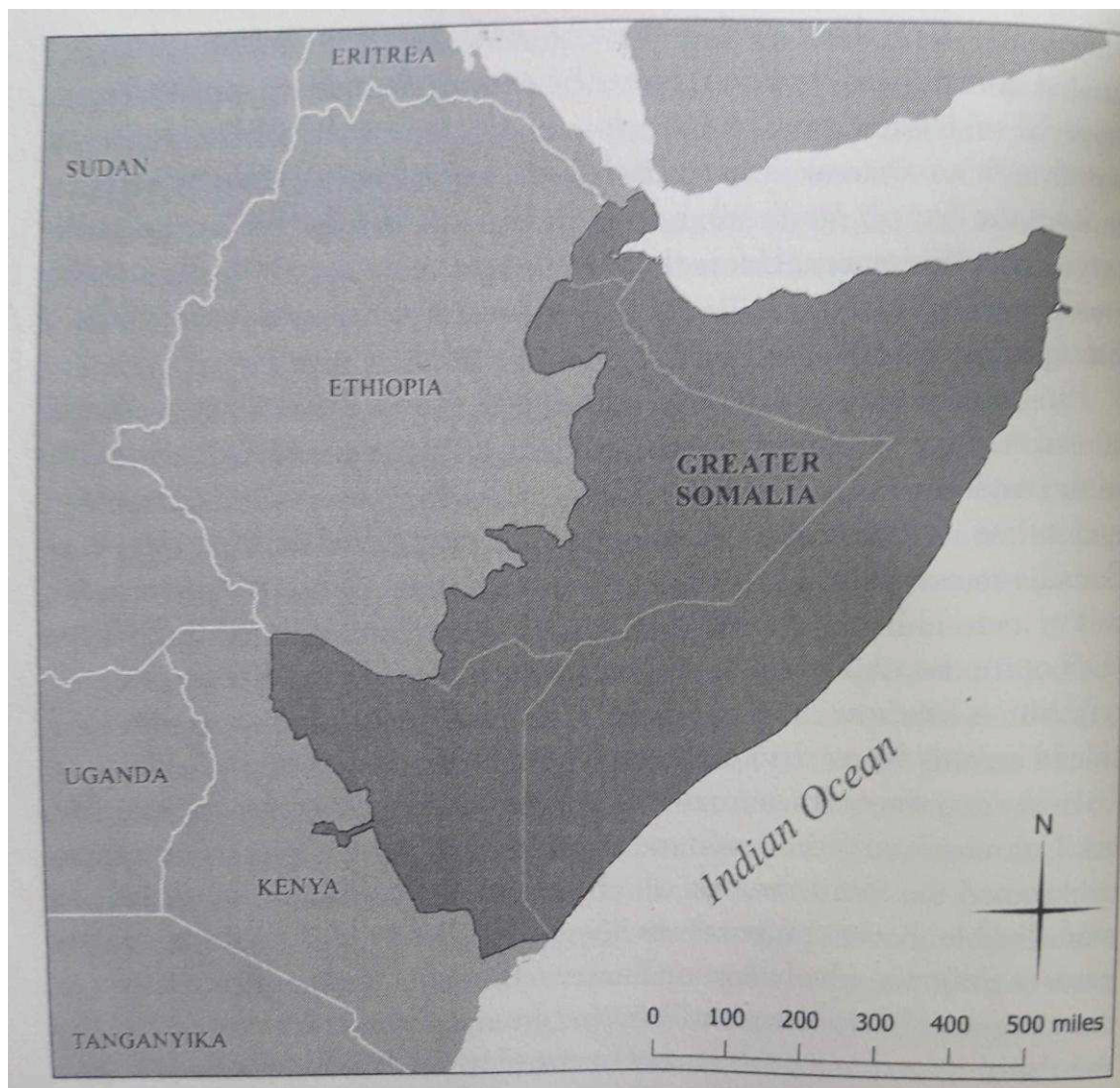
A pesquisadora americana também salienta que o nacionalismo somali, sobretudo o pan-somalismo, nunca foi um projeto puramente da elite, nem somente as ideias nacionais europeias preencheram o projeto nacionalista somali.

Os pensadores políticos usaram canções, poesia e peças de teatro para fazer com que a retórica nacionalista Pan-somali ressoasse com os habitantes nômades em todos os vários territórios reivindicados pelos declarantes irredentistas. Eles também transformaram um fenômeno urbano de elite num movimento amplamente popular, ao rearticular o significado da nação em termos relevantes para a vida dos nortistas. (WEITZBERG, 2017, p. 98, tradução nossa).⁶⁴

⁶³ No original: [*Pan-Somali proponents mobilized an array of nonterritorial, nonsecular affiliationns in the service of a secular, territorial nationalist projects.*]

⁶⁴ No original: [*Political thinkers used songs, poetry, and plays to make the Pan-somali nationalist rhetoric resonate with nomadic inhabitants throughout the various territories claimed by irredentist proponents. They also transformed an urban, elite phenomenon into a widely popular movement by rearticulating the meaning of the nation within terms relevant to the lives of northerners.*]

Figura 13 - Território da Grande Somália (fronteiras aproximadas)



FONTE: Weitzberg (2017)⁶⁵

É importante frisar que o nacionalismo somali, levado a frente principalmente pela elitista e urbana *Somali Youth League* (SYL), se desenvolveu em conjunto com o projeto da Grande Somália. O Pan-somalismo encontrou grande número de adeptos na NFD, Weitzberg (2017) argumenta que um partido político foi criado para sustentar estes ideais, o *Northern Province People's Progressive Party* (NPPPP), serviu como principal advogado no norte do Quênia para a união dos territórios habitados por Somalis.

Outro fator distintivo do movimento pan-somali na NDF era o clamor para que outras etnias cushíticas se juntassem a Grande Somália. Na fala de Gadudow

⁶⁵ *Great Somalia*. WEITZBERG, 2017, op.cit, p. 76.

Garad Alasow, líder do NPPPP: “Borana, Sakuye, Gabbra, Rendille: todos estes são um povo que está unido [...] Nós tivemos o mesmo símbolo, um símbolo de unidade[...] Os Gabbras estão relacionados com o Garre [...] Todos estes são parte da cultura somali que mudou” (WEITZBERG, 2017, p. 99, tradução nossa).⁶⁶ Esse tipo de fala denota que ao contrário do nacionalismo somali, o pan-somalismo não se construiu e consolidou com base na autoproclamada diferença entre os somalis e seus vizinhos do Chifre da África.

A figura do camelo feminino foi um dos principais símbolos do movimento. Chamada em somali de *Maandeeq*, o camelo feminino que fornece leite abundante. O camelo estava presente na vida dos somalis, seja nas lutas (*Somali Camel Corps*) ou na alimentação, já que o leite do camelo era parte fundamental da alimentação dos somalis. Esse animal é bastante resistente, dada às condições climáticas da Somália: escassez de chuvas, temperaturas altas e longas distâncias a serem percorridas, o camelo era o único animal capaz de acompanhar os somalis no seu cotidiano.

A inscrição “Onde quer que o camelo vá é a Somália”, foi cunhada pelos pensadores do pan-somalismo e representa muito bem a vida nômade de grande parcela da população somali, que atravessava extensos territórios com o gado e o camelo. Os poemas escritos no período pré-independência por mulheres na NFD expõe como o camelo feminino era representado.

Hayeey bal eega
Hasheyda naaxday
Dhurwaaga haysta
Dhiiga baa ka hoow leh

Quem sou eu, você olharia ao redor
 A camela engordada (NFD)
 Foi agarrada por uma hiena
 E o sangue está jorrando (WEITZBERG, 2017, p. 102, tradução nossa)⁶⁷

⁶⁶ No original: [Boaran, Sakuye, Gabbra, Rendille: all these are one people who are united... We had the same symbol, a symbol of unity... The Gabbras are related to the Garre... All of these are part of the Somali culture that has changed.]

⁶⁷ No original: [Who is me, would you look around
 The fattened she-camel (NFD)
 Has been snatched by a hyena
 And the blood is pouring forth.]

Neste poema, vemos uma dura crítica dos nacionalistas da NFD ao Quênia, representado como uma hiena faminta. Uma série de poemas trazem a metáfora da camela em relação à NFD e o Quênia neste período.

*Adduunyo Hal Baan lahayn
Hashiina horor bay iga cunay
Haruub maran baan sitaa
Hoogayeey ba'ayeey ma hadhay*

Neste mundo, uma camela é tudo o que possuímos
(Mas) ela foi comida por uma besta
(Então) Estou carregando um vaso vazio
Oh desgraça arruinou todos nós (WEITZBERG, 2017, p. 103, tradução
nossa)⁶⁸

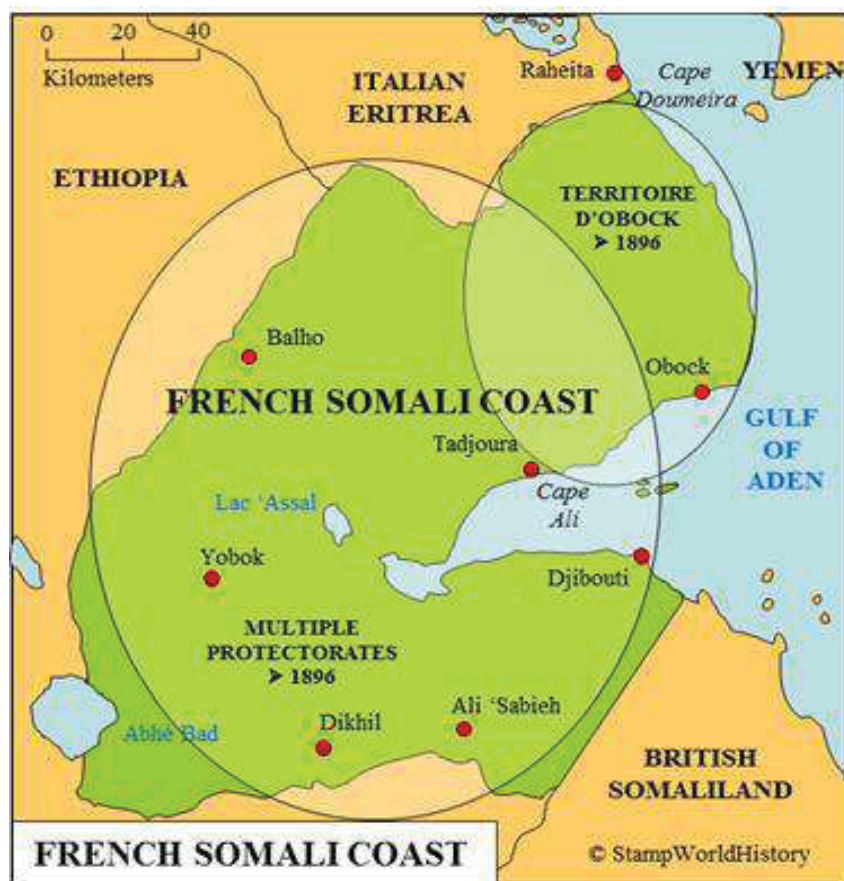
Cada uma das colônias/regiões que formariam a Grande Somália tinham aspectos particulares e apesar do movimento ter expressivo apoio no Chifre da África, nem todos os territórios tinham uma população majoritariamente Somali. O caso da Somalilândica francesa (Figura 14), chamada posteriormente de *French Territory of the Afars and the Issas*, e atualmente Djibouti, ilustra bem esta situação. Touval (1963) afirma que quase 40% da população em 1958 era do grupo Dankil, 43% Somali e os outros 17% árabes, indianos e europeus. Apesar dos somalis serem maioria, em 1958 foi feito um referendo na colônia francesa, no qual foi perguntado aos habitantes se eles desejavam continuar sob governança francesa e instituir uma Constituição, que forneceria certa autonomia política, ou se estes preferiam se independizar e se unir a Grande Somália. Para continuar sob o comando da França era necessário votar sim, e com 75% dos votos o sim venceu. (TOUVAL, 1963, p. 126).

São vários os fatores que exerciam pressão sobre esta votação. A antiga colônia possuía uma estrada que ligava Adis Ababa a cidade de Djibouti, capital do atual Djibouti. Ela ligava a capital etíope a um dos maiores portos do Chifre e ainda é a rota de escoamento dos produtos etíopes. A colônia francesa dependia e ainda depende substancialmente destas exportações, uma vez que, boa parte do seu PIB é fruto das relações comerciais com a Etiópia. E estes eram veementemente contra a formação da Grande Somália. (TOUVAL, 1963) O grupo que levou a frente o

⁶⁸ No original: [*In this world, a she-camel is all we own (But) she was eaten by a best (So) I am carrying an empty vessel Oh misfortune has ruined us all*]

nacionalismo pan-somali no território é conhecido como Issa, e apresenta um histórico de ideias separatistas desde a década de 1940. Todavia, no refendo eles enfrentaram a oposição das autoridades francesas, dos etíopes e das outras etnias que residiam no território.

Figura 14 – Somalilândia francesa



FONTE: *WorldStampHistory*⁶⁹

Quanto a NFD no Quênia, a historiografia apresenta que existia um grande apoio ao ideal pan-somali, como já mencionado, um partido havia sido criado para difundir as ideias pela província. Karen Weitzberg (2017) dedicou-se anos para escrever seu livro, entrevistando moradores locais, investigando documentos e a historiografia. Seu texto é atual e traz a luz diversos eventos que ocorreram na região por mais cinquenta anos, ela mostra também a complexidade das relações políticas e sociais entre os habitantes da província e da atual Somália.

⁶⁹ *French Somali coast*. Disponível em: <http://www.stampworldhistory.com/country-profiles-2/africa/french-somali-coast/>

Possivelmente, das cinco regiões mencionadas, a NFD é a parte na qual o pan-somalismo encontrou maior apoio. Ricos comerciantes de gado viviam na região forneceram as bases financeiras para o projeto.

Entretanto, a oposição dos futuros líderes do Quênia independente também foi bastante expressiva. Os ideais de união nacional e preservação das fronteiras eram ecos da Revolta dos Mau-Mau⁷⁰, que em 1960 foi encerrada para dar lugar as articulações políticas da independência. Assim, o ideal pan-somali proclamado veementemente na NFD ia contra o projeto nacional queniano. Ao contrário do nacionalismo somali e do pan-somalismo, o nacionalismo no Quênia enfatizava a existência de vários grupos étnicos dentro de suas fronteiras, e ligava esses grupos aos seus territórios. Como buscavam fazer parte de outra nação, os somalis passaram a ser vistos como não quenianos, não estando também dentro da luta pela independência. Weitzberg (2017) relembra a fala de um líder somali durante um discurso NFD:

Eu nunca conheci líderes africanos. Somos todos da mesma cor, mas se fôssemos irmãos, teríamos nos encontrado há muito tempo. Nós sempre consideramos a *Nortern Frontier District* como uma área por si só. Houve problemas no Quênia há alguns anos, mas não no N.F.D. Queremos separar e nos juntar à República da Somália.⁷¹ (WEITZBERG, 2017, p. 114, tradução nossa).

Tal discurso foi proclamado em 1961, poucos meses após a independência das colônias somalis e formação da República da Somália. Ele é bastante emblemático no sentido de enfatizar que os africanos são os outros, aqueles que ele

⁷⁰ Mau Mau, foi um movimento nacionalista que se originou na década de 1950 entre o povo Kikuyu do Quênia. O Mau Mau defendeu a resistência violenta à dominação britânica no Quênia; o movimento foi especialmente associado aos juramentos rituais empregados pelos líderes da Associação Central de Kikuyu para promover a unidade no movimento de independência. Em 1950, os Mau Mau foram banidos pelas autoridades britânicas e, em outubro de 1952, após uma campanha de sabotagem e assassinato atribuída aos Mau Mau, o governo britânico declarou o estado de emergência e iniciou quatro anos de operações militares contra os Kikuyu. No final de 1956, mais de 11.000 integrantes do movimento foram mortos nos combates, mais de 20.000 outros kikuyus foram colocados em campos de detenção, onde foram feitos intensos esforços para convertê-los às visões políticas do governo - ou seja, abandonar suas aspirações nacionalistas. Apesar dessas ações do governo inglês, a resistência kikuyu liderou o movimento de independência do Quênia, e Jomo Kenyatta, que havia sido encarcerado como líder Mau Mau em 1953, tornou-se primeiro ministro de um Quênia independente dez anos depois. TWADDLE, Michael. *A África Oriental*. In. MAZRUI, A. **História Geral da África vol. VIII – África desde 1935**. São Paulo: Ática/UNESCO, 1991, pp. 261-

294.

⁷¹ No original: [*I have never before met African leaders. We are all the same colour but if we were brothers we would have met long ago. We have always considered the Nortern Frontier District as an area by itself. There was trouble in Kenya a few years ago but not in the N.F.D. We want to secede and join the Somali Republic.*]

nunca conheceu os líderes. Ele era somali, e isto estava acima de ser africano. Porém, neste mesmo período Jomo Kenyata a frente da *Kenyan African National Unit* (KANU)⁷² organizava campanhas nacionalistas pela independência do Quênia e mobilizava um discurso nacional bastante persuasivo. Com o apoio dos britânicos, que não desejavam ver suas antigas colônias fragmentadas por temer a influência soviética na região, aquilo apresentado por Weitzberg (2017) como *Shifita War* teve início.

É difícil precisar uma data para o início da violência, mas entre 1963 e 1970 a população de camelos declinou em mais de 95% na província de Isiolo, principal cidade da NFD. (WEITZBERG, 2017, p. 129 *apud* HOGG, 1998). Este número é significativo porque o camelo era uma das principais formas de transporte e fornecia parte da alimentação dos somalis, então uma expressiva queda no número de animais retrata também como a região foi devastada e milhares foram mortos. Além de ter sido uma representação simbólica do pan-somalismo, que durante a década de 1960 foi radicalmente exterminado na NFD. Ainda em 1964 Kenyatta e Haile Selassie assinaram um pacto de defesa mútua, enfraquecendo ainda mais a posição da recém formada República da Somália na busca pela formação da grande Somália. (WEITZBERG, 2017, p. 128).

A *Shifita War* reforçou a identidade cultural da nação queniana, mas à custa de excluir os defensores do povo somali, que propuseram uma visão nacionalista competitiva, mas igualmente viável, que ainda não foi completamente apagada da imaginação das pessoas.” (WEITZBERG, 2017, p. 113, tradução nossa).⁷³

A situação do Ogaden (Figura 15) era também bastante complicada, porque apesar de ser majoritariamente habitado por Somalis, o deserto do Ogaden pertencia a Etiópia, um dos países em posição política mais forte no continente africano e apoiado por ingleses e americanos. O governo da Somália durante 1960-1969 percorreu reuniões da Organização das Nações Unidas (ONU) e da *Organization of Africa Unity* (OAU) apresentando seu projeto da Grande Somália. Contudo, a resposta negativa foi unânime em quase todos os lugares onde foi. A

⁷² Partido no Quênia e um dos responsáveis pela independência da antiga colônia britânica e governou até 2002, formada inicialmente como *Kenyan African Union* (KAU) em 1944, Jomo Kenyatta foi líder do partido até sua morte em 1978.

⁷³ No original: [*Shifita War reinforced the cultural identity of the Kenyan nation, but at the cost of excluding Pan-Somali advocates, who proposed a competing, yet equally viable nationalist vision, which has yet to be fully effaced from people's imaginations.*]

década de 1960 é um período que muitos países se tornaram independentes na África e buscavam manter intacta as fronteiras nacionais estabelecidas pelos colonialistas europeus durante a partilha da África. Órgãos como a ONU e OAU viam com maus olhos as reclamações dos somalis, porque atender ao ideal pan-somali abriria brecha para que outros grupos étnicos buscassem a independência em seus territórios.

A autora americana traz uma análise bastante completa, segundo Karen Weitzberg:

O irredentismo pan-somali era um produto da ordem do pós-guerra, um momento histórico em que os líderes africanos gravitavam em direção à poderosa linguagem da autodeterminação, da homogeneidade nacional e da soberania do Estado. Enquanto o Quênia e representantes etíopes retrataram o projeto pan-somali como uma incursão imperialista e uma ideologia tribalista, os delegados do norte insistiram que estavam afirmando seu direito natural à autodeterminação. Embora seja importante tratar o projeto pan-somali como uma forma legítima de nacionalismo (especialmente à luz de sua brutal supressão pelo governo queniano), é preciso também ir além da estrutura normativa que depende de se o movimento da NFD era ou não uma autêntica campanha nacionalista. Isso exige atenção às formas de pertencimento e de diferença que excedem o alcance da política jurídica e resistem a ser facilmente assimiladas em roteiros nacionalistas. (WEITZBERG, 2017, p. 113, tradução nossa).⁷⁴

O foco desta pesquisa não é o nacionalismo pan-somali, mas é necessário compreender suas intenções e organização para que possamos explorar nossas fontes de maneira completa. Neste sentido, podemos destacar que esse movimento integra diversos elementos e é bastante complexo para ser entendido e debatido em apenas algumas páginas.

⁷⁴No original: [*Pan-Somali irredentism was a product of the postwar order, a historical moment when African leaders gravitated toward the powerful language of self-determination, national homogeneity, and state sovereignty. While Kenyan and Ethiopian representatives portrayed the Pan-Somali project as an imperialist incursion and a tribalist ideology, delegates from the north insisted that they were asserting their natural right to self-determination. While it is important to treat the Pan-Somali project as a legitimate form of nationalism (especially in light of its brutal suppression by Kenyan government), one must also move beyond normative framings that hinge on whether the NFD movement truly was or was not an authentic nationalist campaign. This demands attentiveness toward forms of belonging and difference that exceed the grasp of juridical politics and resist being easily assimilated into nationalist scripts.*]

Figura 15 – Região do Ogaden entre Etiópia e Somália



FONTE: *TheEastAfrica* (2016)⁷⁵

2.5 O NACIONALISMO NO REGIME MILITAR

Com o golpe militar em 1969 o nacionalismo somali foi redesenhado pelo governo de Siad Barre. Ali Ahmed (1996) sustenta que Barre conseguiu atrair o suporte de muitos poetas para seu “novo” Estado. Os tradicionais artistas e intelectuais daquele período forneceram as razões morais e uma justificativa intelectual para o governo militar. Muito de sua retórica se assentava em palavras de ordem que clamavam o fim da corrupção e do clanismo. O líder militar e seus companheiros pareciam compreender a importância de exorcizar o clanismo do sistema sócio-político na Somália (AHMED, 1995, p. 16).

O nacionalismo da era Barre buscou em Hawa Taako e Sayyid Muhammad Abdullah Hassan, os principais heróis da história da Somália. Safia Aidid relembra:

Em 1972, o Supremo Conselho Revolucionário do General Mohammed Siad Barre aprovou uma resolução para erigir vários monumentos em

⁷⁵ *Ogaden Region*. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/indepth/features/2012/09/201291795840290803.html>

Mogadíscio em homenagem a figuras nacionalistas simbólicas e eventos na história da Somália. Estes monumentos viriam incluir Sayyid Muhammad Abdullah Hassan, líder de uma guerra anticolonial de vinte e três anos (1898-1921) contra a imposição do domínio britânico; Daljirka Dahsoon (O Soldado Desconhecido), representando todas as vidas somalis perdidas em batalha; e Hawa Osman Taako, uma mulher morta na época da Liga da Juventude Somali de 1948 [...] Em um cruzamento, lar do Teatro Nacional e no coração da capital, a figura concreta de Hawa Taako, espada e pedra na mão, está permanentemente inscrita na consciência histórica coletiva dos somalis. (AIDID, 2001, p. 103, tradução nossa).⁷⁶

Barre também se apoiou em constantes transmissões de rádio (principal veículo de notícia do período) que anunciavam os feitos do novo governo e as metas a ser alcançadas com o apoio da população. Para ter um controle efetivo de tudo que circulava no rádio e na imprensa o governo passou a ter controle sobre gráficas e sob os jornais do país. Em verdade até mesmo lançou um jornal chamado *Xiddigta Oktoober* (A estrela de outubro), nome dado em homenagem à chamada revolução de outubro. Eram realizadas festividades constantes em comemoração, principalmente, a revolução de outubro, ao dia do trabalho e a independência do país. Enormes desfiles eram organizados nas quais a imagem de Siad Barre como “pai da nação” eram sempre exaltada (Figura 18,19 e 20). Lewis (2002) afirma que os propagandistas somalis se inspiraram no culto a imagem de Stalin na URSS.

Embora existam diversas imagens sobre o período disponíveis na internet, há pouquíssimos trabalhos que discutem a propaganda política no regime socialista de Barre. Lewis (2002, 1961), Ingiriis (2016), Ahmed (1995, 1996), Aidid (2011) e Besteman (1999) abordam a existência massiva de propaganda e sua importância para a consolidação do regime militar, mas não há nenhum trabalho, dos aqui utilizados, que explorem as imagens, as figuras e os heróis nacionais empregados pelo governo do SRC.

⁷⁶ No original: [*In 1972, the Supreme Revolutionary Council of General Mohammed Siad Barre passed a resolution to erect several monuments in Mogadishu in honour of symbolic nationalist figures and events in Somali history. These monuments would come to include Sayyid Muhammad Abdullah Hassan, leader of a twenty-three year anti-colonial war(1898–1921) against the imposition of British rule; Daljirka Dahsoon (The Unknown Soldier), representing all Somali lives lost in battle; and Hawa Osman Taako, a woman killed at the time of a 1948[.]. At an intersection, home to the National Theatre and in the heart of the capital, Hawa Taako’s concrete figure, sword and stone in hand, is permanently inscribed in the collective historical consciousness of Somalis.*]

Figura 16 - Desfile na Somália em comemoração aos 15 anos de adoção ao socialismo



FONTE: *JaalleSiyaad* (1986)⁷⁷

Figura 17- Desfile na Somália em comemoração aos 15 anos de adoção ao socialismo



FONTE: *JaalleSiyaad* (1986)⁷⁸

⁷⁷ Disponível em: <http://www.jaallesiyaad.com/sawirro/soomaaliya-somalia-1986>
⁷⁸ Idem.

Figura 18- Desfile na Somália em comemoração aos 15 anos de adoção ao socialismo



FONTE: *JaalleSiyaaad* (1986)⁷⁹

É visando preencher esta lacuna que buscamos analisar uma seleção de cartazes de propaganda política da década de 1970, que podemos responder algumas questões sobre como o ideal do socialismo somali foi difundido. Assim pretendemos que cada um dos pontos principais da ideologia do governo seja debatido durante a análise dos pôsteres.

⁷⁹ Idem.

3 OS CARTAZES DE PROPAGANDA POLÍTICA NACIONALISTA DA ERA BARRE

“Aonde quer que o camelo vá, é a Somália.”

Provérbio Somali⁸⁰

3.1 A IMAGEM NA HISTÓRIA

A utilização de fontes imagéticas nas ciências humanas não é uma prática recente. Castro, Baggio e Dorella (2015, p.190) relembram que imagens sacras, profanas, políticas, artísticas, em movimento ou fixas, têm sido trabalhadas por pesquisadores como uma forma de compreender as relações humanas e sociais. E por que não acrescentar, como uma fonte abrangente para o entendimento de processos históricos e, conseqüentemente, de determinadas culturas políticas. Assim, nas pesquisas de cunho historiográfico, a presença de imagens é frequente.

Acerca do uso de imagens na historiografia, Peter Burke (2004) na obra “Testemunha ocular: História e imagem” escreve que as pinturas das catacumbas romanas foram estudadas no século XVII como fontes para a história do começo do cristianismo e, no XIX, para a história social. Para o autor toda documentação histórica sofre influências intermediárias, como as oriundas dos primeiros historiadores, arquivistas, escribas e testemunhas e, por isso, prefere pensar a ideia de “fonte” como “indícios do passado no presente”. Burke (2004) afirma que as imagens são feitas para comunicar. Segundo ele:

Como outras formas de evidência, imagens não foram criadas, pelo menos em sua grande maioria, tendo em mente os futuros historiadores. Seus criadores tinham suas próprias preocupações, suas próprias mensagens. A interpretação destas mensagens é conhecida como iconografia ou iconologia [...] (BURKE, 2004, p. 72).

A iconografia sugere Burke (2004), foi criada com a ideia de interpretar quadros renascentistas, focando no uso da tinta e nas cores escolhidas pelo autor. Aqui usaremos a iconografia como uma forma de ler e interpretar os cartazes de

⁸⁰ No original: [*Wherever the camel goes, that is Somalia.*] WEITZBERG, Op. cit., p. 1.

propaganda nacional e política do regime militar na Somália. Para isso, além das imagens utilizaremos também a historiografia do período.

Castro, Baggio e Dorella (2015, p.190) destacam alguns cuidados que devem ser tomados ao utilizar a imagem como fontes. Segundo os autores as imagens não podem ser trabalhadas como representações exatas da realidade, pois em muitos casos seus ícones compreendem discursos idealizados de um determinado grupo social e que defendem uma narrativa histórica particular. As representações imagéticas são, portanto, indícios e traços do que aconteceu, elas apresentam uma memória composta também de esquecimentos, pois a imagem comporta o que deve ser lembrado e deixa de lado o que deve ser esquecido. As imagens são fundamentais na construção de memórias coletivas sobre um determinado período ou sobre eventos do passado. Os pesquisadores do texto sobre as imagens da Revolução Cubana afirmam que:

[...] adotar uma imagem como fonte historiográfica compreende um grande desafio, pois é preciso identificar, entre ícones, cores e técnicas, aspectos que guardam em si os silêncios, implícitos e ideologias deixados como rastros do passado. Trata-se de reconhecer que representações e ações estão intimamente ligadas e que é impossível separar uma produção imagética, esteja ela representando algo “real” ou “fictício”, de seu contexto social. (CASTRO; BAGGIO; DORELLA, 2015, p. 191).

Retomando Burke (2004), em muitas imagens, para que esta seja melhor compreendida, o artista insere uma legenda, uma frase, pequenos textos ou explicações, que foram chamados pelo historiador da arte Peter Wagner (1995) de iconotexto. Eles articulam uma explicação da imagem ou, como veremos, exaltam eventos ou conquistas de um determinado grupo. Castro, Baggio e Dorella (2015, p.192 *apud* PINTO, 1995) sustentam que os iconotextos têm três funções distintas: a primeira é chamada de ênfase na qual os textos apontam para detalhes que devem ser favorecidos na leitura de uma imagem; a segunda é a função do conhecimento, a imagem transmite mal uma ideia, seja por causa de cores ou posições, e o texto passa a exercer o papel de acrescentar uma informação para a compreensão da imagem; por fim, a última é a “imobilização dos níveis de percepção que encarrega o texto de estabelecer um ponto de vista para a inteligibilidade da imagem evitando, assim, a polissemia.”

3.1.2 Os cartazes de propaganda

Os primeiros cartazes começaram a circular nas grandes cidades no XIX como formas de divulgação de espetáculos e casas de entretenimento, posteriormente, com o surgimento da litografia puderam se tornar mais personalizados. Assim, passaram a ser o principal veículo de informação e divulgação de todo tipo de serviço ou produto, de campanhas de saúde até movimentos políticos. Neste trabalho, nosso foco volta-se para o cartaz como meio de divulgação de propaganda política nacionalista. Para tal análise entendemos o conceito de propaganda como:

[...] é a difusão deliberada e sistemática de mensagens destinadas a um determinado auditório, visando a criar uma imagem positiva ou negativa de determinados fenômenos (pessoas, movimentos, acontecimentos, instituições etc.). A propaganda é, pois, um esforço consciente e sistemático destinado a influenciar as opiniões e ações de certo público ou de uma sociedade total (CASTRO, BAGGIO E DORELLA, 2015, p.190 *apud* BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2004, p.1018).

A propaganda está presente na sociedade desde a antiguidade imagens, ícones, símbolos foram criados como forma de dominação, demonstração de poder e para gerar consenso. Os Romanos e seus grandes monumentos espalhados por todo o Império representam um poder onisciente e onipresente. Castro, Baggio e Dorella (2015) relembram que a palavra propaganda foi utilizada pela primeira vez pelo Papa Gregório XV no período da Reforma protestante. Porém, a palavra com o significado que elencamos aqui, só adquiriu tal definição após a Revolução Industrial e Francesa, período no qual muitos cartazes foram espalhados pelas cidades europeias.

A Segunda Guerra Mundial foi o período de auge da propaganda através de cartazes. Foram milhares de cartazes elaborados por americanos, soviéticos, nazistas, fascistas, japoneses e franceses.⁸¹ E cada país desenvolveu suas particularidades em relação aos seus cartazes. Durante essa guerra ficou também explícito que através de filmes, exposições de arte, livros e cartazes tinham um longo alcance ideológico e um efeito maximizado sobre a população. Não somente na Europa a propaganda foi utilizada como forma disseminar ideias.

⁸¹ Cf. BARNICOAT, John. **Los cartales: Su historia y su lenguaje**. Thames and Hudson: London, 1972.

Maria Helena Capelatto (1998) no texto “Multidões em Cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo” escreve sobre a propaganda e os meios de comunicação no Peronismo e Varguismo. Segundo a autora, as propagandas elaboradas pelo Estado, manipulam os sentimentos do público buscando despertar fortes emoções de pertencimento. Os meios de comunicação são fundamentais para intensificar as emoções, sendo literatura, teatro, arquitetura e arte outros elementos que podem entrar em múltiplas combinações e provocar resultados diversos. Capellato (1998), ainda destaca que a técnica da propaganda assume relevância na produção e divulgação de todo aparato simbólico produzido por governos autoritários ou não com o objetivo de fazer a partilha do mundo sensível, à época expressa na forma de cultura política nacionalista veiculada por intelectuais.

O cartaz é um meio de propaganda e foi usado massivamente no período da Segunda Guerra e também na Guerra Fria. Castro, Baggio e Dorella (2015, p.196) asseguram que a essa forma de produzir propaganda convencionou-se chamar *Prop Art* (CASTRO, BAGGIO; DORELLA, 2015, p.196 *apud* YANKER, 1972).

[...] isto porque, sendo o cartaz um instrumento de propaganda política e, conseqüentemente, ideológica, ao mesmo tempo, emprega elementos artísticos e estéticos para dar vida à sua mensagem e influenciar a atitude de seu público. É considerado um meio de propaganda eficiente porque, ao valer-se de símbolos, desenhos e ícones são capazes de difundir ideias, doutrinas e práticas de forma rápida, demandando pouco esforço intelectual, isto é, a imagem é trabalhada visando a uma compreensão rápida do conteúdo comunicativo sem dar tempo para posicionamentos críticos. Além disso, uma imagem “fala” àquela parcela das populações que não é capaz de ler ou decifrar códigos mais sofisticados, como os que comportam a retórica, transmitindo as mensagens ideológicas de maneira superficial em um curto espaço de tempo.

A propaganda funciona de forma bastante complexa e segundo Jean Marie Domenach (1955) se baseia em leis. A primeira, chamada de Lei da Simplificação, traduz-se na estratégia de simplificar o desenho ou ideias para um grande alcance de público, aqui bandeiras, insígnias e símbolos são comumente empregados. A segunda é a Lei de Ampliação e Desfiguração, ou seja, colocar ênfase em determinados eventos ou exagerar em certos fatos e circunstâncias, para que eles sejam valorizados pelo público. A terceira chamada de Lei da Orquestração serve para gravar na memória do público, determinados temas, sendo estes apresentados de várias formas para não se tornarem repetitivos. A Lei da Transfusão afirma Domenach (1955, p.68) se baseia em identificar e explorar os variados gostos

populares, para dar as bases para as reivindicações populares. E por fim, a Lei de Contágio, na qual a força do propagandista é demonstrada, buscando enaltecer sentimentos de exaltação e medo, levando o indivíduo a aceitar ideologias políticas, que parecem ser compartilhadas pela maioria. As leis serão melhor exploradas na análise das fontes e buscaremos dialogar com outros autores que também abordam a propaganda de massa.

A propaganda comunista é um capítulo a parte na história da propaganda. Os comunistas se inspiraram em sua maioria na grande máquina propagandística da URSS, pensada inicialmente por Lênin a partir de 1917. Segundo Peter Kenez (1985), autor do livro *"The birth of propaganda state"*, os bolcheviques pensando a propaganda como parte da educação. A ideia principal dos diversos meios propagandísticos da URSS em suas primeiras décadas era educar a população na ideologia marxista e informar sobre os eventos e conquistas da URSS, sendo também um meio de impedir que qualquer outro tipo de informação fosse divulgado por uma imprensa não oficial. Os bolcheviques pensaram em construir um novo sistema educacional para instilar sua ideologia nos mais novos e também nos mais velhos, sendo na opinião de Lênin, a propaganda uma forma valiosa de doutrinação. (KENEZ, 1985, p. 9).

Apesar da contemporaneidade, o historiador americano afirma que, não é possível aproximar a propaganda dos fascistas e nazistas a da União Soviética. Para ele, embora existam inúmeras superficiais e significantes similaridades, os fascistas e nazistas não tinha nada a ensinar ao seu público, lhes faltava ideologia, o fascismo era um vazio intelectual, ao contrário do comunismo. (KENEZ, p.10). Kenez (1985), no entanto, relembra que a similaridade entre alemães, bolcheviques e italianos estava na repressão, quando problemas ou possíveis desviantes surgiam, estes não hesitavam em reprimir com violência. A propaganda comunista, de modo geral, buscou educar para a revolução, procurou também criar uma memória coletiva oficial. (CASTRO; BAGGIO; DORELLA, 2015). Cuba, China e URSS, tentaram estabelecer uma política cultural oficial do Estado, os artistas e intelectuais que não atendiam ou se recusavam a participar desta política oficial eram exilados, perseguidos e silenciados. Era importante exaltar a tecnologia, o progresso, a natureza, o trabalho, os símbolos nacionais e também líderes nesta cultura oficial. Ou seja, tudo aquilo que constituía o Estado e suas fundamentações ideológicas. Lincoln Cushing (2007, p.9) no livro *"Chinese posters: Art from the Great Proletarian*

Cultural Revolution” destaca também que os cartazes políticos em qualquer lugar do mundo podem ser divididos em duas categoriais: aqueles produzidos pelo sistema dominante e aqueles que desafiavam este sistema. Os aqui analisados integram os que foram produzidos pelo *establishment*.

No caso da Somália, como veremos, muitas das técnicas e fórmulas aqui mencionadas foram empregadas, adaptados ao cenário físico, ideológico e social da Somália. A influência da URSS é inegável, como debatido no capítulo anterior, durante quase toda a década de 1970 os dois países estiveram muito próximos. A fabricação e disseminação dos cartazes políticos pode ser entendido como uma evidência do entendimento dos intelectuais somalis, por trás das propagandas estatais, do aparato propagandístico dos soviéticos. Segundo a nossa perspectiva, os cartazes somalis se caracterizam como de propaganda estatal política nacionalista, pois os elementos nacionais estão sempre sendo empregados e a exaltação das conquistas do Estado autoproclamado socialista também. No entanto, dado o contexto da Guerra Fria e de outras revoluções socialistas do século XX não podemos limitar as influências socialistas recebidas pelos somalis. Como veremos agora, os cartazes somalis se assemelhavam mais aos chineses do que ao realismo socialista soviético.⁸²

3.1.3 A Revolução Cultural chinesa e seus pôsteres

Durante as décadas de 1960 e 1970 ocorreram importantes mudanças culturais por todo o globo. No mundo capitalista protestos contra a guerra do Vietnã e a ascensão do movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos marcaram esse período. Do outro lado da cortina de ferro a URSS alcançava grande influência no sul do mundo com o apoio a Revolução Cubana e aos países que buscavam independência na África. Nesta época China e soviéticos já não eram mais aliados e Mao Zedong avançava no sentido de dominar politicamente a República Popular da China. Dentro deste contexto em 1966 Mao deu início a chamada Revolução Cultural na China.

⁸² Cf. KENEZ, Peter. *The birth of propaganda state: Soviet methods of mass mobilization, 1917-1929*. Cambridge University Press: New York, 1985.

A Revolução Cultural começou em 1966 quando o presidente Mao Zedong, governante da China comunista, estava preocupado com seu controle sobre o país. Segundo Patricia Powell e Joseph Wong (1997), a responsabilidade pela fome e morte generalizadas recaiu sobre Mao depois de uma política fracassada chamada de "O Grande Salto Adiante". Além disso, outros líderes comunistas como Nikita Khrushchev, na União Soviética, foram retirados do poder, fazendo com que Mao acreditasse que seria o próximo a ser deposto. Mao observou que a China estava muito distante do ideal da ideologia comunista. Sua solução foi recrutar jovens e estudantes para uma organização chamada Guarda Vermelha, que informaria aos membros do Partido Comunista quem se pensava não serem verdadeiros crentes. Com as escolas fechadas, crianças de todas as idades se juntaram à Guarda Vermelha e começaram a perseguir ou até mesmo atacar pessoas consideradas inimigas da revolução comunista.

A Revolução Cultural visava desconstruir todos os aspectos da cultura chinesa que não se alinhavam com o comunismo. Esses aspectos foram chamados "*The Four Olds*", significando cultura, hábitos, ideias e costumes que poderiam ter sido historicamente populares, mas não eram compatíveis com o comunismo. Locais históricos foram destruídos, incluindo os locais de sepultura dos antigos imperadores da China. Mao escreveu um livro, chamado "O Pequeno Livro Vermelho", destinado a servir como exemplo de como o povo chinês deveria viver. Qualquer um que não seguisse esse exemplo poderia ser preso ou morto. A revolução cultural também tinha o objetivo de educar as massas na ideologia comunista. A propaganda política foi intensamente utilizada para assinalar o que era errado fazer e como agora deveria ser feito. A educação e a figura de Mao foram largamente utilizadas em cartazes e em várias formas de artes, para disseminar a ideologia comunista e coibir as chamadas "práticas burguesas". Segundo o próprio líder chinês: "literatura e arte se encaixam bem em toda a máquina revolucionária como parte integrante [...] Elas operam como armas poderosas para unir e educar o povo e para atacar e destruir o inimigo."⁸³ (POWEL; WONG, 1997, p. 777 *apud* ZEDONG, 1978).

Mao via a arte como um instrumento político e educacional, assim como seus vizinhos soviéticos. Utilizou a arte e, sobretudo, pôsteres como Lênin havia

⁸³No original: [...]*literature and art fit well into the whole revolutionary machine as a component part. They operate as powerful weapons for uniting and educating the people and for attacking and destroying the enemy.*]

pensado décadas antes. Uma forma de ensinar a ideologia comunista e erradicar as antigas práticas burguesas. A Revolução Cultural Chinesa ocorre durante parte do período que aqui investigamos. Através do artigo “*Posters from the Chinese Cultural Revolution*” de Patricia Powel e Joseph Wong, pudemos perceber como os cartazes somalis se assemelham em estrutura e traços aos chineses (Figura 21) e não aos cubanos ou soviéticos, observados a partir de outras bibliografias já citadas. No próximo capítulo as similaridades estéticas dos cartazes chineses e somalis, pensando no tipo de slogan utilizado, a centralidade na temática do progresso e no culto ao líder, serão melhor abordados.

Figura 19— Cartaz da República Popular da China fixado em Sanghai em 1967



FONTE: *International Institute of Social History*⁸⁴

84 Disponível em: <http://hdl.handle.net/10622/B98A2627-21A9-465E-8909-0A99524DCC20> O cartaz traz a seguinte frase escrita em chinês “O presidente Mao é o sol vermelho nos corações das pessoas do mundo.”

Durante diversas situações em 1974 o ministro da orientação nacional do governo de Barre, General Isma'il 'Ali Abokor, anunciou que o processo de educação no campo que estava sendo implantado era uma Revolução Cultural. (LEWIS, 2002, p. 216.) palavras que não podemos deixar de relacionar com a Revolução Cultural Chinesa. Que neste momento se empenhava em educar as massas campesinas na China. A República Popular da China havia emprestado mais de 160 milhões de dólares para a Somália até 1979, relembra Said Samatar (1988). Porém, a relação entre os países é pouco mencionada na historiografia. Samatar (1988) afirma que não havia conexões militares entre os países, mas as relações eram cordiais e a China havia investido em hospitais, fábricas e um grande complexo esportivo em Mogadíscio. Além de ter construído uma imensa estrada que saía da capital do país ao sul da África.

Apesar da falta de discussões sobre a relação entre os países na historiografia, as fontes a seguir vão colaborar em demonstrar que o projeto de propaganda política nacional na Somália da era Barre, pode ter se inspirado nos modelos chineses de pôsteres. Assim como na proposta educacional da propaganda comunista empregada, sobretudo, na China, em Cuba e na URSS.

3.2 O IDEÁRIO NACIONAL SOMALI EM IMAGENS (1974-1976)

Quando se emprega análise de fontes na história é fundamental que se proceda a partir de uma série de critérios construídos ao longo de séculos do desenvolvimento da pesquisa histórica. Já apresentamos um breve debate sobre o uso de imagens na história e quais os elementos devem ser considerados. As fontes aqui analisada são cartazes de propaganda política, disponíveis *online* e sendo caracterizados como fontes primárias digitais e documentos primários digitalizados. (ALMEIDA, 2011, p.20). Ou seja, são fontes que foram encontradas em sites *online*, mas que existem de forma física em algum outro lugar e foram digitalizadas para estarem disponíveis na internet.

Documentos elaborados pelos somalis são difíceis de serem encontrados. Grande parte da historiografia sobre a Somália se vale de relatórios do período colonial, elaborados pelos europeus, ou entrevistas feitas na Somália sobre os períodos trabalhados. Fontes do período militar são mais acessíveis, tendo em vista

que o regime produziu muitos documentos e alguns acabaram cruzando oceanos. Além disto, há muita coisa *online* sobre o período. O site www.jaallesiyaad.com/ reúne fotos, discursos e vídeos do período. Acredito que o administrador do site seja Mohammed Ibrahim Shire, autor somali do livro “*Somali President: Mohammed Siad Barre, his life and legacy.*” Há fotos de pessoas com o livro em uma das seções do site e o endereço eletrônico foi feito em homenagem ao ex-líder militar, já que há diversos elogios a Barre e parece desejar preservar a memória do ex-presidente e do período. Deste endereço retiramos muitas das imagens aqui utilizadas e encontramos uma série de pôsteres.

Os cartazes aqui analisados foram inicialmente encontrados no site www.somalispot.com um blog, aberto ao público. Porém, após alguns meses de pesquisa, encontramos uma grande coleção de pôsteres no arquivo digital da *Universidad Roma Tre*, na seção do *Centro Studi Somali*.⁸⁵ Os cartazes estão disponíveis no site e tem autorização para serem reproduzidos fora dos domínios do *Centro*, ou seja, estão abertos para domínio público. O departamento de estudos somalis desta universidade detém os cartazes no formato físico e a digitalização foi feita pelo próprio *Centro*, que também possui uma série de outros materiais sobre a Somália.

Encontrei também, durante as pesquisas o site da *Indiana University*, que reúne uma série de documentos somalis na *The Digital Somali Library*.⁸⁶ Nesta seção do site da universidade é possível encontrar vários cartazes de propaganda política, no entanto, eles não compreendem o período aqui trabalhado. A universidade americana possui uma das maiores coleções de documentos somalis do mundo (GIBBS, 1997, p.34) que foram doados pela *Somali Studies International Association*, associação que entrei em contato para descobrir se ela pode me fornecer maiores informações sobre os pôsteres aqui utilizados e confirmar as traduções. O artigo “*Indiana University Libraries Somali posters preservation project*” escrito por Ann Gibbs traz maiores informações sobre a preservação dos pôsteres doados a universidade e também sobre o acervo.

⁸⁵ Para buscar os cartazes é necessário buscar palavras chaves que estejam presentes nos documentos. A universidade tem uma coleção de mais de cem pôsteres e estou aguardando o retorno do *Centro Studi Somali*, em relação ao email enviado, no qual pedi mais informações sobre os documentos.

⁸⁶ Disponível em: http://www.indiana.edu/~libsalc/african/Digital_Somali_Library/history.html

Os cartazes compreendem o período entre 1974 a 1976, e foram selecionados com base nestes anos porque eles fazem parte do período posterior ao golpe militar e anterior ao conflito com a Etiópia (1977-1978). Após o início da guerra o contexto histórico sofreu grandes mudanças, sobretudo, políticas e não seria possível trabalhar em uma dissertação todo o contexto e suas modificações. A proposta é analisar a propaganda política nacional entre 1969 a 1976. Não encontrei cartazes anteriores a 1974. Como requisitos para seleção utilizei: a língua utilizada, os cartazes teriam de estar escritos em somali, inglês ou francês, deveria dialogar com a propaganda política nacional e estar dentro do período abordado.

O primeiro cartaz (Figura 19) seria uma imagem em comemoração ao dia 24 de abril que segundo a imagem é o dia contra o imperialismo, colonialismo, neo-colonialismo, e racismo. Fiz uma longa pesquisa e encontrei apenas alguns cartazes⁸⁷ também africanos que faziam menção ao dia como o dia internacional de solidariedade entre estudantes e jovens contra o colonialismo, pela independência nacional e coexistência pacífica. A *World Federation of Democratic Youth*, em sua página do facebook⁸⁸, comemorou em 2017 os 60 anos da *International Solidarity Conference with the Colonies under Portuguese rule 1967*, sediada em Conakry capital da ainda colônia Guiné-Bissau. Essas foram às únicas informações que pude encontrar sobre o dia

O cartaz é de 1974, período em que Barre já havia adotado o socialismo como ideologia do regime e havia organizado os primeiros grandes programas de desenvolvimento econômico. Como enfatiza Ingiriis (2016) grande parte de seus discursos enfatizavam a luta contra o colonialismo e neo-colonialismo, que pode ser entendido como novas práticas das antigas metrópoles nas colônias. O que se destaca neste cartaz é a ilustração, na qual o globo tenta talvez comer a baleia. Este globo pode estar representando o *World Bank*, já que o símbolo do banco (Figura 23) é muito similar ao representado no cartaz. Segundo o site⁸⁹ do *World Bank*, este foi fundado em 1944 com o objetivo de fazer empréstimos aos países destruídos

⁸⁷ Cf. *24 April day of international solidarity with the students and youth against colonialism...* Disponível em: <http://www.terry-posters.com/poster/35678-24th-april-day-of-international-solidarity-with-the-students-and-youth--against-colonialism-for-national-independence-and-peaceful-co-existence>

⁸⁸ WFDY. Disponível em: <https://www.facebook.com/wfdymjd/photos/pcb.1399671096765551/1399670700098924/?type=3&theater>

⁸⁹ World Bank, disponível em: <http://www.worldbank.org/en/about/history>

pela Segunda Guerra Mundial. Em meados 1960, com a fundação do *International Finance Corporation*, a instituição tornou-se capaz de emprestar dinheiro para empresas privadas e instituições financeiras em países em desenvolvimento. Com isto o banco colocou maior ênfase em desenvolver os países mais pobres, parte de uma mudança constante em direção à erradicação da pobreza, tornando-se o principal objetivo do Grupo Banco Mundial. Esta é a retórica construída *pelo World Bank* para se apresentar ao mundo. Entretanto, o principal objetivo do banco é aumentar seus lucros e durante os anos 1960 e 1970, esta instituição interveio em vários países em desenvolvimento da África e da América Latina, financiando projetos econômicos e pressionando os governantes a seguir determinados modelos econômicos.

A pesca é uma importante fonte de renda e de alimentos na Somália, e durante certos períodos do ano há uma grande migração de baleias azuis na costa do Oceano Índico. Assim anualmente milhares de baleias são vistas transitando próximas a praias na Somália.⁹⁰ Podemos supor que o desenho visava representar a possível tentativa de dominação de instituições imperialistas, como o *World Bank*, em relação à Somália, um país auto-declarado socialista que buscava não obter empréstimos de órgão capitalistas (SAMATAR, 1985). Siad Bare criou bancos na Somália para financiar o desenvolvimento no país. no entanto o dinheiro vindo destes bancos em geral provinha de ajuda financeira internacional de países Ocidentais, como os EUA, e orientais como a URSS - e também não privatizar suas empresas, que pouco antes de 1964 haviam sido estatizadas pelas políticas de Siad Barre. Segundo as informações da *Universitá Roma Tre*, o cartaz tem 49,8 cm de altura e 34,7cm de largura, o que demonstra que ele possivelmente não foi colocado em uma parede muito grande e exigia que as pessoas se aproximassem para lê-lo.

⁹⁰ Cf. WDCS report. *Cetaceans in the Indian Ocean Sanctuary: A review*. Wilthsire: WDCS. 2002. 95

Figura 20 - Cartaz 24 APRIL

FONTE: *Centro Studi Somali*⁹¹91 Disponível em: <http://dspace-roma3.caspur.it/handle/2307/1662>

Figura 21 – *World Bank logo*

Fonte: *BrandsofTheWorld*⁹²

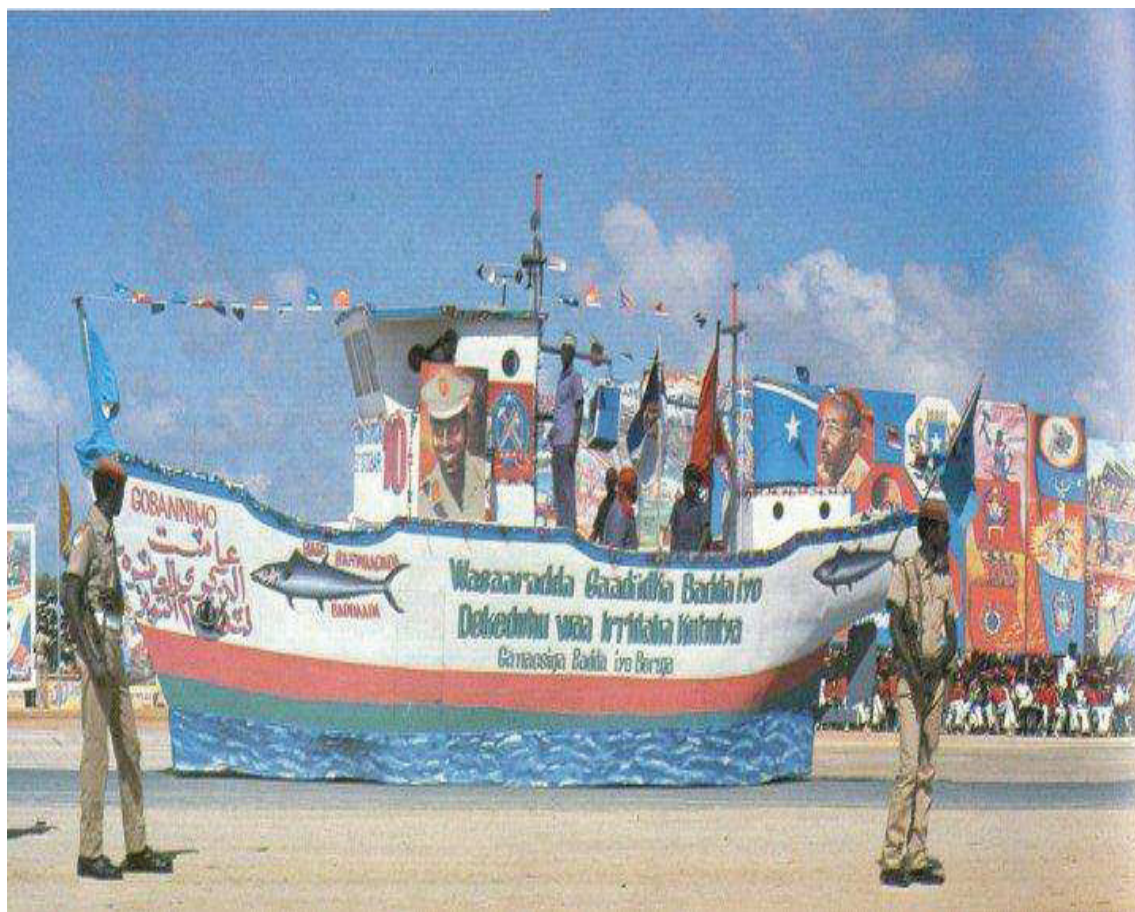
Baleias e peixes eram muito utilizados como símbolos nacionais, a Figura 21 é de um desfile nacional no qual podemos ver um barco com um tubarão pintado. A presença de um barco em um desfile nacional demonstra como a pesca era parte do imaginário sócio cultural da população somali. Infelizmente não é possível ler o que está escrito em cima da imagem do tubarão, porque a resolução da foto é baixa e não é possível aumentar a imagem. A cor azul do cartaz, podemos supor, tem ligação com a baleia azul (observada diversas vezes no litoral da Somália)⁹³, mas também com a cor que simbolizava a bandeira da Somália e seu escudo de armas.

É interessante pensar no uso do inglês, uma vez que, durante todo o período colonial foi à língua oficial da Somalilândia. No entanto, apenas um grupo pequeno de indivíduos falava inglês, em geral, composto por indivíduos que haviam trabalhado no governo colonial ou estudado nas escolas britânicas. É difícil traçarmos quais as bases para o governo ter lançado esta data, como já mencionado foi encontrado apenas indícios online de que este dia teria sido definido nas colônias africanas de Portugal ainda na década de 1960. Esse pôster é único em relação aos demais por apresentar uma forma de discurso do governo Barre contra o colonialismo, os outros apresentam um caráter bastante ideológico e desenvolvimentista.

⁹² Disponível em: <http://www.brandsoftheworld.com/logo/world-bank?original=1>

⁹³ WDCS, 2002, op. cit., p. 6.

Figura 22 – Desfile nacional (1974)



FONTE: JalleSiadBarre⁹⁴

3.3 O ESTABELECIMENTO DOS EUROPEUS NO CHIFRE DA ÁFRICA

O Chifre da África teve sua colonização, pelas potências europeias, iniciada em fins do século XIX. Italianos, franceses e ingleses dominaram este território através de guerras de conquista, acordos comerciais e pactos de proteção com líderes locais. Por volta de 1930 quase toda a região já estava sendo comandada por europeus. Sendo os conflitos com o líder religioso somali Sayyid Muḥammad Ibn 'Abdallāh o maior obstáculo enfrentado pelos britânicos para a ocupação dos territórios da Somalilândia⁹⁵. Esta porção do continente africano foi durante séculos vista como um relevante ponto estratégico, pois fica próximo ao Golfo do Aden que

⁹⁴ Disponível em: <http://www.jallesiyaad.com/sawirro/waagi-kacaanka-revolutionary-government>

⁹⁵ Entre 1900 e 1920 o Império Britânico travou um conflito armado contra o chamado Estado Dervish, liderado pelo religioso muçulmano somali conhecido como “Mad Mullah”. O território deste reino muçulmano ficava na região norte da atual Somália e tinha como objetivo impedir as conquistas britânicas e preservar a autonomia do Islã nesta região. LEWIS, 2002, Op. cit., p. 42-47.

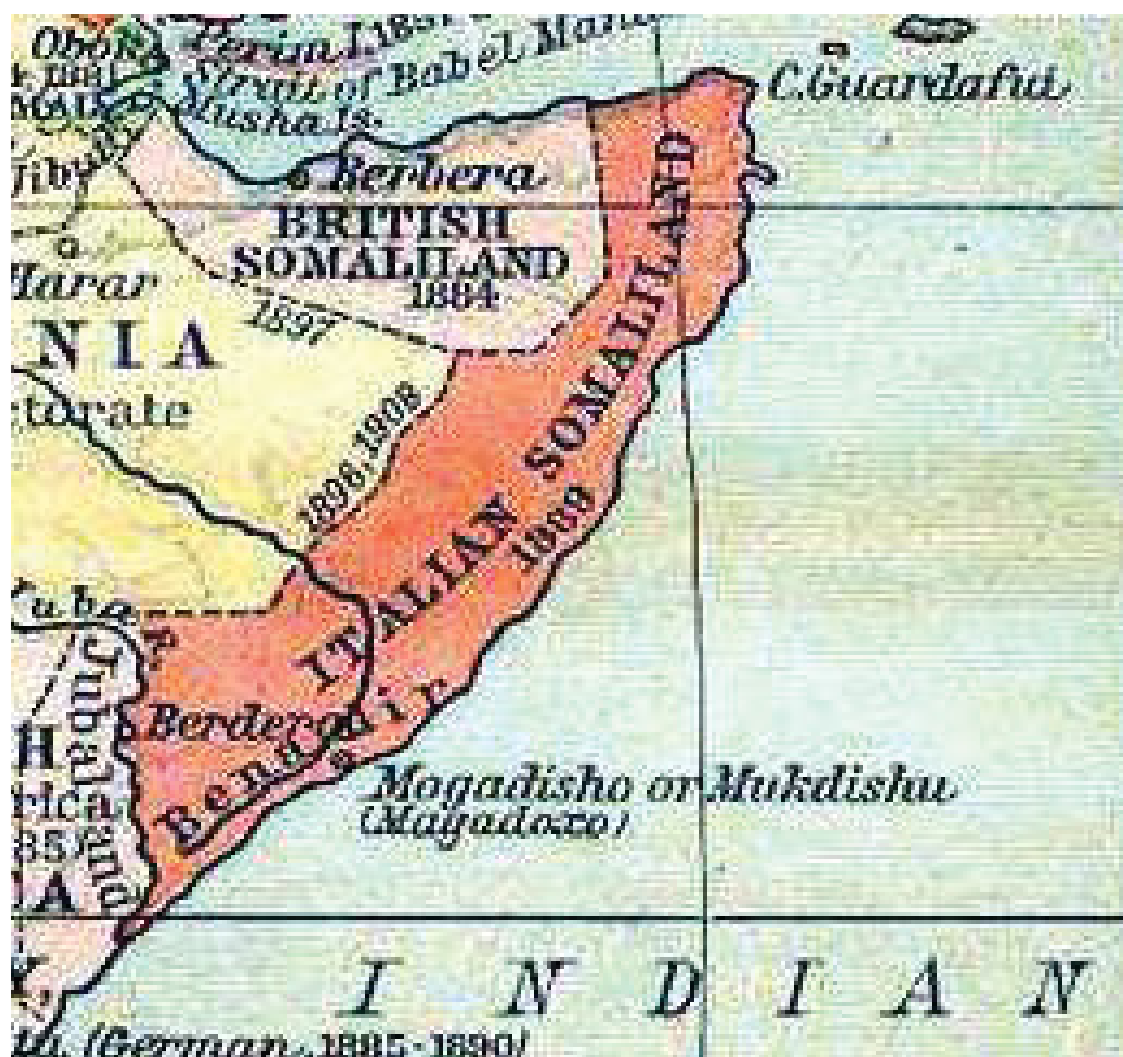
separa a África da península arábica, além de ser a porção do continente mais próximo da Ásia. Esta localização geográfica tem grande significância do ponto de vista comercial, cultural e também, durante o século XX, foi relevante para o cenário da Guerra Fria. Portanto, ressaltamos que muitos interesses sempre estiveram em jogo no Chifre da África e as potências coloniais tiveram grande urgência em dominar esta região.

A Somália possui um litoral que faz fronteira com a península arábica e teve seu atual território colonizado por italianos e ingleses em uma divisão retratada no mapa da Figura 23. O estabelecimento dos ingleses se deu, majoritariamente, através de acordos de proteção formados entre o governo britânico e líderes clânicos. Esses tratados, em sua maioria, visavam à proteção destes grupos locais pelos britânicos. Contudo, é preciso compreender um pouco do contexto local, na segunda metade do século XIX, para entender como se deu a relação entre britânicos e as lideranças somalis.

Após a Conferência de Berlim em 1884-1885 que resultou na chamada partilha da África, os países europeus envolvidos no tratado passaram a efetivamente ocupar as regiões por eles ambicionadas. Como afirma Ioan Lewis (2002), a interferência dos colonizadores criou distúrbios em diversas regiões do continente e agravou conflitos já existentes. No caso da Somália, os conflitos travados no Harar⁹⁶ aprofundaram rixas entre os Oromos - etnia que habita uma grande porção da atual Etiópia e, também outras áreas do Chifre - e os Somalis, que escravizaram por décadas o primeiro grupo. Os conflitos entre os clãs também levaram líderes de alguns destes a aceitar auxílio britânico na Somalilândia. A “ajuda” europeia veio na forma de acordos de concessões: os ingleses ajudavam com armas e tropas e em troca estes chefes clânicos e emires davam permissão para que estes atuassem e estabelecessem tropas nestes territórios.

⁹⁶ Harar é um território localizado entre a atual Somália e a Etiópia, é uma região densamente povoada por somalis que a partir de 1880, com a intervenção egípcia e britânica na região, passou por intensas instabilidades, uma vez que, passou a ser controlado pelos britânicos que posteriormente concederam o território à Etiópia. LEWIS, 2002, Op. cit., p. 40-55.

Figura 23 - Somalilândia e Somália Italiana



FONTE: *British Empire* (1922)⁹⁷

Muitos desses acordos tinham em seu preâmbulo a seguinte frase “[...] para a manutenção de nossa independência, para preservação da ordem e de outras boas e suficientes razões.” (LEWIS, 2002, p.46, tradução nossa).⁹⁸ Ou seja, esses contratos não cediam territórios e nem controle econômico ou político de qualquer área. Porém, ao longo das décadas os ingleses expandiram os acordos e passaram a dominar esses territórios e suas populações assumindo seu controle político e econômico.

A chegada e dominação dos italianos de boa parte do sul da atual Somália, também se deu em métodos similares. Através de acordos com líderes locais os italianos puderam instalar bases de controles nessa região, especialmente na costa

⁹⁷ Africa map. Disponível em: <https://www.britishempire.co.uk/maproom/britishsomaliland.htm>

⁹⁸ No original [... for the maintenance of our independence, the preservation of order, and other good and sufficient reasons.]

de Benadir, importante entreposto comercial que prosperava há séculos. Assim como com os britânicos, os distúrbios causados pela ocupação europeia do continente geraram conflitos e insegurança nos chefes locais que preferiram o apoio estrangeiro para lutar e defender seus territórios. A grande diferença que podemos sinalizar entre o sul e o norte da Somália é a configuração da população, que se dividia, em sua maioria, em nômades transumantes ao norte, envolvidos com o pastoreio, e grupos fixos no sul, em geral trabalhando com comércio, agricultura e em menor escala pastoreio. Portanto, como assinala Lewis (2002), o período entre 1860-1897 pode ser considerado como a época de partilha e estabelecimento dos ingleses e italianos no território da atual Somália. Entre 1900 a 1920, os britânicos lutaram contra o Estado Dervish para conquistar esta porção do território somali e até 1960⁹⁹ ambas as potências controlaram a região da atual Somália.

Lewis (2002) menciona, ao longo de sua narrativa histórica sobre os Somalis, que esse povo tem travado lutas na região do Chifre há séculos, principalmente, com o antigo reino da Abissínia.¹⁰⁰ Conflitos travados por motivos religiosos (*Jihad* dos Somalis contra os abissínios) e por disputas de recursos econômicos das terras locais. O autor afirma também que “[...] Somalis são um povo que gostam da guerra.” (LEWIS, 2002, p.11, tradução nossa)¹⁰¹ e que “Apesar da prevalência da guerra, do feudo e da luta, principalmente entre os nômades, nem todos eles são guerreiros.” (LEWIS, 2002, p.15, tradução nossa).¹⁰² Afirmações como estas refletem na historiografia sobre a Somália até os dias de hoje e os conflitos que surgiram com a chegada dos europeus trouxeram uma nova dimensão para o tipo de luta que estes grupos estavam acostumados a travar. Lutas com armas de fogo e poderio militar nunca visto no Chifre.

A colonização trouxe novas formas de conflito e guerras que reconfiguraram as formas de lutar e de se defender destes povos. A interferência europeia também descaracterizou muitos destes conflitos motivados, muitas vezes, por querelas

⁹⁹ Em função da Segunda Guerra Mundial, a Itália perdeu durante toda a década de 1940 o controle da Somália italiana para os britânicos, e só retomou em 1950 com uma forma de tutela. LEWIS, 2008, Op. cit., p. 55

¹⁰⁰ O nome Abissínia é o antigo nome dado a região ocupada pela Etiópia moderna, e faz referência aos povos habitantes do chifre da África e provem do termo árabe *Habbashatou Habasha*, sua conotação engloba aspectos quanto os negros cristãos dessa região da África. LEWIS, *Understanding Somalia and Somaliland*. New York: Columbia University Press, 2008.

¹⁰¹ No original [*Somali are a warlike people.*]

¹⁰² No original [*Despite the prevalence of war, feud, and fighting, particularly amongst the nomads, not all them are warriors.*]

relacionadas ao acesso à água e as pastagens. Ademais, para Lewis (2002) os Somalis além de gostarem de guerras eram desorganizados politicamente e a chegada dos italianos e ingleses trouxe a centralização do governo, elemento fundamental para a constituição da futura nação somali. (LEWIS, 2002, p. IX).

3.3.1 A situação colonial¹⁰³

O estabelecimento das colônias que territorialmente configuram a Somália hoje estava completo em 1920 após a derrota dos Dervishes. Autoridades do Império Italiano do Leste da África controlavam politicamente e economicamente a chamada Somália italiana, sendo o comércio e a agricultura as principais fontes de renda. Como aponta Lewis (2002), havia plantações de colonos italianos ao longo dos rios Shabelle e Jubba e financiamento de pesquisas e técnicas agrícolas através da *Societa Agricola Italo-Somala*. Centenas de italianos se estabeleceram próximos aos rios ou nas cidades da costa de Benadir. O principal produto cultivado era a banana, que em decorrência da fertilidade das terras nas margens dos rios, eram produzidas em toneladas e, em sua maioria, exportadas. A mão de obra utilizada em boa parte das plantações era a partir do trabalho forçado das populações desta região. Catherine Besteman (1999), em sua pesquisa sobre os povos do Vale do Jubba, relembra como grande parte dos habitantes do Vale chegou à Somália como escravo a partir da metade do século XVIII. Com o fim da escravidão na região, imposta pelos britânicos, muitos desses indivíduos foram empregados como mão de obra forçada através de decretos do Estado colonial nas plantações dos italianos e o principal critério para escolha dos trabalhadores era a raça. (BESTEMAN, 1999, p. 119).

A exploração econômica sempre se apoiava sobre o controle político, como relembra Georges Balandier (1993) em sua abordagem sobre a noção de situação colonial. Para o autor a ação colonial, através da construção de estradas, pacificação de conflitos e as transformações econômicas, foram confundidas com ação econômica. Se lembrarmos os acordos feitos entre os líderes somalis com italianos e com ingleses podemos identificar uma série de ações coloniais que, travestidas de investimentos econômicos e proteção, iniciaram as configurações da

¹⁰³ Conceito elaborado por Georges Balandier (1993).

chamada situação colonial. Nela podemos identificar duas sociedades: a colonizada e a colonial. Apesar de ter sido colonizada por duas metrópoles coloniais, na Somália a sociedade colonizada do sul e do norte tinha características similares. Em ambas encontramos uma maioria numérica, mas não ideológica, dominada por uma minoria numérica, mas que constituía uma maioria ideológica: branca, de caráter burguês e conectada com a metrópole, a saber, a sociedade colonial. (BALANDIER, 1993, p. 116).

A migração de europeus para as duas colônias não foi massiva, e foi mais intensa na porção italiana, sobretudo, pela fertilidade da terra, das possibilidades de desenvolvimento econômico da costa e da forma de governo direto.¹⁰⁴ A Somalilândia tinha como principal fruto econômico a criação e exportação de camelos e bovinos, que estavam sob o monopólio inglês. Lewis ressalta que esta porção de terra tinha importância estratégica para o Império inglês pela sua proximidade com o Oceano Índico. (LEWIS, 2002, p.102). No entanto, o cultivo da terra era praticamente impossível e o território tinha pouco a oferecer economicamente aos britânicos. Todavia, geograficamente era fundamental para os britânicos dominar o mar do Aden.

A partir desta breve narrativa sobre as relações dos impérios coloniais e as práticas nas colônias somalis, retomamos a proposta heurística de Balandier (1993) sobre a relação entre a sociedade colonial e a sociedade colonizada, que ele caracteriza como situação colonial. Uma marca notável da colonização nessa região é a oposição campo – cidade, principalmente na Somália italiana. As principais cidades somalis se encontravam na região sudeste do país e passaram a desenvolver e concentrar, ao longo do período colonial, uma pequena elite burguesa que vivia do comércio entre o interior e a costa e tinha acesso às escolas coloniais. Assim, se criou um pequeno abismo entre o sul urbano e o norte rural, marcado pela cultura nômade pastoril. Dentro dessas diferenciações também estava presente a notável diferença entre “a sociedade colonial de raça branca e civilizada e o mundo negro, nativo, fosse ele rural ou urbano.” Nessas duas colônias se tornou evidente que a sociedade colonial não era homogênea, as práticas de governança diferiam

¹⁰⁴ O governo direto consistia na ocupação do território e substituição das instituições nativas por instituições da metrópole colonial. Desta forma, pressupõe a existência de uma única ordem jurídica, assentada nas leis da Europa, sem o reconhecimento de nenhuma instituição africana. MAMDANI, Mahmood. *Define and rule: Native as political identity*. London: Harvard University Press, 2012.

muito entre ingleses e italianos, e até mesmo entre comandantes da mesma metrópole.

A construção de escolas foi mais amplamente difundida na colônia italiana e, assim, a influência do Ocidente penetrou nas cidades costeiras, como já abordado, passaram a constituir uma pequena elite burguesa da sociedade colonizada. Balandier expõe que:

Seja qual for a doutrina adotada, as relações de dominação e submissão existentes entre sociedade colonial e sociedade colonizada caracterizam a situação colonial. E os autores que concentram sua atenção sobre este aspecto mostram que a dominação política é acompanhada de uma dominação cultural. (BALANDIER, 1993, p. 114).

Detivemo-nos, brevemente, aos aspectos da colonização desta região do Chifre da África porque a dominação de uma suposta raça superior, maquinizada, de origem cristã e de economia poderosa, teve impactos profundos sobre a independência destas colônias e sua sociedade.

3.4 A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA

Desde o início da década de 1940 em ambas as colônias somalis é possível identificar um crescente nacionalismo, estimulado pelo envolvimento de somalis na Segunda Guerra Mundial e, sobretudo, pela invasão dos italianos¹⁰⁵ à Somalilândia (LEWIS, 2008). A principal organização política que surgiu neste período foi a chamada *Somali Youth Club*, posteriormente renomeada de *Somali Youth League* (SYL).¹⁰⁶ Foi ela que levou à frente os anseios por independência e na sequência se tornou um importante partido político. Conforme Chenntouf (2010, p. 34) toda a década de 1940 foi bastante conturbada no continente africano pela Segunda Guerra, principalmente, porque inúmeras batalhas foram travadas na África e

¹⁰⁵ Em junho de 1940 Mussolini declarou guerra, abrindo um novo teatro de operações na AOI (*Africa Orientale Italiana*) – composta da Eritréia, Abissínia e Somalia Italiana. Assim o líder italiano invadiu e ocupou a Somalilândia britânicas, diversas lutas se sucederam na região, sobretudo, porque os maiores defensores do território foram os batalhões somalis da região como o *Somalia Camel Corps*, após alguns meses de ocupação no início de 1941 as forças de Mussolini foram derrotadas e a Somalia italiana passou a ser ocupada pelos britânicos. LEWIS, 2008, p. 31-32.

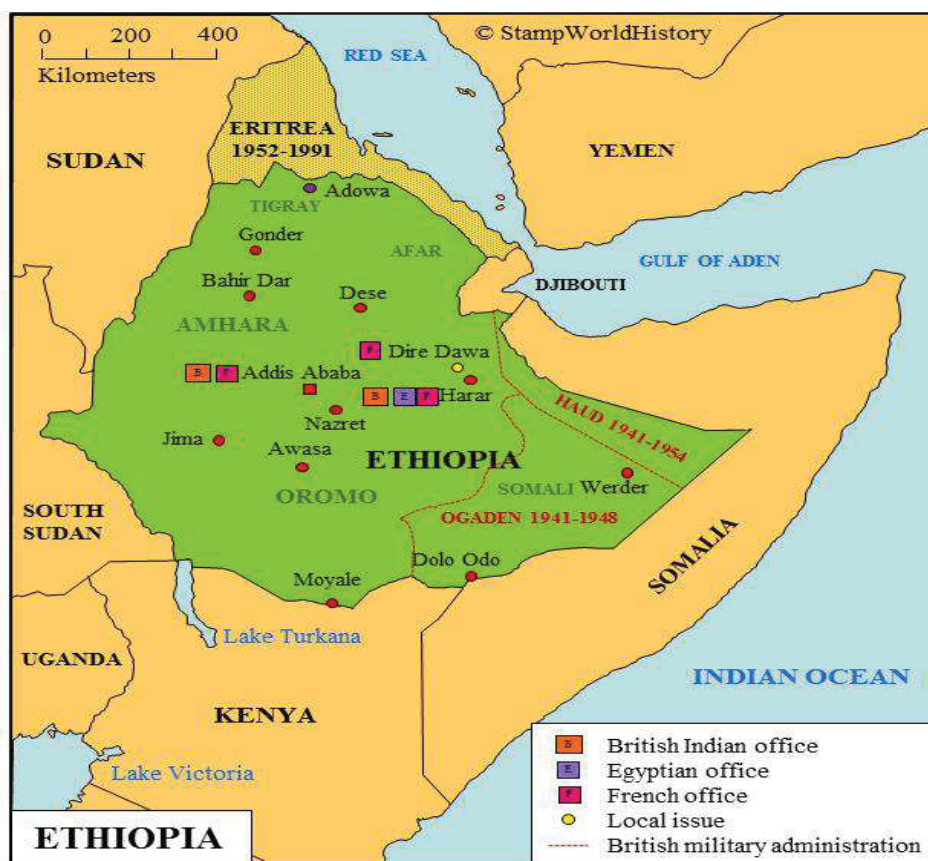
¹⁰⁶ A *Somalia Youth Club* foi formada em 13 de maio de 1943 em Mogadíscio por 13 membros fundadores representando todos os principais clãs somalis. Em 1947 eles mudaram o nome para *Somali Youth League*. LEWIS, 2002, Op. cit., p. 121-123.

milhares de africanos lutaram ao lado das metrópoles coloniais, seja ao lado dos aliados ou dos países do eixo.

Ao fim da guerra, por todo o continente africano surgiam movimentos de libertação do jugo colonial. Inspirados por tais movimentos e pela liberdade paulatinamente concedida pelos britânicos na década de 1940, os somalis se uniram nas colônias e formaram organizações pela independência. (CHENNTOUF, 2010). Contudo, em 1949, a Itália recuperou parcialmente seus poderes sobre sua colônia no sul. Através de um acordo firmado entre o novo governo italiano e as Nações Unidas estabeleceu-se a *Italian Trust Administration*, uma forma de tutela concedida à Itália, na qual uma série de premissas, entre elas permissão para o desenvolvimento de instituições políticas livres, deveriam ser respeitadas para que os italianos pudessem ter controle da colônia. Como aponta Lewis, o retorno dos italianos causou grande indignação entre os somalis que haviam conquistado certa liberdade política e guardavam grande desconfiança dos italianos pelas invasões de 1941. (LEWIS, 2002, p. 116). Outro fator agravante da situação colonial foi à concessão do território do deserto do Ogaden aos etíopes pelos britânicos em 23 de setembro de 1948 (Figura 24). Deste modo, as tensões entre a sociedade colonial e a colonizada estavam cada vez mais inquietantes pelas ações coloniais de expurgo de território e retorno dos italianos.

Em 1950 foi criado o Conselho Territorial Nacional que passou a delegar sobre diversos assuntos administrativos e judiciários. Se estabeleceu assim, um sistema de governação que consistia em conselhos distritais nas áreas rurais e conselhos municipais nas cidades, isto em ambos os protetorados. Em breve abordaremos como os vinte anos entre o início da Segunda Guerra e a independência em 1960 foram fulcrais para o desenvolvimento do nacionalismo e de que forma a concessão do Ogaden a Etiópia estimulou o chamado nacionalismo pan-somali. (LEWIS, 2002).

Figura 24 - Mapa Ogaden e Haud – Concessões dos britânicos à Etiópia



FONTE: *Stamp World History* (2016) ¹⁰⁷

As políticas administrativas italianas baseadas em uma forma de governação direta afetaram profundamente o desenvolvimento de partidos e as formas de repressão às crescentes organizações políticas nacionalistas. O sul era também a região econômica mais lucrativa, portanto, o monopólio do cultivo de banana nos vales do Shabelle e Jubba foram mantidos pelos italianos até 1959. (LEWIS, 2002, p. 140-143). O sistema de governação britânica era a forma indireta de governo ¹⁰⁸, que até certo ponto fornecia maior independência aos líderes locais. Todavia, os britânicos também sufocaram a formação de organizações políticas na Somalilândia e quando estas finalmente estabeleceram formas de controle legislativo sobre o protetorado, os ingleses passaram a deter o poder de veto absoluto sobre qualquer proposta. Na colônia somali do norte podemos destacar como principal organização

¹⁰⁷ *Ethiopia*. Disponível em: <http://www.stampworldhistory.com/country-profiles-2/africa/ethiopia/>

¹⁰⁸ O governo indireto se baseia na distinção entre não nativos e nativos, segregados pelas ordens normativas e pelas instituições a que estavam sujeitos: os primeiros ao direito civil da metrópole e às instituições da mesma; os segundos aos direitos consuetudinários e às autoridades tradicionais/nativas, seletivamente reconstituídos ou criados à medida das necessidades do poder colonial. MAMDANI, Op.cit., 1996.

política a *National United Front (NUF)*, fundada em 1954 com o objetivo de recuperar a região do Haud e conquistar autonomia para a Somalilândia.

A independência da região foi alcançada ao longo de aproximadamente 15 anos de deliberações com as metrópoles coloniais, pequenas concessões políticas as organizações nascentes, desenvolvimento de um forte nacionalismo ligado à identidade Somali e busca pela autonomia política dos protetorados. Estes tinham suas organizações políticas em constante contato, unidos pelo ideal pan-somali de unir todos os territórios supostamente Somalis sob a bandeira de um mesmo país, encabeçado pelo *National Pan-Somali Movement*¹⁰⁹. Durante todo o ano de 1959, os líderes das duas colônias estiveram em constante contato planejando a nova Constituição e preparando acordos de independência com as antigas metrópoles. No caso da Somália italiana uma resolução foi aprovada pelas Nações Unidas determinando o fim da tutela da Itália sobre a antiga colônia em 1 de julho de 1960. Os britânicos acordaram com os líderes da Somalilândia que no dia 26 de junho o protetorado seria também totalmente independente. (LEWIS, 2002, p.167).

Em 1 de julho de 1960 as antigas colônias se uniram formando a República da Somália, um novo país independente das metrópoles europeias. Entretanto, ainda dependia muito da ajuda financeira que italianos e britânicos concordaram em fornecer nos anos seguintes à independência. Politicamente o novo governo formado estava cercado de conselheiros das antigas metrópoles. Os sistemas de governança adotados também se baseavam inteiramente em instruções destes conselheiros. E a prevalência de políticos do antigo protetorado italiano também se tornou um problema nos anos seguintes a independência.

3.4.1 Regime civil na Somália (1960-1969)

Com a união das duas antigas colônias somalis do sul e norte em 1 de julho de 1960 um governo com o sistema de parlamentarismo foi eleito e uma nova Constituição aprovada em 1961. Abdirashid Ali Sharmarke foi eleito primeiro-ministro

¹⁰⁹ Criada em 1959, esta nova organização adotou em sua carta de criação os objetivos gêmeos de campanhas por meios pacíficos para a independência e unificação de todos os territórios somalis e de criar laços firmes com outros Estados africanos e asiáticos. SIMALA, Inyani K.; ARROUS; Michel Ben. *Whose self-determination? Conflicting nationalism and the collapse of Somalia*. In: KI-SERBO, Lazare; ARROUS, Michel Ben (Ed.) ***African Studies in Geography from Below***, Dakar: Codesrio, 2009, pp. 161-196.

e Aden Abdulle Osman Da'ar conquistou os votos para presidente. (INGIRIIS, 2016, p.39). A nova capital da Somália era Mogadíscio, antiga capital da colônia italiana e o cenário político foi, desde o início, dominado pela SYL. Como o processo de independência já se configurava desde a segunda metade da década de 1950 e já havia uma série de instituições legislativas e judiciárias, que anteriormente pertenciam ao mundo colonial, os partidos políticos já tinham conquistados seus espaços na arena nacional. Podemos dar destaque para a já citada *Somali Youth League (SYL)*, a *Somali National League (SNL)* e *United Somali Party (USP)*.

Desde as discussões sobre a união das antigas colônias em meados da década de 1950, surgiram muitas dúvidas práticas de como unificar política e economicamente as duas regiões. Podemos destacar que muitos dos obstáculos e instabilidades vividas pelo governo civil se deviam a comunicação entre Mogadíscio e Berbera (cidades chaves das regiões), mas também as diferenças legislativas entre os dois territórios. Como haviam sido colonizados por diferentes potências europeias com diferentes sistemas de governança grandes abismos políticos separavam as regiões. Além disto, o surgimento de uma elite burguesa, especialmente no sul, trouxe novas características a disputas já existentes. Como menciona Ioan Lewis houve uma reconfiguração de identidades sociais, antes atreladas aos clãs e agora conectadas a elite capitalista. (LEWIS, 2002, p. 168). O sul tinha como principais atividades econômicas o comércio e a agricultura, e o norte o pastoreio. Por consequência o sul era mais urbanizado e o norte bastante rural. Muitas dessas diferenças foram acentuadas ao longo da década de 1960.

O nacionalismo tornou-se ponto central desde a independência e o ideal de unir todos os territórios supostamente somalis sob uma única bandeira também ganhou força com o fim do jugo colonial. Como relembra Mohamed Ingiriis (2016), que escreve sobre o governo militar no país, a política externa foi voltada para o nacionalismo desde a independência, e o exército do país era visto como um dos melhores ao sul do Saara. Desta forma, o país, neste período, buscava sempre uma porta aberta para negociações sobre a formação da Grande Somália, nação que englobaria todos os somalis. O autor somali afirma que “Abdirashid flertava com os americanos de dia e a noite dormia com os soviéticos.” (INGIRIIS, 2016, p 41, tradução nossa).¹¹⁰ Entretanto, o posicionamento do país em relação à Guerra Fria

¹¹⁰ No original: [Abdirashid flirted with the Americans by day and slept with the Soviets at night.]

era de não-alinhamento, apesar de receber ajuda financeira dos soviéticos e dos americanos.

O entusiasmo geral da população que acompanhou todo o início da década de 1960 começou a sofrer sistêmicos abalos quando as muitas promessas feitas na independência começaram a parecer objetivos cada vez mais difíceis de atingir (INGIRIIS, 2016). O país parecia não ter condição econômica para se manter sem os milhares de dólares recebidos de outras potências, problemas operacionais entre o sul e norte continuavam sem resolução e o ideal pan somali parecia um sonho que nunca seria alcançado. As eleições gerais de março de 1969 escancararam sérios problemas de possível corrupção no governo e fraudes eleitorais.

Para Ingiriis (2016), a vida que os governantes passaram a levar após assumirem o controle do Estado era bastante suntuosa e incompatível com as finanças do país. Carros luxuosos, viagens extravagantes, salários exorbitantes e mansões faziam parte do cotidiano dos líderes políticos do país. Enquanto isso grande parte do país enfrentava a miséria e condições de vida ainda piores que no regime colonial. Políticos como Abdirashid Ali Sharmarke, e Haji Yusuf Egaal, que integravam o governo desde a independência, eram bastante impopulares e, quando estes ganharam as eleições de 1969 para presidente e ministro a insatisfação foi geral. No dia 15 de outubro de 1969 Abdirashid foi assassinado em *Laas Aanood*, uma pequena cidade no norte. O assassinato foi atribuído a um de seus guarda-costas pessoais e tal evento abriu as portas para a instabilidade política no país (INGIRIIS, 2016, p. 47-49).

3.5 O GOLPE MILITAR

Cinco dias após o assassinato do presidente, em 21 de outubro de 1969 uma junta militar assumiu o controle do governo alegando nepotismo, corrupção e ineficiência do governo formado por Ali Shermarke e Egal. Neste dia as forças armadas da Somália e soldados privados tomaram o prédio do Parlamento, a rádio Mogadíscio, o Ministério da Informação e os edifícios mais importantes da capital. Os militares da Somália suspenderam a Constituição de 1961 e tomaram o poder, formando o *Supreme Revolutionary Council (SRC)* nos dias seguintes ao golpe, constituído por vinte militares e cinco oficiais da polícia e que passou a controlar o

governo da Somália. O General Mohamed Siad Barre foi posteriormente escolhido como líder do SRC. Ingiriis afirma que o golpe foi aceito por grande parte da população do país, que via na administração militar uma forma de encerrar o antigo governo, visto como corrupto e ineficiente. (INGIRIIS, 2016, p. 59-61).

Para consolidar o golpe, Barre aproximou-se de membros jovens do exército, assegurando-lhes promoções. Fortaleceu relações com os comunistas e a esquerda da Somália, até então relegada à margem pelo governo civil. Os comunistas eram um pequeno grupo que desde a década de 1950 tentavam integrar o governo. Eram parte de um grupo cosmopolita que havia viajado para a Europa e outras partes da África tendo contatos com as ideias de Marx e Engels. Além disto, a proximidade com a China e URSS tornava a disseminação de ideias e textos comunistas bastante acessível ao nordeste da África. Barre também se aproximou dos influentes poetas somalis da época, visto que a tradição oral é um elemento fundamental na cultura desta região e permeia a vida da população. (INGIRIIS, 2016, p.55).

Quando a tomada de poder ocorreu Siad Barre era major general do exército. O militar nasceu em 1910 na cidade de *Shillaabo* no Ogaden, parte do território que neste período integrava a antiga Somália italiana (GREENFIELD, 1955). Como expõe Ingiriis (2016), o líder militar pertencia ao clã Ogaaden pela parte da mãe e ao sub-clã Marehan pelo lado paterno. Frequentou a escola nos arredores de Mogadíscio e entrou para o *Corpo Zaptie da Polizia Africana Italiana* ainda jovem. Ele se juntou à força policial somali inglesa depois que os britânicos assumiram o controle da colônia italiana em 1941 e subiu ao posto de inspetor-chefe. Quando a Somália retornou à tutela italiana em 1950, Barre foi enviado para a academia militar na Itália. Ele foi transferido para o exército nacional somali e, quando este foi formado, em 1966, passou a ocupar o posto de major general e tornou-se comandante chefe do exército e do Estado com o golpe militar em 1969 (INGIRIIS, 2016, p.55).

Mohamed Ingiriis ressalta que o golpe militar teria sido elaborado com a ajuda da KGB e que até mesmo o assassinato de Shermarke poderia ter sido planejado pela polícia secreta soviética. (INGIRIIS, 2016, p. 57-59). Gary Payton (1980), no entanto, destaca que é necessário analisar o contexto político mais amplo e a relação com os eventos que vinham ocorrendo no continente africano. Para o autor no final da década de 1960 as relações entre URSS e a China se deterioravam

e o país asiático se aproximava dos Estados Unidos que agora tinha Richard Nixon como presidente. Ademais, o conflito entre árabes e israelenses havia levado ao fechamento do canal de Suez em 1967, fato que teve impacto direto na economia da Somália. Estes fatores se somam a relação diplomática e econômica já existente entre os soviéticos e o governo civil. (PAYTON, 1980). O pesquisador americano escreve ainda que “[de] 1963 a 1969 centenas de oficiais somalis viajaram para União Soviética para treinamento militar e doutrinação marxista-leninista.” (PAYTON, 1980, p. 507, tradução nossa).¹¹¹

Para Ingiriis, um exame mais atento revela que o planejamento do golpe foi construído a partir de Moscou e a preparação estava em andamento desde 1963. Para o autor somali a Somália poderia fornecer aos soviéticos uma rota segura para a entrada de armas na África que iriam para os outros países apoiados pela URSS. (INGIRIIS, 2016, p. 57). Nesse sentido, optamos por trazer novamente o texto de Payton que afirma que “[...] uma coincidência de interesses entre o comandante do exército somali e os planos estratégicos dos soviéticos resultaram em um golpe militar.” (PAYTON, 1980, p. 493). Ademais,

De fato, através de uma revisão das conexões entre soviéticos e somalis se revela que a URSS tinha muito a ganhar se um regime militar simpático aos soviéticos assumisse o controle de Mogadíscio. (PAYTON, 1980, p. 504, tradução nossa).¹¹²

Um conjunto de fatores políticos a nível local regional e global contribuiu para a arquitetura do golpe. É difícil afirmar que houve interferência direta dos soviéticos desde 1963, já que o regime civil também tinha conexões em Washington e Egal havia se reunido com Kennedy no início da década de 1960. Em relação à população o que, a princípio, o golpe pareceu trazer foi uma renovação das esperanças, já há muito frustradas pelo governo civil. (INGIRIIS, 2016, p. 54-56). A criação destas expectativas pode ser apontada como a principal fonte de apoio ao regime militar.

O golpe ocorreu em outubro e desde o início foi anunciado pelo governo que se tratava de uma Revolução (*Ka'an* em Somali) que buscava o desenvolvimento

¹¹¹ No original: *[From 1963 to 1969 hundreds of Somali officers travelled to the URSS for military training and in doctrination in Marxism-Leninism.]*

¹¹² No original: *[In fact, through a review of the connections between the Soviets and Somalis it reveals that the USSR had much to gain if a sympathetic military regime to the Soviets took control of Mogadishu.]*

econômico e social do país e o retorno da estabilidade política que vinha sendo prejudicada pelo governo civil. Nas primeiras semanas o governo reestruturou quase todo o funcionamento do Estado fechando a Assembleia Nacional e a Suprema Corte. Barre prometeu em um de seus primeiros discursos “fazer a Somália um país respeitado nas suas políticas internas e externas. Nós queremos que as pessoas somalis usem da riqueza e da prosperidade escondida em suas terras e que evitem implorar a outras nações.” (SAMATAR, 1988, p. 83, tradução nossa).¹¹³ O documento que ficou conhecido como “*First Charter of the Revolution*” traz as perspectivas do regime em relação aos assuntos internos, com os seguintes pontos:

1. Constituir uma sociedade baseada no direito ao trabalho e no princípio da justiça social, considerando o meio ambiente e a vida social do povo somali;
2. Preparar e orientar o desenvolvimento de programas econômicos, sociais e culturais que tragam rápido progresso ao país;
3. Liquidação do analfabetismo e desenvolvimento de um patrimônio cultural esclarecido e da herança cultural do povo somali;
4. Instituir, com medidas apropriadas e adequadas, o desenvolvimento básico da escrita da língua somali;
5. Liquidação de todos os tipos de corrupção, todas as formas de anarquismo, o sistema malicioso do tribalismo em todas as formas e todos os outros maus costumes nas atividades do Estado;
6. Abolir todos os partidos políticos e;
7. Realizar, em tempo apropriado, eleições livres e imparciais. (SAMATAR, 1988, p. 83-85, tradução nossa).¹¹⁴

3.6 O ESTADO PÓS-COLONIAL* NA SOMÁLIA

A construção do Estado na África após as independências se deu em diferentes circunstâncias políticas nas várias regiões do continente. Essas conjunturas são profundamente históricas, moldadas por processos políticos e econômicos que são irredutíveis às funções dos estados-nação específicos. A Somália integra o que se chama de África sub-sahariana, também chamada de África negra. Em seu argumento contra a visão de que a África subsaariana está

¹¹³ No original: [make Somalia a respected country in its internal and external policies. We want the Somali people use the wealth and prosperity hidden in their land avoid begging other nations.]

* O termo pós-colonial aqui é empregado apenas como baliza temporal.

¹¹⁴ No original: [1. To constitute a society based on the right to work and the principle of social justice, considering the environment and social life of the somali people; 2. To prepare and orientate the development of economic, social, and cultural programmed to bring rapid progress to the country ; 3. Liquidation of illiteracy and the development of an enlightened patrimonial and cultural heritage of the Somali people; 4. To institute with appropriate and adequate measures the basic development of the writing of the Somali language; 5. Liquidation of all kinds of corruption, all forms of anarchy, the malicious system of tribalism in every form, and all other bad customs in state activities; 6. To abolish all political parties and; 7. To conduct at an appropriate time free and impartial elections.]

apenas marginalmente envolvida no atual processo de globalização econômica e cultural, Bayart (2013) sugere o conceito de *extraversão* para o padrão histórico de longo prazo no qual o sub-continente foi inserido no resto do mundo. A exploração e a pilhagem do subcontinente, frequentemente não desejadas pelos próprios líderes africanos, nada mais são do que as formas como a relação entre a África e o resto do mundo se desenvolveram durante mais de um século de colonização interna e externa. Através de processos de *extraversão*, o ambiente político-econômico externo tornou-se um recurso indispensável na busca de poder e autoridade na política interna da África. Em outras palavras, o conceito também pode ser traduzido como a maneira pela qual as elites africanas buscaram mobilizar recursos, derivados de sua relação desigual com o ambiente externo e com as potências mundiais (BAYART, 2013).

Distanciando-se dos argumentos da teoria da dependência de autores como Walter Rodney (1972) e Basil Davidson (1983), Bayart procura mostrar que dependência, subjetividade e autonomia são categorias relacionadas e co-constitutivas, em vez de opostos analíticos. (BAYART, 2013, p. xii). Dependência ou desigualdade na África em relação aos agentes internacionais e estruturas tem sido, portanto, "um recurso importante no processo de centralização política e acumulação econômica" (BAYART, 2013, p. xiii, tradução nossa)¹¹⁵ Isso é ilustrado, como destaca o autor, por muitos exemplos africanos de globalização: a exportação de vastas quantidades de recursos primários essenciais para a economia global (incluindo, cada vez mais, o petróleo); o recebimento de quantidades substanciais de ajuda internacional; a importação de grandes quantidades de bens de consumo; o envio de migrantes e o recebimento de remessas (BAYART, 2013, p. xvi). Ademais, há também o papel central da África no comércio mundial de narcóticos ilegais e o significado estratégico pós Guerra Fria do continente desde o 11 de setembro, a guerra do Iraque e a Primavera Árabe. Para Bayart, desta forma, "a África é, assim, um ator no processo de globalização", "mais do que nunca", conclui, "o discurso neo-hegeliano da marginalidade da África é um disparate." (BAYART, 2013, p. xl, lxx, tradução nossa).¹¹⁶

¹¹⁵ No original [...a major resource in the process of political centralization and economic accumulation.]

¹¹⁶ No original: [Africa is thus, in its way, a player in the process of globalization. More than ever... the neo-Hegelian discourse of Africa's marginality is nonsense.]

Recorremos ao arcabouço teórico de Bayart para apresentar um dos conceitos principais que sustentam o debate elaborado sobre o Estado pós-colonial na Somália. Buscamos analisar a constituição deste Estado com base em uma análise histórica dos eventos do governo civil e militar relatados pela historiografia e também apresentar um debate conceitual sobre a formação do Estado na África nos valendo das contribuições teóricas de Bayart (2013) e posteriormente de Mamdani (1996).

3.6.1 A herança colonial das práticas políticas

Quando analisamos o contexto de construção do Estado na Somália, fatores regionais, locais e externos devem ser considerados. A prática da *extraversão* anunciada por Bayart (2013) encontra correspondência no Estado somali. Desde o início das organizações políticas pela independência a luta por recursos externos e por apoio político das metrópoles esteve intimamente conectada com os anseios europeus para as independências do continente. A libertação do jugo colonial na Somália foi guiada e conduzida pelos britânicos e italianos. Todas as medidas legislativas tomadas neste período poderiam ser vetadas pelos colonizadores. A forma de parlamentarismo adotada na independência seguia o modelo político do Estado italiano. Grande parte dos integrantes da SYL, partido dominante no governo, teve contato direto com as organizações políticas europeias e aspirava tornar a Somália um estado-nação nos moldes europeus. (LEWIS, 2002).

O território que hoje engloba a Somália era fragmentado politicamente antes da chegada dos Europeus. Entretanto, não há evidências que sustentem que a vida no Chifre da África se tornou melhor, ou mais pacífica com a chegada dos brancos. Lewis recorre constantemente à violência na região como um argumento em favor do estabelecimento dos britânicos no Chifre (LEWIS, 1963). Por conseguinte, a formação de um Estado após as independências das colônias somalis, se deve particularmente à influência europeia.

É inegável que o Estado pós-colonial estava permeado de práticas políticas, econômicas e sociais herdadas da colonização. Como já mencionado anteriormente, o atual território da Somália havia sido colonizado por britânicos e italianos. Os britânicos desde início do século XX estabeleceram na grande maioria de suas colônias o chamado governo indireto. Como afirma Mamdani (2012), esta nova

forma de governo colonial foi elaborada em meados do século XIX por Sir. Henry Maine, esse sistema classificava a população pela raça (nativos e brancos), pela origem (estrangeiro), etnicamente por grupos segregados territorialmente e estas classificações se enquadravam dentro das instituições políticas europeias nas colônias. As leis também eram definidas com base nesta classificação - leis consuetudinárias para os nativos e a lei civil do direito positivo para os brancos, mas vale ressaltar que quando o nativo entrava nas terras de domínio dos brancos era julgado pela lei positiva. Isto criou aquilo que o autor chama de Estado bifurcado¹¹⁷. Logo, as leis eram diferentes para as distintas categorias criadas pelo governo e nos espaços urbanos e rurais. (MAMDANI, 2012, p.6-10).

A política de governo indireto foi implantada de forma geral nas colônias britânicas. No entanto, a Somalilândia tinha quase a totalidade de sua população vivendo de forma nômade (LEWIS, 2002), o que dificultava o governo indireto, que devia designar um chefe nativo para cada tribo. (MAMDANI, 2012). Como apresenta Mamdani em seu livro, a fala do General inglês Smuts, resume a política do governo indireto:

O sistema político dos nativos foi impiedosamente destruído, a fim de incorporá-los como iguais no sistema dos brancos. O africano era bom como potencial europeu; sua cultura social e política eram ruins, bárbara e só merecia ser erradicada raiz e ramo. Em algumas das possessões britânicas na África, o nativo recém-saído da barbárie era aceito como cidadão igual, com direitos políticos plenos, juntamente com os brancos. Mas suas instituições nativas foram impiedosamente proscritas e destruídas. O princípio da igualdade de direitos era aplicado em sua forma mais grosseira e, embora desse ao nativo uma aparência de igualdade com os brancos, o que não era bom para ele, destruía a base de seu sistema africano que era seu bem supremo. (MAMDANI, 1996, p. 5, tradução nossa).¹¹⁸

¹¹⁷ O “Estado bifurcado” estaria marcado pela ação diferenciada dos regimes coloniais no que se refere aos espaços urbanos e rurais. Nas áreas urbanas os colonos teriam introduzido os valores ocidentais democráticos e de mercado, orientados por uma lógica do desenvolvimento industrial. Nestes espaços o aparato fiscal e burocrático dos governos teria contribuído para a consolidação de uma cultura de direitos civis que, apesar de racializada e excludente, sustentava-se em bases políticas modernas. Mesmo sob o jugo da violência institucional, as cidades e *townships* teriam propiciado uma socialização mais homogênea das populações locais. Nas zonas rurais, por sua vez, encontraríamos o que autor chama de dominação ou controle indireto sustentado na aliança entre o Estado colonial e as autoridades tradicionais tornadas legítimas pelos colonizadores. Nestes espaços a linguagem dos direitos civis pouco penetraria diante das formas consuetudinárias de regulação da vida social. MAMDANI, Mahmood. **Citizen and subjects: Contemporary Africa and the legacy of late colonialism**. Princeton: Princeton University Press, 1996.

¹¹⁸ No original: [*The political system of the natives was ruthlessly destroyed in order to incorporate them as equals into the white system. The African was good as a potential European; his social and political culture was bad, barbarous and only deserving to be stamped out root and branch. In some of the British possessions in Africa the native just emerged from barbarism was accepted as an equal citizen with full political rights along with the whites. But his native institutions were ruthlessly proscribed and destroyed. The principle of equal rights was applied in its crudest form, and while it*

De acordo com o que já foi debatido a organização social dos Somalis se constitui de um sistema de famílias clânicas e, em sua maioria, o ancião de cada clã ou sub-clã de uma determinada região a governava. Todavia, não temos evidências da indicação de chefatura pelos britânicos na Somalilândia. O que parece ter ocorrido foi um processo de estabelecimento de militares e administradores ingleses nesta região em casos de distúrbios políticos ou não pagamento de impostos (LEWIS, 2002). A vida nômade dificultava um efetivo controle dos indivíduos e suas instituições sociais. Porém, a historiografia apresenta uma situação diferente nas cidades como Berbera e Hargesia que concentravam a população ativamente participante no comércio. Nestas cidades havia postos de controle e escritórios britânicos e a colonização parece ter alcançado maior controle sobre estes grupos e efetivado uma maior difusão dos produtos e costumes europeus (INGIRIIS, 2016).

A colônia somali que pertencia a Itália experienciou uma forma de governação direta, na qual as antigas instituições políticas somalis foram substituídas por órgãos italianos. Assim as leis que regiam a região eram leis formuladas pelos italianos e a maioria das áreas produtivas e o comércio eram também controlados pela metrópole. Destacamos também, que inúmeros relatos afirmam que os italianos usavam as populações do Vale do Rio Jubba e Shabelle como mão de obra forçada nos campos de plantação de banana. (BESTEMAN, 1999). A costa de Benadir era bastante movimentada pelo comércio e uma parcela significativa da população do sul não é nômade. Portanto, a experiência colonial nesta porção do território pode ser considerada bastante intensa, já que a presença de colonos de origem italiana foi superior à britânica (LEWIS, 2002).

Apresentando brevemente o repertório colonial na Somália, podemos afirmar que a colonização impactou de forma profunda nas instituições políticas e sociais dos Somalis, sobretudo, nas regiões urbanizadas e no Vale do Jubba e Shabelle. O fato de ter duas potências dominando o atual território do país com distintas políticas de governo aprofundou a distância entre as duas colônias e posteriormente prejudicou o funcionamento do governo pós-colonial.

O Estado constituído após 1960 foi caracterizado pela participação de uma elite colonial heterogênea, que havia integrado o governo colonial e tinha extensas

gave the native a semblance of equality with whites, which was little good to him, it destroyed the basis of his Africa system which was his highest good.]

conexões na Europa. (INGIRIIS, 2016). Este Estado, desde o início, se valeu da prática da *extraversão*, ou seja, a “soberania na África é um exercício através da criação e gestão da dependência.” (BAYART, 2013, p. xxvi, tradução nossa).¹¹⁹

Bayart reitera que na África contemporânea, os problemas internos, as aspirações políticas da elite, o papel econômico do Ocidente se intrincam em um complexo quebra cabeça político-econômico:

A observância da Santíssima Trindade da Reforma (ajustamento estrutural, democracia e boa governação) foi filtrada através dos objetivos dos poderes e implementada na reprodução de sistemas de desigualdade e dominação [...] Os doadores de ajuda financeira mostraram-se incapazes de prevalecer em seus parceiros africanos para seguir as prescrições destinadas a eles. Pelo contrário, devido à impossibilidade legal de renegociar a dívida multilateral, ou por causa da preocupação desconhecida e obsessiva com a 'estabilidade', os doadores se resignaram a continuar financiando regimes africanos, recorrendo, ocasionalmente, a suspensão temporária de créditos ou de acordos bilaterais de ajuda. (BAYART, 2013, p. xxvii, tradução nossa).¹²⁰

A Somália no século XX não fugia a esta realidade, desde a independência recebia milhões de dólares do Ocidente, e o governo civil, que parecia carregar todas as esperanças democráticas e de mudanças sociais e econômicas, se viu naufragado em uma elite luxuosa que recebia milhões de outros países e utilizava em benefício próprio (LEWIS, 2002). Os aparatos burocráticos do Estado se tornaram espaços nos quais funcionários públicos poderiam ascender economicamente e socialmente. E os cargos políticos rendiam lucrativos acordos e concessões estatais. Como relembra Bayart:

Uma das rupturas decisivas do passado na independência residia na capacidade das elites indígenas, anteriormente restringidas pela tutela dos colonizadores, de terem acesso a recursos estatais [...] Permitia-lhes assumir o controle do registro de terras, crédito, tributação, placas de marketing [...] (BAYART, 2013, p. 74, tradução nossa).¹²¹

¹¹⁹ No original: [...sovereignty in Africa is an exercise through the creation and management of dependency.]

¹²⁰ No original: [Observance of the Holy Trinity of Reform (structural adjustment, democracy and good governance) has been filtered through the objectives of power-holders and implemented in the reproduction of systems of inequality and domination [...] Aid donors have shown themselves incapable of prevailing upon their African partners to follow the prescriptions intended for them. Rather, due to the legal impossibility of renegotiating multilateral debt, or through fear of the unknown and an obsessive concern with 'stability', donors have resigned themselves to continued bankrolling of African regimes, occasionally saving face by the temporary suspension of credits or of bilateral aid.]

¹²¹ No original: [One of the decisive breaks with the past at independence lay in the ability of indigenous elites, previously restrained by the colonizers' tutelage, to have access to State resources [...] It allowed them to take control of land registration, credit, taxation, marketing boards....]

A próxima fonte é um cartaz de 1974 (Figura 23), nela podemos dar destaque para a cor vermelha, muito utilizada em cartazes comunistas (KENEZ, 1985). O vermelho é uma cor de destaque, que chama a atenção e também a cor do partido comunista da República Popular da China e da União Soviética. Países que forneceram parte da base ideológica para Somália e que acreditamos ter sido uma inspiração em relação à confecção de cartazes. Porém, está é uma hipótese que levantamos, pois nos cartazes em que o vermelho é empregado não há destaque da ideologia comunista, o vermelho pode ter sido adotado apenas por ser uma cor de destaque.

A mulher segurando a tocha e subindo as escadas em direção a uma fábrica supomos ser a tocha iluminando o caminho em direção ao progresso. Uma tocha similar à retratada na propaganda foi utilizada na chamada “*Alliance for progress*”, fundada por John Kennedy em 1961 que visava aumentar a cooperação e acelerar o desenvolvimento econômico e social da América Latina, ao mesmo tempo, que visava frear os avanços do socialismo nesse continente.¹²² Assim, destacamos que vários elementos dos cartazes provêm de diversas influências imagéticas que corriam o mundo na década de 1960 e 1970.

A mulher como veremos é representada de várias formas nos cartazes, nesta ela é o indivíduo que leva ao caminho ao qual a Somália deseja chegar. Como já mencionado, em 1974, o primeiro (1971-1973) grande programa de desenvolvimento econômico já havia sido lançado. E em 1974 um novo plano econômico de cinco anos foi lançado, visando investir massivamente em educação, na área rural e, sobretudo, nas indústrias buscando maximizar a produção e criar novas indústrias. (SAMATAR, 1985).

¹²² Cf. HERNANDO, Luis Agudello Villa. *La revolución del desarrollo: Origen y evolución de la Alianza para el Progreso*. 1966. Ciudad Del Mexico: Editorial Roble.

Figura 25 - *Progress et prosperité*

FONTE: *Centro Studi Somali*¹²³

Como podemos observar na figura 25 a paisagem da janela é a representação de uma indústria, cidade, plantações e de uma mulher que sobe escadas (que poderiam significar o futuro da Somália após os planos de

123 Disponível em: <http://dspace-roma3.caspur.it/handle/2307/1655>

desenvolvimento), nos quais os degraus trazem inscrições *libertè, unitè, egalité et justice e paix*. Em tradução livre: liberdade, unidade, igualdade e justiça e paz, ideias semelhantes às proclamadas pelos revolucionários da Revolução Francesa. O uso do francês é também um ponto bastante interessante, que nos leva a crer que este cartaz deve ter sido fixado em regiões de fronteira com o Djibouti, já que a antiga colônia tinha como língua oficial o francês e, provavelmente, na República da Somália o número de indivíduos que falava francês era bastante baixo. No entanto, há também um iconotexto em inglês: “*In order to achieve unity Africa must be free, politically, economically, culturally.*” E também em francês: “*Pour aquérir unite africaine L’afrique doit etre libre politiquement’ economiquement et culturellement*”, ambas as frases em tradução livre significam: Para adquirir a unidade a África deve ser livre economicamente, politicamente e culturalmente. Tal frase remete aos vários movimentos que se espalhavam pelo continente africano em relação à união das nações africanas recém independentes, representada principalmente pela OAU. A tocha que a mulher segura pode ser um símbolo da busca pela união. Podemos pensar também que as inscrições trazem a ideia de que é necessário a paz para caminhar até o progresso. Há também um grafite no canto direito da imagem que pode significar a assinatura do autor do cartaz.

Como mencionado, o fato de se ter utilizado o francês como a principal língua do cartaz se relaciona com a colônia da Somalilândia francesa, que está conectada com o ideal pan-somali. Apesar de conclamar a união de todos os africanos, o cartaz também persegue timidamente outro ideal mais particular, a união de todos os somalis sob um mesmo Estado. A última inscrição do pôster se encontra em cima da imagem da fábrica, “*progrès et prosperité*”, em tradução livre: progresso e prosperidade. Como aborda Ahmed Mah (1999), o discurso de progresso na Somália surgiu no período colonial iniciado pelos britânicos na colônia do norte, e reforçado pelos italianos quando adquiram a tutela da colônia do sul. Os projetos desenvolvimentistas estiveram presentes no sul global, principalmente, a partir da década de 1960 e 1970, quando os países desenvolvidos incentivaram, os chamados países subdesenvolvidos, a realizarem empréstimos bilionários para investir em indústrias. (FLORES, 2009). O discurso desenvolvimentista e de progresso era um dos pilares do regime de Siad Barre, as escadas da imagem podem ser vistas como o caminho (ascendente e etapista) para o progresso, ou o caminho para a paz é progressivo, que esta sendo representado por uma igura

feminina. A diversidade de gênero está presente em quase todos os cartazes que serão analisados.

Lincoln Cushing e Ann Tompkins (2007), abordam em sua obra a mecanização do campo, o investimento em indústrias e aumento da infra-estrutura como uma tema bastante presentes nos cartazes chineses da Revolução Cultural. Assim como a presença de desenhos que mesclam paisagens do campo e da cidade. Nos cartazes aqui analisados, mais especificamente na figura 25, os elementos ligados ao discurso desenvolvimentista estão bastante presentes representados pela fábrica e pela cidades. Que no ano de 1974 no estavam passando por reforma estruturais (construção de novas estradas, pavimentação de ruas e aumento do saneamento básico) e também por grande injeção de dinheiro do bancos nacionais nas fábricas e indústrias nacionais (SAMATAR, 1985). Devemos destacar também a parede de tijolo, já que muitas casas no interior da Somália não eram construídas com este material e sim com uma mistura de barro e palha.

O campo também está presente na imagem e pode estar representando as grandes plantações de produtos, como a banana, que eram exportados desde o período colonial. O aumento da produção também visava, segundo Samatar (1985), diminuir a fome no país que atingia uma porção significativa de somalis, que em muitas situações dependiam de um clima favorável para ter uma colheita satisfatória. O clima no país se apresentou como um dos principais fatores que viriam a impedir os ambiciosos planos de Siad Barre para o desenvolvimento, pois na década de 1970 a Somália enfrentou um das maiores secas de sua história recente. (INGIRIIS, 2016). É necessário também enfatizar que a opção do cultivo de monoculturas em grandes porções do território somali contribui para que em períodos de secas ou enchentes a população passasse fome, pois grande parte das áreas cultiváveis se dedicava a um produto para exportação e não a lavouras que de produção de alimento para a população.

3.7 O ESTADO NA ERA BARRE

O governo civil, apontado como corrupto e ineficiente, foi retirado do poder em um golpe militar, nomeado por Siad Barre de Revolução. Como relembra Mamdani (1996), a forma de Estado que surgiu através das reformas do pós-independência não era a mesma em todos os casos. “Enquanto os regimes

conservadores reproduziam o despotismo descentralizado¹²⁴ que era a forma do Estado colonial na África, os regimes radicais procuraram reformá-lo.” (MAMDANI, 1996, p.25, tradução nossa).¹²⁵ A reivindicação de reforma era um dos pilares da justificativa do golpe militar. Clamava-se que seria feita uma reforma em todas as instituições e em todo o aparato burocrático do Estado, que estava imersos em corrupção do governo civil. (INGIRIIS, 2016). Aqui é interesse indicar que autores como Ioan Lewis (2008) escreveram que a Somália independente na década de 1960, era um dos únicos Estados estáveis da África, que ali não havia conflitos étnicos no pós-independência, já que a totalidade da população era Somali, muçulmana e possuía a mesma língua. O antropólogo britânico escreveu um livro “*A pastoral democracy*” (1961), afirmando que a Somália era a democracia mais promissora do continente africano.

Mamdani escreve que o resultado das reformas propostas por novos governos

[...] não foi desmantelar o despotismo através de uma reforma democrática; antes, era reorganizar o poder descentralizado de modo a unificar a "nação" por meio de uma reforma que tendesse à centralização. O antídoto para um despotismo descentralizado acabou por ser um despotismo centralizado. No movimento de vaivém entre um despotismo descentralizado e centralizado, cada regime clamava reformar as características negativas de seu antecessor. [...] A continuidade entre a forma do Estado colonial e o poder formado através de reformas radicais foi sublinhada pela natureza despótica do poder. (MAMDANI, 1996, p.25-26, tradução nossa).¹²⁶

Seguindo a proposta teórica de análise do cientista político ugandense, podemos argumentar que o governo militar na Somália clamou uma reforma do despotismo descentralizado que se revelou conservadora e centralizadora e que as estruturas do Estado colonial se mantiveram, somente os atores políticos foram alterados.

Outra forma de análise do regime militar é observá-lo através do viés clânico. Abdalla Omar Mansur escreve que “as pessoas somalis são divididas

¹²⁴ O despotismo descentralizado pode ser entendido como as práticas da forma de governo indireto.

¹²⁵ No original: [*Whereas the conservative regimes reproduced the decentralized despotism that was the form of the colonial state in Africa, the radical regimes sought to reform it.*]

¹²⁶ No original: [*...was not to dismantle despotism through a democratic reform; rather it was to reorganize decentralized power so as to unify the "nation" through a reform that tended to centralization. The antidote to a decentralized despotism turned out to be a centralized despotism. In the back-and-forth movement between a decentralized and centralized despotism, each regime claimed to be reforming the negative features of its predecessor. [...] The continuity between the form of the colonial state and the power fashioned through radical reform was underlined by the despotic nature of power. For inasmuch as radical regimes shared with colonial powers the conviction to effect a revolution from above, they ended up intensifying the administratively driven nature of justice, customary or modern.*]

internamente em clãs e tradicionalmente não tinham o conceito de Estado como um poder hierárquico.” (MANSUR, 1995, p. 107, tradução nossa).¹²⁷ Para o pesquisador somali o sistema clânico levava a infundáveis disputas de poder e perpétuos conflitos pelo país. Segundo Ingiriis (2016), Siad Barre, ao assumir o controle do país, declarou que o tribalismo na forma de clãs deveria ser extinto, pois isso representava um atraso para a nação somali e o novo caminho a ser seguido era o da modernização. Política que para o autor foi somente uma forma de escamotear a real natureza clânica do governo. Ainda conforme Ingiriis (2016), o governo militar pode ser caracterizado como um regime *clano-militar*, “um Estado de clãs fora de um estado comunal. Por comunal se quer dizer um Estado onde todos os clãs e comunidades têm a sua voz, mesmo quando alguns persistem com maior voz e tentam apropriar-se de todo o Estado nacional.” (INGIRIIS, 2016, p. 3, tradução nossa).¹²⁸

Ingiriis (2016) e Mansur (1995) são enfáticos aos destacar a importância da massiva ajuda externa que a Somália recebia desde sua independência e que quase duplicou com o governo militar. Isso nos leva novamente ao conceito de *extraversão* elaborado por Bayart (2013) sobre a gestão de recursos provindos do Ocidente e de alguns países do Oriente pelas elites africanas. Os dólares derivados da ajuda humanitária se tornaram uma grande fonte de disputa entre as elites que integravam o governo. Como relembra Mansur, “[...] a classe dominante Somali na época não era bem treinada; eles seguiram a mesma linha política adotada anteriormente pelos ‘protetores’ coloniais que davam pouco valor ao desenvolvimento dos recursos internos da colônia.” (MANSUR, 1995, p. 113, tradução nossa).¹²⁹ Desta forma, grande parte do dinheiro ia para as elites e a outra se destinava ao fortalecimento do exército.

A institucionalização do clanismo representado pela sigla MODH (Majeerteen, Ogaadeen e Dhulbahante) é defendida por Lewis (2002) e por Ingiriis (2016). Para os autores esse grupo caracterizava os três principais clãs do país,

¹²⁷ No original: [*The Somali people are internally broken up into clans and traditionally lacked the concept of state as a hierarchical Power.*]

¹²⁸ No original: [*...a clan state out of a communal State. By communal is referred to a State where every clan and community had their voice even when some persisted greater voice and attempted to appropriate the whole national State for themselves.*]

¹²⁹ No original: [*...the somali ruling class at the time was not well trained; they followed the same political line pursued earlier by the colonial "protectors" who gave little value to the developed of the internal resources of the colony.*]

todos ligados diretamente a Siad Barre. Os representantes destes clãs compunham a maioria das cadeiras do governo e determinavam as políticas do regime e o destino do dinheiro. Também consideram que esta política foi a responsável pelo desmantelamento do governo em 1991.¹³⁰

Pensando no arcabouço teórico fornecido por Bayart (2013), Mamdani (1996) e Besteman (1999), frisamos que muitas das práticas do regime militar na Somália foram também observadas em outros Estados africanos durante o período das lutas pela independência. A disputa por recursos do Estado, pelo dinheiro provindo de outros países, pelo acesso a terra e por aquisição de poder está intimamente conectada com as formas de governo do período colonial e pela busca de “inserção” no dito mundo moderno e no mercado econômico mundial. Elementos como o nacionalismo somali, se tonaram a justificativa ideal para as disputas listadas acima.

Ademais, o próprio Lewis salienta que com a independência houve uma reconfiguração das identidades sociais na Somália, antes atreladas aos clãs e agora conectadas aos anseios de uma elite capitalista (LEWIS, 2002). Mansur (1995) também frisa que estas identidades clânicas nunca foram estáticas e ao longo dos séculos foram se reconfigurando. Dessa maneira, questionamos a proposta de Ingiriis (2016) de um governo *clanocrático*. O Estado na era Barre analisado pelo espectro histórico revela que as questões políticas que culminaram na queda do regime militar parecem estar mais conectadas à trajetória de exploração, colonização, *extraversão* e disputas de uma elite capitalista do que diretamente à natureza clânica da organização social.

Pensando no debate elencado por Bayart (2013) no capítulo “*The shadow theater of ethnicity*” podemos refletir que como em muitos Estados da África pós-colonial a questão étnica se tornou uma chave para o nacionalismo e também para possíveis explicações de conflitos estatais. Porém,

[...] a etnia não pode fornecer um ponto de referência básico para as áreas políticas pós-coloniais, porque ela está sendo constantemente formada e se mistura em grande parte dentro do fenômeno do Estado, para o qual se

¹³⁰ Em 1991 a cidade de Mogadíscio foi tomada pelas forças de oposição ao regime militar, Siad Barre fugiu do país e o governo deixou de se configurar em um Estado centralizado. Vários governos autônomos foram proclamados no país na década de 1990.

supõe que forneça a chave explícita. (BAYART, 2013, p. 49, tradução nossa).¹³¹

Retomando o que chamamos de Era Barre, é preciso expor algumas medidas empregadas pelo governo para compreender a natureza do regime e sua trajetória histórica. Siad Barre governou a Somália de 1969 até 1991, em um governo caracterizado como ditatorial e totalitário (INGIRIIS, 2016). Logo após o golpe adotou uma série de medidas políticas e institucionais que pareciam apontar para o endurecimento do regime. Foi criado um escritório de censura e uma Corte de Segurança Nacional, assim como uma polícia secreta (*National Security Service* – NSS). O Habeas Corpus foi extinto, se acabou com garantias individuais de liberdade e democracia, e a pena de morte foi instituída para aqueles que se opusessem ao regime. Barre passou a ter plenos poderes e anunciou estar em posição de decisão superior a Suprema Corte. Tais medidas foram defendidas pelo General como essenciais a continuidade da Revolução e à proteção dos interesses dos somalis (INGIRIIS, 2016).

Os primeiros anos após o golpe de 1969 marcam um período de grandes reformas estruturais e econômicas no Estado da Somália. Segundo Lewis em outubro de 1970 o governo militar comemorou um ano da chamada *Ka'an* e, para celebrar esta data, Siad Barre anunciou que o governo se dedicaria fortemente a implantação do socialismo científico na Somália, a qual passou a se chamar República Democrática da Somália (LEWIS, 2002, p. 209). O anúncio foi acompanhado de um veemente discurso contra o tribalismo, segundo o slogan do governo: “onde o tribalismo divide o socialismo unifica.” (LEWIS, 2002, p. 209, tradução nossa).¹³² Em sua obra o antropólogo britânico expõe que o socialismo científico (em somali *hanti-wadaagga 'ilmi ku dhisan*) se traduzia literalmente em “compartilhar a riqueza com sabedoria”. (LEWIS, 2002, p. 209). A adoção ao socialismo na Somália é vista como um elemento estrangeiro por autores como Ioan Lewis, Ahmed Samatar e Mohamed Ingiriis. (LEWIS, 2002, p. 205-214; SAMATAR, 1988 p. 85-86; INGIRIIS, 2016, p. 83-85). Para estes acadêmicos Barre só recorreu à ideologia marxista por influência e pressão dos soviéticos. Eles são enfáticos em

¹³¹ No original: [*Ethnicity cannot provide a basic reference point for postcolonial political areas, because it is self constantly being formed and is largely mingled within the phenomenon of the State, for which it is supposed to provide the explanatory key.*]

¹³² No original: [*where the tribalism divides socialism unites.*]

afirmar, de uma forma ou de outra, que antes de 1970 o General nunca havia nem mencionado ser a favor do socialismo.

3.7.1 As práticas econômicas do regime militar

Desde a independência a ajuda financeira fornecida pelos Estados Unidos, Itália e Reino Unido era tida como um elemento necessário para que o país pudesse se estabelecer no mercado econômico mundial. Poucos anos após a libertação colonial a Somália passou a receber também auxílio financeiro, na forma de ajuda humanitária de outros países europeus, da URSS e de países árabes. Além disto, estabeleceu empréstimos com quase todos os países tidos como desenvolvidos (SAMATAR, 1985, p. 64). Ahmed Samatar apresenta em seu livro que durante 1964 a 1969 a balança comercial do país sempre fechou em déficit. (SAMATAR, 1988, p. 73). Os problemas econômicos também foram utilizados como justificativa do golpe militar. Portanto, analisaremos brevemente a situação econômica do país entre 1969 a 1977.

As duas principais fontes de renda da Somália eram a exportação de banana e de carne bovina. O país era visto como pouco industrializado e podemos dar destaque para a indústria do açúcar e para as companhias de abastecimento de água, energia e saneamento básico. No entanto, até mesmo estas indústrias tinham apenas alcance urbano. No início de 1970 com a adoção do socialismo, o programa instituído por Barre seguia os seguintes pontos:

1. Propriedade da SNAI - a indústria açucareira italiana da Somália, anteriormente detida por concessionários privados italianos e pelo governo da Somália.
2. A nacionalização da Sociedade Elétrica Ítalo-Somali (SEIS). Esta é uma preocupação privada que possuía e controlava a geração e fornecimento de eletricidade - particularmente em Mogadíscio e no Sul.
3. A nacionalização de empresas distribuidoras de petróleo.
4. A nacionalização de todos os bancos estrangeiros. A razão primordial para sua aquisição, como o regime explicou, era criar poupança pública e disponibilizar créditos para o setor não comercial e produtivo da economia.
5. A criação de uma Companhia Nacional de Seguros no lugar das mais de cinco empresas estrangeiras no país, que foram acusadas de práticas de exploração. (SAMATAR, 1988, p. 87-88, tradução nossa).¹³³

¹³³No original: *[Outright ownership of SNAI - the Italian Somali sugar industry which previously had been owned by Italian private concessionaires and the Somali government. 2. The nationalization of the Italo-Somali Electric Society (SEIS). This is a private concern which owned and controlled the generation and supply of electricity - particularly in Mogadiscio and the South. 3. The nationalization of*

A nacionalização de empresas estrangeiras foi feita cuidadosamente e com a compensação aos países donos de tais companhias. Samatar afirma ainda que alguns empreendimentos do setor privado foram preservados e que o governo fez questão de proteger alguns setores da iniciativa privada (SAMATAR, 1985, p. 88).

Houve também estímulo à produção de bens locais e redução das importações, que segundo o regime, serviam para estimular o consumo de produtos nacionais. Conforme Ahmed Samatar (1985) foram lançados dois programas de desenvolvimento. O primeiro abrangia 1971-1973 e consistiu em massivo investimento na economia e em suplementos para o cultivo de alimentos e a criação de bovinos, além de empréstimos para produtores somalis. O segundo plano foi lançado para compreender 1974-1978 e focava, sobretudo, na agricultura. (SAMATAR, 1985, p.89). Aliado a ele, uma lei relacionada ao uso da terra foi promulgada pelo CSR em 1975.¹³⁴ O governo buscava coibir o cultivo individual da terra e buscava o cultivo comunitário. Todavia, relatos deste período confirmam que o trabalho forçado era empregado em muitas das fazendas comunitárias (INGIRIIS, 2016, p. 102). Apesar dos investimentos na agricultura, a principal fonte de exportação continuava a ser os bovinos.

Nestes primeiros nove anos do governo militar (1969-1978) a economia somali viu um grande crescimento. Entretanto, quase todo o dinheiro injetado na economia vinha de ajuda humanitária ou de empréstimos feitos com países desenvolvidos. Aqui damos destaque para o dinheiro da União Soviética que enviou milhões de dólares para o governo de Barre neste período. É importante ressaltar também que, como coloca David Laitin, a Somália foi o Estado a receber mais ajuda humanitária *per capita* do que qualquer outro país da África neste período. (LAITIN, 1976, p. 452). Outro fator relevante é o massivo investimento feito neste período no exército, seja na contratação e treinamento de pessoal ou no investimento em armas

oil distributing companies. 4. The nationalization of all foreign banks. The primary reason for their takeover, as the regime explained, was to create public savings and make credits available for the non-trade and productive sector of economy. 5. The creation of a National Insurance Company in place of the more than five foreign companies in the country, which were accused of exploitative practices.]

¹³⁴ A Lei sobre a posse de terra de 1975 estabelecia a nacionalização de todas as explorações de terras e o estabelecimento de limites legais sobre o seu tamanho e transferência. De acordo com essa lei, famílias individuais deveriam manter terras somente sob concessão, renováveis em cinquenta anos. SAMATAR, Ahmed, **Socialist Somalia**, 1988, p. 92. Cf. BESTEMAN, Catherine. **Land tenure in the Middle Jubba: Customary tenure and the effect of land registration**. Madison: University of Wisconsin, 1990.

e tecnologias e em instalações militares. Assim apresentamos um panorama econômico que devido à injeção externa de dinheiro, principalmente da URSS, não pode se sustentar após a derrota da Somália na Guerra do Ogaden, que deixou de ter o apoio financeiro dos soviéticos.

Notável também são as questões apresentadas por Bayart no texto “*The unequal state: Little man and big men*”, de 2013. Elas dizem respeito à capacidade de acumulação de capital nos países independentes do continente africano. O autor francês apresenta exemplos de alguns países da África, mas traremos alguns dos questionamentos dele para a situação da Somália neste período. A primeira pergunta que lançamos após observar a análise do somali Ahmed Samatar sobre as finanças do regime militar é: após a independência a Somália tinha real capacidade de acumulação de capital? O país poderia, após alguns anos de auxílio financeiro de suas antigas metrópoles, se inserir no mercado econômico mundial de forma independente? Não temos a intenção de responder essas questões neste capítulo, são reflexões importantes para o contexto de formação e continuidade do Estado na Somália, que serão abordadas novamente no terceiro capítulo.

3.7.1.1 Reformas educacionais

Os programas nacionais de reformas abrangiam os setores econômicos, educacionais e infraestruturais. Lewis afirma que os processos ligados à educação foram apresentados pelo Ministério da Informação e da Orientação Nacional como uma “Revolução Cultural” (LEWIS, 2002, p. 216). Este projeto visava a alfabetização massiva dos nômades e dos agricultores e o acesso a profissionais treinados nas áreas de medicina veterinária e agronomia. O primeiro passo dado pelo governo para a alfabetização da população foi a decisão de adotar o alfabeto latino para a escrita da língua somali em 1971, tema em discussão desde antes da independência das colônias (LEWIS, 2002, p. 216). Grande parte da população acreditava que adotar o alfabeto árabe era a melhor forma para tornar o somali uma língua escrita. Contudo, a escolha pelo alfabeto latino tornou-se popular e entre 1973 e 1975 foram lançadas campanhas massivas de alfabetização, complementando o projeto de nacionalização das escolas que havia ocorrido em 1971 (SAMATAR, 1985, p. 102). Segundo Samatar (1985), no início da década de 1970 a taxa de analfabetismo na

Somália, considerando todo o país, era de 93%. Em julho de 1974 cerca de 30 mil estudantes e professores dos meios urbanos se encaminharam para as regiões rurais com o objetivo de alfabetizar o maior número de pessoas possível. Nas palavras de Siad Barre:

A Chave [...] é dar a todos a oportunidade de aprender a ler e escrever [...]. É imperativo que nós demos ao nosso povo uma educação revolucionária e moderna [...] para reestruturar a sua existência social [...] Será a arma para erradicar a balcanização social e fragmentação em tribos e seitas. Isso trará uma unidade absoluta e não haverá espaço para qualquer influência cultural estrangeira negativa. (LEWIS, 2002, p. 207, tradução nossa).¹³⁵

É possível mapear um aumento significativo de gastos com educação e salário de professores. Por exemplo, no ano de 1972 o governo investia 2,4 milhões de dólares com educação: em 1977 estava gastando mais do que o dobro, cerca de 5,4 milhões de dólares (SAMATAR, 1985, p. 114). Problemas ambientais, no entanto, tornaram os programas educacionais no meio rural bastante difíceis. Entre 1974-1976 a Somália enfrentou gravíssimas secas e recursos educacionais tiveram que ser realocados para água e alimentos. Além disto, muitas futuras escolas se tornaram abrigos para família nômades. (LEWIS, 2002, p. 217-218).

Os programas de alfabetização também encontravam outras barreiras, como o trabalho que a maioria das crianças fazia ao cuidar do pastoreio de animais. Isto as impedia de frequentar regularmente a escola e era visto pelos pais como uma obrigação familiar que deveria ser cumprida. Replicando a fala de F. Kajaerby, Samatar expõe:

Em contraste com outros segmentos das sociedades em que a força de trabalho das crianças em idade escolar é mais marginal e temporária para suas atividades, as crianças nas sociedades pastorais estão pesadamente envolvidas em pastoreio, dia após dia, e isso explica a relutância dos pastores em enviar seus filhos para a escola. Assim, deve ficar claro que essa relutância não se deve ao conservadorismo ou à ignorância, como é mantido por alguns [...] mas devido ao problema de ter que realizar muitas tarefas de trabalho. (SAMATAR, 1985, p. 102 *apud* KAJAERBY, 1980, tradução nossa).¹³⁶

¹³⁵ No original: *[The Key... is to give everybody the opportunity to learn reading and writing... It is imperative that we give our people modern revolutionary education... to restructure their social existence... It will be the weapon to eradicate social balkanization and fragmentation into tribes and sects. It will bring about an absolute unity and there will be no room for any negative foreign cultural influence.]*

¹³⁶ No original: *[In contrast to other segments of societies where the labor power of school-aged children is more marginal and temporary to their activities, children in pastoral societies are heavily engaged in herding, day in and day out, and this explains the reluctance of pastoralists to send their*

A questão da alfabetização e conseqüente qualificação da mão de obra foi uma problemática recorrente em dezenas de países africanos após as independências. Quando as antigas metrópoles retiraram seus burocratas e trabalhadores qualificados definitivamente em muitos países permaneceu um vazio. O caso da Somália não difere de outros países africanos. Quando ocorreu a independência tanto Inglaterra quanto Itália cederam funcionários que foram se retirando paulatinamente. No caso somali muitos destes europeus acabaram sendo substituídos por trabalhadores soviéticos que chegaram no país ao longo de todo os primeiros cinco anos da década de 1970. Assim era visto como emergencial para a economia somali a alfabetização e qualificação dos indivíduos. Ademais, a educação tornou-se uma forma de doutrinação nacionalista, de inserção destes grupos na lógica capitalista e também de disseminação da ideia de Siad Barre como pai da nação.

O terceiro cartaz (Figura 26) traz dois jovens somalis segurando um livro vermelho, possivelmente em alusão ao livro vermelho de Mao ou também ao manifesto comunista de Engels e Marx, com as inscrições O.H.R.M. sigla para *Olaho Horumarinta Reer Miyiga /Ololaha Hormarinta Reer Miyiga*, em tradução livre Campanha Rural para Alfabetização dos Somalis. A campanha, como mencionado no capítulo anterior, tinha o objetivo de levar jovens somalis alfabetizados das cidades para o campo, com o objetivo de ensinar a população rural a ler, escrever e fazer contas básicas. Este tipo de jornada para diminuição do analfabetismo foi também lançada pelos soviéticos após a Revolução Russa (KENEZ, 1985), pelo DERG quando este assumiu o controle da Etiópia (ABBAY, 2010) e pelo partido comunista chinês durante a Revolução Cultural (POWEL; WONG, 1997).

A campanha foi lançada em 1972, após a adoção do alfabeto latino para a escrita somali. O iconotexto da imagem traz "*Dhallinta kacaanka Soomaaliyeed. Dhallinyarada Soomaaliyeed waxay ballan qaadaan in ay hirgeliyaan ujeedooyinka kacaanka Somaaliyeed.*" Em tradução livre: A juventude revolucionária Somali. A juventude somali está empenhada em implementar os objetivos da revolução Somali. É possível encontrar vídeos no youtube sobre a

children to school. It thus has to be made clear that this reluctance is not due to conservatism or ignorance as maintained by some... but due to the problem of having to carry out a lot of labor tasks.]

campanha de alfabetização que contém algumas imagens de aulas sendo ministradas no campo e fotografias do período.¹³⁷

Figura 26 – A juventude somali revolucionária



FONTE: Centro Studi Somali (2013)¹³⁸

137CF. OLOLIHII HORUMARITA BEERAHA EE REER MIYIGA 1975. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TCZMTVLH8B4](https://www.youtube.com/watch?v=TCZMTVLH8B4).

138 Disponível em: <http://dspace-roma3.caspur.it/handle/2307/1657>

Como relembra Kenez (1985), um dos principais objetivos da propaganda soviética era a educação popular e a disseminação dos ideais revolucionários, mas também fazer propaganda das ações do governo. Neste cartaz podemos elencar uma série de elementos que vão no sentido de propagar o ideal revolucionário e fazer propaganda do governo. Vemos um casal de jovens, visto como o futuro da nação somali, eles estão conectados com a educação e sua propagação, são os meios de levar a educação da cidade ao campo, que como no cartaz anterior carregaram uma tocha, que pode ser a tocha do conhecimento dado o propósito da campanha. Novamente vemos escadas, o caminho em direção ao progresso. A cor amarela era também muito utilizada em propagandas dos países comunistas (KENETZ, 1987). O cartaz é em comemoração ao dia 01 de maio, dia internacional do trabalho, comemorado em diversos países há décadas. O trabalho, a educação e o progresso, eram parte central do projeto desenvolvimento da Somália. (INGIRIIS, 2016). Os dois jovens seguram a representação do número um, que acreditamos ser em alusão a primeira campanha de educação no campo, e no topo do número novamente uma chama que pensamos ser em alusão a tocha da sabedoria ou aliança para o progresso. Há também uma série de estrelas vermelhas, que podem estar representando o ideal pan-somali que era representado pelas cinco pontas da estrela da bandeira do país.

Esta campanha teve um papel fundamental no projeto socialista de Siad Barre. Participaram da campanha: a Agência de Cinema, o Teatro Nacional, a Rádio Mogadíscio, a Rádio Hargeisa e Agência Nacional de Imprensa. Sendo a última, provavelmente, a responsável pela elaboração dos cartazes aqui debatidos. O projeto ocorreu entre 1972 e 1975, tendo sido iniciado a preparação dos jovens e das organizações envolvidas ainda em 1971. Assim, não podemos deixar de comparar a campanha aos projetos educacionais similares aos ocorridos na China, Moçambique, Etiópia, Tanzânia, em período similar e na URSS, ainda na era bolchevique. Todavia, a Somália possuía uma taxa de analfabetismo de cerca de 93% (SAMATAR, 1988), número bastante expressivo.

Na imagem vemos alguns elementos que se repetem no cartaz anterior (Figura 26). A escada novamente possivelmente mostrando os caminhos e degraus para o progresso (o trator como um símbolo da maquinização do campo), a vestimenta das duas mulheres é quase similar, a presença da toda e um iconotexto que fala em desenvolvimento. Repetição de cores vivas, aqui o amarelo e um pouco

de vermelho, na anterior o vermelho, cores vivas que chamam a atenção e que estão ligadas as cores da bandeira soviética e chinesa. Os outros cartazes que serão discutidos no capítulo seguinte apresentam características similares aos três aqui já abordados. Nos próximos algumas outras características muito presentes no imaginário dos países comunistas do período irão se repetir. Mas também encontramos muitas particularidades, símbolos que estavam conectados com as especificidades da Somália e do socialismo que esta desenvolveu. Buscaremos também retomar algumas das questões aqui brevemente discutidas, buscando dar um alcance teórico maior ao socialismo, ao desenvolvimentismo e a propaganda como um elemento que procurou formar uma imagem heterogênea da Somália sob o governo de Siad Barre.

3.7.2 A adoção ao socialismo: um debate teórico

Com base nos textos “*Afro-marxism*”, de Edmond Keller (1988) e “*Power in África*”, de Patrick Chabal (1994), procuramos abordar a opção socialista como algo que transcende a influência da URSS. Como já discutimos, desde o início da década de 1960 é possível observar intensas relações entre os Somalis e os soviéticos. Textos publicados pelo regime militar¹³⁹, o contexto de descolonização no continente africano e a Guerra Fria nos fazem refletir sobre as formas de socialismo que haviam se configurado e cristalizado na África. Para Edmond Keller “os ideais socialistas apelaram aos líderes africanos desde os primeiros estágios do período nacionalista.” (KELLER; ROTHCHILD, 1987, p. 1, tradução nossa).¹⁴⁰ Patrick Chabal afirma que “[...] a teoria revolucionária derivou em parte da assunção de que o socialismo era o futuro da África e em parte de uma interpretação particular das guerras de liberação nacional nas colônias portuguesas e no Zimbábue” (CHABAL, 1994, p. 29, tradução nossa).¹⁴¹ Logo, ambos os autores convergem no sentido de tentar compreender as vertentes do pensamento revolucionário na África, panorama fundamental para a instituição do socialismo na Somália.

¹³⁹ Cf. SAMATAR, Ahmed. *Socialist Somalia*. London: Zed Books, 1988.

¹⁴⁰ No original [*Socialist ideals have appealed to African leaders since the early stages of the nationalist period.*]

¹⁴¹ No original: [*...revolutionary theory derived in part from the assumption that socialism was the future of Africa and partly from a particular interpretation of the wars of national liberation in the Portuguese colonies and in Zimbabwe.*]

O pensamento implicado na teoria revolucionária segundo Chabal (1994), isto é, na plausibilidade e desejabilidade do socialismo na África, é tributária de duas origens distintas: a primeira é oriunda do pensamento marxista e do antigo debate sobre a viabilidade do socialismo em sociedades eminentemente pré-capitalistas, como a Rússia e a China: a segunda decorre de uma “vertente indígena”, também chamado socialismo africano, que defende que a África pré-colonial já teria sido socialista em tempos antigos por configurar sociedades sem classe. De um lado, marxistas engajados na teoria revolucionária fizeram esforços interpretativos fortemente apegados à noção de “classe” para construir cenários da união de ligas camponesas, trabalhadores e intelectuais progressistas na derrubada do colonialismo e imperialismo. Do outro, socialistas não-marxistas insistiam na ausência de classes na África “tradicional”, enfatizando uma noção comunal de socialismo que teria precedido as sociedades colonizadas. Deste último grupo, Chabal destaca personalidades africanas importantes no processo de descolonização da África, como: Kwame Nkrumah, Sékou Touré, Julius Nyerere, Léopold Senghor, e Kenneth Kaunda. (CHABAL, 1994, p. 32).

Para Keller houve também um caminho que desembocava no chamado Afro-marxismo (que sob o nosso ponto de vista mescla as duas vertentes propostas pelo africanista inglês), não abordado por Chabal, porém extremamente relevante para o contexto somali. O cientista político estadunidense aponta que o Afro-marxismo, pode ser observado bem articulado em Angola, Moçambique e Etiópia e de forma marginal no Benin, Congo (atual República do Congo), Madagascar. (KELLER, 1987). Em linhas gerais esta vertente ideológica foi adotada por países africanos no qual havia um Estado de partido único que exercia uma política centralizada, e por vezes autoritária, de tomada de decisões, onde houve coletivização econômica e uma economia nacionalizada. E, sobretudo, nos quais os regimes tendiam a mesclar traços do leninismo e do populismo:

Os mais bem articulados entre eles nasceram dos movimentos de libertação nacional em nome dos "povos africanos" de seus respectivos países (Angola e Moçambique) ou de uma revolução social em nome das "massas trabalhadoras" liberadas de suas "cadeias feudais" (Etiópia). (KELLER; ROTHCHILD, 1987, p. 8, tradução nossa).¹⁴²

¹⁴² No original: [*The best articulated among them were born of national liberation movements on behalf of the "African peoples" of their respective countries (Angola and Mozambique) or a social revolution in the name of the "working masses" liberated from their "feudal chains" (Ethiopia).*]

Notavelmente vários dos países apontados como afro-marxistas tiveram líderes carismáticos que encabeçavam o partido e eram sustentados também pelo poderio militar do Estado. É significativo assinalar também, que os países apontados como Afro-marxistas por Keller e Rothchild (1987), em geral tiveram suas independências - ou mesmo a adoção do socialismo como ideologia do regime - no final da década de 1960 e início de 1970. Ressaltamos que a vertente indígena do socialismo já estava em decadência nesta época e muitos dos países que levantaram a bandeira do socialismo africano já havia mudados suas políticas ou sofrido golpes que desarticularam a reprodução desta ideologia, como é o caso de Kwame Nkrumah ex-líder de Gana e Julius Nyerere de Tanganyika. (CHABAL, 1994).

Chabal e Keller têm divergências quanto suas interpretações, contudo, nenhum dos autores acaba por englobar o socialismo na Somália. Porém, o regime no país parece se aproximar mais a experiência etíope, tendo em vista as condições sociais e políticas do país no período em que se buscou adotar o socialismo. O regime implantado por Barre carrega algumas das características do Afro-marxismo, segundo Keller (1987): a ideia de libertar o povo de um governo corrupto, ineficiente e explorador (“Revolução” de 1969), a relação híbrida entre populismo e leninismo, a presença de um líder carismático, a adoção de medidas para nacionalizar empresas, a coletivização econômica e a educação através da propaganda. Entretanto, como muitas destas características só permaneceram até 1977 e a partir daí houve uma total desconfiguração do regime enquanto socialista, a situação da Somália permanece como um caso a parte, pouco discutido por especialistas no tema.

Optamos não replicar as afirmações de Lewis e Samatar de que o socialismo foi apenas um elemento de conexão entre a URSS e a Somália. Ingiriis (2016), não debate profundamente esta questão. Contudo, afirma que Barre não adotou o socialismo apenas por intervenção dos soviéticos. Para o pesquisador Somali o líder militar usou a adoção do socialismo como uma estratégia de legitimação e fortalecimento do seu regime e das relações com o mundo soviético e comunista. E ainda na década de 1970 a Somália declarou apoio a Cuba e aos vietcongues em sua luta contra os Estados Unidos (INGIRIIS, 2016, p. 87-88). O socialismo na Somália se apresenta como um elemento complexo de um quebra cabeça construído pelo regime militar ao longo dos primeiros anos do governo. Ao longo do trabalho estamos buscando explorar cada peça que compõe o panorama do regime entre 1969 e 1977. O socialismo irá se fundir com os elementos nacionais

desde sua adoção e no segundo capítulo iremos explorar como cada peça do quebra cabeça integrava um intrincado jogo político de poder e controle.

Por fim, gostaríamos de questionar brevemente a noção de Revolução apresentada pelo regime. Nos valemos do texto de Jean François Bayart “*Conservative modernisation or social revolution? The extreme scenarios*”. Nele Bayart afirma que:

A busca da hegemonia deve ser definida entre dois tipos ideais: em primeiro lugar, o da modernização conservadora, por meio da qual os grupos dominantes já estabelecidos mantêm o seu lastro - como Tancrède escreveu em *The Cheetah* “Tudo muda para que tudo permaneça igual” - e em segundo lugar revolução social, que provoca a queda dos grupos dominantes e a ascensão de, pelo menos, uma seção dos grupos subordinados. (BAYART, 2013, p. 119, tradução nossa).¹⁴³

Na Somália a chamada *Ka’na* parece estar mais próxima a uma modernização conservadora do que a uma revolução social. As mudanças implantadas pelo novo governo modificaram estruturas burocráticas e deslocaram o poder das mãos de uma elite burguesa civil para uma elite militar, também profundamente conectada com o antigo Estado colonial. Desta forma, as estruturas sociais sofreram poucas alterações após outubro de 1969. Uma elite formada no período colonial, inserida no aparato burocrático e militar, com influência europeia continuou a comandar o país e proteger seus interesses. Apesar dos discursos para o fim do tribalismo, na prática o regime militar acabou por consolidar conexões entre o governo e os principais clãs e fortaleceu uma elite burocrática que com a nacionalização de indústrias e plantações passou a ter acesso direto aos recursos administrados pelo Estado (INGIRIIS, 2016, p. 88).

¹⁴³No original: [*The pursuit of hegemony should be defined between two ideal types: firstly, that of conservative modernization whereby the already established dominant groups maintain their power - as Tancrède wrote in The Cheetah 'Everything changes so that everything stays the same' - and secondly, that of social revolution, which brings about the down fall of the dominant groups and the rise of at least a section of the subordinate groups.*]

4 PROPAGANDA, DESENVOLVIMENTO E EXCLUSÃO

“Se você não pode resolver seus problemas em paz, você não pode resolver a guerra.”¹⁴⁴

Provérbio Somali

O objetivo deste capítulo é continuar a análise dos cartazes de propaganda política. Os sete que aqui serão analisados dão ênfase nas conquistas do regime militar (Revolução somali), na figura de Barre e no projeto desenvolvimentista para o qual o governo do período este voltado na década de 1970. O último cartaz é de 1976, porque no início de 1977 a Somália entra em guerra com a Etiópia e os aliados do país se modificam, assim ocorrem grandes mudanças na política econômica e no contexto histórico.

4.1 OS CARTAZES DE PROPAGANDA NACIONAL

A quarta fonte é um cartaz de 1975 (Figura 27) em comemoração ao dia do trabalho em 1º de maio. A comemoração do 1º de maio também é o tema do cartaz anterior e, em geral, celebrar uma conquista ou uma data específica parece ser um elemento aglutinador das fontes ou a invenção de uma tradição do regime militar entorno desta data. Podemos pensar que os cartazes como uma propaganda política, além de difundir um ideal serviam também para divulgar os feitos do governo militar além de disseminar uma agenda específica. Esse é o único cartaz em que encontramos uma inscrição que indica que a fonte foi elaborada pelo governo. Na lateral direita é possível ler: *“Edit by political office of presidency SRS-Somali Democratic Republic – Design and print by the State print agency 1975”*, em tradução livre: Editado pelo escritório político da presidência SRS - República Democrática da Somália – Desenhado e impresso pela Agência Nacional de impressão– 1975. Outros cartazes também possuem alguma forma de assinatura, no entanto, este é o único que nos confirma que os cartazes devem ter sido impressos pela agência nacional. Encontramos um livro chamado *“Somalia: Revolutionary Transformation”* (1975), editado por Hussein Mohamed Adam, com

¹⁴⁴AHMED, Op. cit., p. 24.

capítulos de vários autores sobre as transformações propostas pelo governo e impresso pela agência nacional. Todavia, não conseguimos ter acesso a este livro, somente ao seu sumário.

Figura 27 – Comemoração do 1º de maio de 1975



FONTE: *Centro Studi Somali*¹⁴⁵

145 Disponível em: <http://dspace-roma3.caspur.it/handle/2307/2289>

Esses elementos indicam que existia um órgão responsável pela elaboração, impressão e distribuição dos cartazes. E nos levam a crer que a produção destes cartazes fazia parte de um aparato propagandístico que em conjunto com o rádio, os desfiles nacionais e até mesmo o cinema buscavam promover um ideal nacional socialista e que podemos observar seus elementos nas fontes aqui analisadas. O cartaz acima traz uma escada bastante longa que em sua base tem escrito: “*WAA DANAHA SHAQAALAHA SOMAALIYEED*”, que em tradução livre significa: São os interesses dos trabalhadores Somalis, frase que nos remete muito a proposta de Karl Marx e Frederich Engels no “Manifesto do Partido Comunista”. Como já mencionado, o pôster é um alusão ao dia do trabalho e na parte superior podemos ver a frase “*HANNOOLAATO 1da MAAJO 1975*”, em tradução livre: Comemoração do 1º de maio de 1975. Ao lado da escada temos flechas que apontam para cima, em uma alusão aos degraus da escada, nelas estão escritos “*MIRIHII KACAANKA*”, em tradução livre: os frutos da revolução.

Cada degrau da escada apresenta, em uma interpretação da imagem, uma conquista da revolução. O primeiro degrau traz uma alusão a essa revolução, que interpretamos aqui como golpe militar, “*21kii OKTOBAR 1969 DHALASHADII KACAANKA*”, em tradução livre: 21º de outubro de 1969, nascimento da revolução. Traduzimos de forma livre todos os dizeres dos degraus para podemos discuti-los, seguindo a sequência da imagem: “*7dii MAJO 1970 - QARAMAYSKII WARSHADAHA IYO BANKIYADA*”: 7º de maio de 1970 - Nacionalização das Indústrias e dos bancos; “*27kii MAJO 1970 - ABUURISTII WAKIILADA SHAQAALAHA*”: 27º de maio de 1970 - Fundação do sindicato dos trabalhadores; “*21kii OKTOBAR 1970KII KU DHAWAAQIDII HANTI WADAAGGA*”: 21º de outubro de 1970 Declaração de adoção ao comunismo; “*22kii LULYO 1971 LA WAREEGGIDII IIBINTA IYO QEYBINTA GALEYDA IYO MESAGADA*”: 22º de julho de 1971 nacionalização da produção de grãos como o chá e o sorgo; “*7dii FABRAYO 1975 HIRGELINTA TIRAKOOBKA*”: 7º de fevereiro de 1975 Implementação de estatísticas; “*7dii AGOOSTO 1971 ABUURISTII WASAARADDA SHAQADA IYO CAYAARAHA*”: 7º de Agosto de 1971 Formação do Ministério do Trabalho e Esporte; “*29kii DISEMBAR 1971 ABUURISTII XARIIRIYAASHA SHAQAALAHA EE WASAARADAHHA*”: 29º de dezembro de 1971 Estabelecimento da coordenação entre funcionários dos ministérios; “*11kii JANNAYO 1972 - XEERKII LAGU EKEYNAYAY LAGUNA KORMEERAYAY SICIRKA BADEECADAHA*”: 1º de

janeiro de 1972 Código de Conduta e Monitoramento do Preço de Mercadorias; “*2dii MARSO 1972 - XEERKII SHAQAALAHA DAWLADDA KA WADA DHIGAYAY SHAQAALE JOOGTA AH*”: 2º de março de 1972 Lei para os termos de contrato de funcionários do Estado; “*17-9-1972 25kii QODOB*”: 17 de setembro de 1972 Os 25 artigos; “*21kii OKTOBAR 1972 QORISTII AF SOMALIGA*”: 21 de outubro de 1972 Codificação da língua somali; “*21 LUULYO 1973 SHARCIGA ISKAASHATOOYINKA*”: 21 de julho de 1973 Lei de fundação de cooperativas; “*24 LUULYO 1973 DHISMIHII GUDDIYADA SHAQAALAHA*”: 24 de julho de 1973 Estabelecimento do conselho de trabalhadores; “*27 NOVEMBER 1973 SHARCIGII KIRIDA GURYAHA LAM.44*”: 27 de novembro de 1973 Lei que regulava o aluguel de propriedades; “*7 FABRAYO 1974 KU BIIRKII URURKA CARABTA*”: 7 de fevereiro de 1974 Associação a Liga Árabe; “*16 MAARSO 1974 LA WAREEGIDDII MAAMULKA MARAAKIIBTA*”: 16 de março de 1974 Nacionalização da administração da marinha mercante; “*1-5-74 ballaarinta sharciga howlgebka - go'aankii waxbarashada khasabka ilaa dugsigu dhexe*”: 1º de maio de 1974 Lei de extensão de pensão e educação obrigatória aumentada para o ensino médio; “*1-8-74 hirgelinta ololaha horumarinta reer miyiga uruurinta iyo dejintadaba*”: 1 de agosto de 1974 Campanha pelo desenvolvimento rural educação; “*11 Jenaayo 1975 sinaanta ragga iyo haweynka*”: 11 de janeiro de 1975 Lei que igualava direitos dos homens e das mulheres; “*7dii Fabrayo 1975 hirgelinta tirakoobka*”: 1º de fevereiro de 1975 Censo nacional.

Há uma mudança na forma de escrever os números que aparecem escritos em formato de numeral cardinal e numeral ordinal, além de alguns degraus que aparecem com os dizeres em maiúscula e outros em minúscula, no entanto, não parece algo feito propositalmente para destacar a relevância de determinadas conquistas, talvez apenas o tamanho dos degraus tenha impossibilitado a utilização de letras maiúsculas. É bastante interessante os êxitos escolhidos pela agência nacional para compor esta escada, a maioria deles sinaliza elementos que apontam para o socialismo, destacamos a nacionalização da produção de cereais e da marinha mercante, a lei que dava direitos iguais para homens e mulheres, fundação de cooperativas e do sindicato dos trabalhadores, monitoramento de preços e já nos primeiros degraus a menção a declaração do comunismo.

Vemos no topo da escada a representação de dois jovens de mãos dadas com bandeiras na mão, o menino carrega uma bandeira azul que no centro tem um

livro - que imaginamos ser em referência ao manifesto comunista, mas pode ser também uma alusão à educação, afinal educação é trabalho – com uma enxada e um martelo desenhados que irão compor a bandeira do Partido Socialista Revolucionário Somali (*Xisbiga Hantiwadaagga Kacaanka Soomaaliyeed*). O menino veste um macacão, vestimenta que foi muito utilizada por operários em fábricas da Europa e como veremos nas próximas fontes, esta vestimenta se repete. A mulher carrega a bandeira da Somália, veste o que parece ser um vestido e usa na cabeça um *hijab* ou um turbante. O uso do véu pelas mulheres faz parte dos preceitos islâmicos e em todas as fontes aqui analisadas as mulheres são representadas com um pano que cobre suas cabeças. Contudo, ele pode ser um *hijab* ou um turbante, também muito comum na África.

Novamente vemos o amarelo e o vermelho em destaque e o uso da representação imagética de uma escada que faz alusão a temas como progresso e etapas. Nesse cartaz a escada parece estar ligada as conquistas do governo militar que compõe uma escada que vai cada vez mais alto alcançando grandes patamares. A fonte está escrita completamente em somali, diferentemente dos cartazes anteriores, assim, provavelmente buscava atingir a população das cidades que tinham domínio da língua, ou seja, mesmo nas cidades um grupo limitado de pessoas. Porém, as representações imagéticas contribuem para uma interpretação dos não alfabetizados. Como veremos alguns elementos se repetem em vários pôsteres o que nos leva a crer que seus criadores buscavam estabelecer um padrão que facilitasse a interpretação e destacasse símbolos nacionais como: a bandeira nacional, a ideia de progresso implícita no uso de escadas, as cores chamativas, a bandeira com o livro, o martelo e a enxada e o uso de personagens jovens com vestimentas específicas.

O próximo cartaz (Figura 28) é em comemoração ao primeiro ano de fundação do Partido Socialista Revolucionário Somali - *Xisbiga Hantiwadaagga Kacaanka Soomaaliyeed* (XHKS). No topo da fonte vemos escrito “*sannad-guurada 1aadee X.H.K.S.*”, em tradução livre: Primeiro aniversário do Partido Socialista Revolucionário Somali. O partido foi fundado em 1º de julho de 1976, durante a comemoração de 15 anos de independência da Somália em relação ao colonialismo europeu. Na fundação do partido, Siad Barre foi colocado como secretário geral do partido e o politiburo era formado por cinco membros: o tenente-general Mahammad Ali Samantar (vice-presidente), o major-general Hussein Kulmiye

(segundo vice-presidente), o brigadeiro-general Ahmad Sulaymaan Abdullah e o brigadeiro-general Ismail Ali Abukor (posteriormente substituído pelo brigadeiro-general Ahmad Mahamuud Faarah). Os quadros do PSRS incluíam comunistas proeminentes, como Abdulrahman Aidiid, Mohamed F. Weyrah (economista conhecido) e Abukar Hussien. A Constituição Somali elaborada pelo SRC em vigor deu-lhe um papel de liderança na vida política do país. (SAMATAR, 1985).

Conforme o autor somali:

O Sétimo Artigo da Constituição de 1979 da República Democrática da Somália esclareceu o papel da XHKS:

Autoridade e Liderança do Partido:

1. O Partido Socialista Revolucionário da Somália será o único partido legal na República Democrática da Somália; nenhum outro partido ou organização política pode ser estabelecida.
2. O Partido Socialista Revolucionário da Somália terá autoridade suprema de liderança política e socioeconômica na República Democrática da Somália. (SAMATAR, 1985, p. 87, tradução nossa).¹⁴⁶

Desde a sua fundação e até 1977, Samatar (1985) afirma que o partido colaborou com vários partidos comunistas na Europa, especialmente o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Socialista Unificado da Alemanha, governante na RDA, este último até financiou uma escola de quadros para o PSRS. Após o rompimento com a URSS e Cuba, que deram seu apoio à Etiópia na questão de Ogaden, ocorreram divisões.

Na imagem podem ver ao centro o símbolo do partido, com o martelo e a enxada, um fundo azul em alusão as cores da bandeira da Somália, a estrela da bandeira e uma coroa de plantas verdes, possivelmente folhas de bananeira. Temos o uso de amarelo e vermelho como cor principal do cartaz e diferentes representações de cidadãos. O primeiro aparece segurando um livro e veste roupas mais formais, acreditamos ser um professor, sendo ele o representante do conhecimento. O segundo de arma na mão e uniforme do exército é um militar.

¹⁴⁶ No original: “*The Seventh Article of the 1979 constitution of the Somali Democratic Republic clarified the role of XHKS: Authority and Leadership of the Party: 1. The Somali Revolutionary Socialist Party shall be the only legal party in the Somali Democratic Republic; no other party or political organization may be established. 2. The Somali Revolutionary Socialist party shall have supreme authority of political and socio-economic leadership in the Somali Democratic Republic.*”

Figura 28 – Sannad-guurada



FONTE: *Centro Studi Somali*¹⁴⁷

Temos ao lado do militar uma mulher segurando a mão de uma criança que veste um uniforme escolar, provavelmente em alusão a uma mãe. Atrás dela vemos um homem com um uniforme verde e lenço vermelho, não encontramos nenhuma menção a este tipo de vestimenta, mas eles possivelmente integram as forças do *National Security Service*, a polícia criada por Barre para fiscalizar a população, responsável também por torturas, proteção pessoal dos integrantes do SRC, assassinatos e sumiço de pessoas. (INGIRIIS, 2016). A NSS era formada pelos guarda-costas do Presidente, os Boinas Vermelhas “*Duub Cas*”, os *Dhabar Jabinta* um ramo da polícia militar, os *Hangash*, outro ramo da polícia militar, e os *Guulwadayal* um grupo paramilitar uniformizado, que acreditamos serem os

147 Disponível em: <http://dspace-roma3.caspur.it/handle/2307/1643>

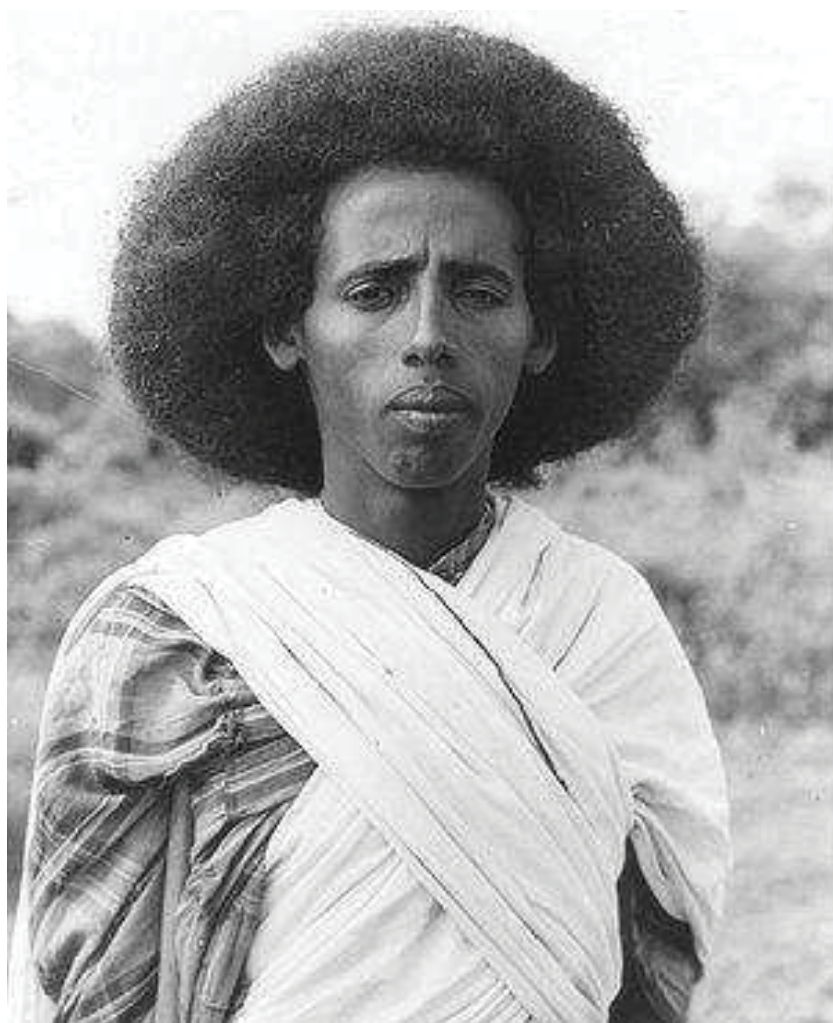
representados no cartaz. Atrás deste vem um homem com o que parece ser uma túnica branca e uma enxada na mão, acreditamos ser uma representação das populações nômade pastoris da Somália. Sugerimos isto com base em duas imagens (Figura 29 e Figura 30), a primeira encontrada no livro de Ioan Lewis (2002) e a segunda foi encontrada em um blog de um somali que vive em Londres e escreve sobre a cultura somali. Atrás dele temos o que parece ser um operário vestindo um macacão e segurando um martelo. O cartaz parece representar os integrantes da sociedade somali em geral, demonstrando que todos estes estão incluídos no partido que representa a voz da população e através de Barre conduz o país.

Figura 29 – Jovem pastor



FONTE: Lewis (2002)

Figura 30 – Homem Somali



FONTE: Safisaid (2007)¹⁴⁸

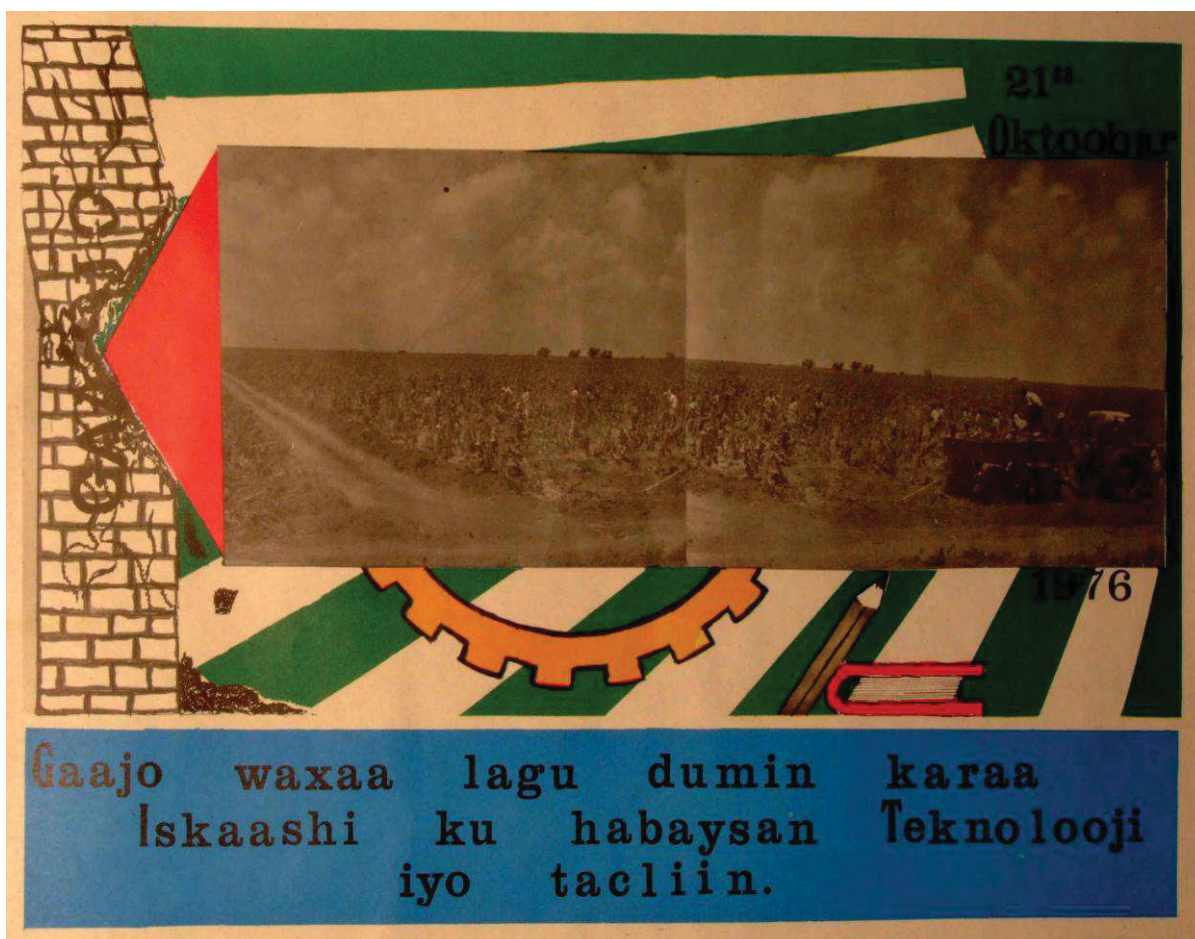
Vemos também no cartaz atrás das figuras mais nítidas um homem e uma mulher que parecem carregar pães (homem) e espigas de milho (mulher). Outros indivíduos carregam a bandeiras do país e os desenhos tornam-se apenas contornos de pessoas. Embaixo da imagem vemos a inscrição “*xisbiguu waa hoggamiyaha geedigeena*”, que em tradução livre significa: O partido lidera o nosso caminho. A imagem parece representar o povo sendo guiado pelo partido. Na lateral direita do cartaz vemos uma assinatura que não foi possível compreender e os números 77, o que nos leva a crer que a imagem foi produzida em 1977, um ano após a fundação do partido somali.

O sexto cartaz (Figura 31) apresenta um tema bastante relevante para o contexto econômico somali 1974 a 1978: *gaajo*, em tradução livre fome. Essa

148 Disponível em: <https://shafisaid.wordpress.com/>

palavra aparece escrita na lateral esquerda do cartaz e ao centro vemos o que parece uma fotografia de uma plantação que acreditamos ser de sorgo (Figura 32), um grão plantado em larga escala na Somália e que servia como base de alimento para a população. O cartaz parece ser de 1976, ano em que produção deste grão foi de quase 140 mil toneladas. (SAMATAR, 1985). Todavia, desde 1974 a produtividade deste produto e de outros vinha caindo exponencialmente em decorrência da falta de chuvas. Ahmed Samatar (1985, p.92) que chegou a entrevistar Siad Barre nesta década afirma que segundo o militar a seca de 1974-1975 foi a pior seca já enfrentada pelo país.

Figura 31 - Gaajo



FONTE: *Centro Studi Somali*¹⁴⁹

O regime militar havia nacionalizado grande parte das terras e estas eram concedidas a famílias de agricultores podendo renovar o contrato a cada 15 anos

149 Disponível em: <http://dspace-roma3.caspur.it/handle/2307/1644>

(Lei da posse da Terra 1975). O governo através da Lei de Desenvolvimento das Cooperativas de 1974 havia proposto três tipos de cooperativas: as primeiras chamadas de gerais, nas quais se devia compartilhar a tecnologia, projetos agrícolas e mão de obra qualificada, mas a terra e os instrumentos mantinham-se como propriedade privada; o segundo modelo recebeu o nome de grupo de fazendeiros, nestas o modelo era mais comunitário, as terras pertenciam aos trabalhadores e quatro quintos da renda obtida deveria ser distribuída entre os cultivadores da terra; por fim, as totalmente comunitárias, onde tudo pertenciam a um grupo que cultivava a terra. (SAMATAR, 1965). Essas medidas visavam aumentar a produção e impedir que grandes lotes de terra ficassem nas mãos de um pequeno grupo.

Figura 32 – Plantação de sorgo



FONTE: Virginia Luling (1968)¹⁵⁰

Contudo, as prolongadas secas atrapalharam tanto os projetos agrícolas quanto a campanha da alfabetização, como debatido anteriormente. Por isto acreditamos que este cartaz, que parece ser em comemoração ao dia 21 de outubro

¹⁵⁰ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/78361787@N07/6871003522/in/album-72157629671074771>

de 1976, data do golpe militar, apresentado pelo governo como revolução, buscava reforçar a mensagem de que mesmo com os problemas de escassez de alimentos era preciso que o projeto socialista do governo de Barre continuasse. Embaixo da figura é possível ver a frase “*Gaajo waxaa lagu dumin karaa Iskaashi ku habaysan teknooloji iyo tacliin*”, que em tradução livre significa: A fome pode ser superada através de uma cooperação baseada em educação e tecnologia. A educação e a tecnologia são temas recorrentes nas fontes e como podemos ver representando na imagem temos um livro de capa vermelha, como eu outros cartazes, um lápis e uma engrenagem, novamente vemos a cor amarelo e vermelho.

Já afirmamos que o número de alfabetizados na Somália era bastante baixo, porém, a palavra *gaajo* e sua grafia possivelmente era conhecida mesmo pelos analfabetos, e as representações imagéticas no cartaz falam uma mensagem bastante clara para seu público. Desta forma, supomos que este cartaz possa ter sido colocado em regiões mais rurais para incentivar a população que trabalhava com a terra, visando lembrar a população que a apesar das grandes dificuldades e mortes enfrentadas na década de 1970 o projeto do governo iniciado com o golpe ainda estava em funcionamento.

O pôster abaixo (Figura 33) é em comemoração ao dia 08 de março, dia internacional da mulher. É interessante notar que foi no ano de 1975 que as Nações Unidas oficializaram o dia 08 de março como dia Internacional da Mulher, tendo em vista, que o ano de 1975 havia sido considerado por esta organização como o ano da mulher. (UNITED NATIONS, 2014). Sobre a origem da comemoração do Dia Internacional da Mulher não há concordância absoluta diante das múltiplas manifestações de luta de mulheres por todo o mundo. Durante o século XX, sobretudo, em seu início as mulheres estavam engajadas na luta pelo sufrágio feminino e por melhores condições de trabalho nas fábricas. A professora e filósofa estadunidense Angela Davis (2016, p.48) afirma que em 1908: “as mulheres socialistas do *Lower East Side*, em Nova York, organizaram uma manifestação de massa em apoio ao sufrágio igualitário, cujo aniversário [do Dia da Mulher seria] comemorado.”

Figura 33 – 8 de março de 1976



FONTE: Centro Studi Somali¹⁵¹

151 Disponível em: <http://dspace-roma3.caspur.it/handle/2307/1650>

Eva Blay (2001) afirma que em agosto de 1910, a alemã Clara Zetkin propôs em reunião da Segunda Conferência Internacional das Mulheres Socialistas a criação de uma jornada de manifestações. No ano seguinte houve um grande incêndio em uma fábrica de Nova York (*Triangle*), a fábrica ficava em um prédio e tinha instalações elétricas precárias e boa parte da mobília em madeira, assim o fogo se alastrou rapidamente e como algumas portas estavam fechadas 146 pessoas morreram, sendo 125 mulheres e 21 homens (BLAY, 2001). Houve um grande funeral e a morte dessas mulheres, em sua maioria imigrantes italianas e judias, causou grande comoção levando milhares de pessoas as ruas para acompanhar o funeral.

Somado a esta catástrofe em 8 de março 1917 (23 de fevereiro no Calendário Juliano), trabalhadoras russas do setor de tecelagem entraram em greve e pediram apoio aos metalúrgicos. Blay (2001) comenta que:

“[...] para Trotski esta teria sido uma greve espontânea, não organizada, e teria sido o primeiro momento da Revolução de Outubro. Na década de 60, o 8 de Março foi sendo constantemente escolhido como o dia comemorativo da mulher e se consagrou nas décadas seguintes. Certamente esta escolha não ocorreu em consequência do incêndio na *Triangle*, embora este fato tenha se somado à sucessão de enormes problemas das trabalhadoras em seus locais de trabalho, na vida sindical e nas perseguições decorrentes de reivindicações. (BLAY, 2001, p. 605).

As origens da comemoração deste dia têm raízes nos movimentos socialistas femininos e que em 1976 fazia apenas um ano que o dia havia se tornado o dia internacional da mulher comemorado em várias partes do globo. Como em relação ao dia do trabalho podemos notar que o governo seguia uma agenda internacional de datas comemorativas. No cartaz vemos uma mulher que segura uma criança em alusão a maternidade. A frase escrita embaixo da imagem “*Hooyada wanaagsani ubadka way hagaajisaa*” em tradução livre significa: Uma boa mãe cuida de seus filhos.

Através de uma breve retrospectiva histórica da construção do dia internacional da mulher denotamos que este está relacionado às lutas históricas pela emancipação da mulher, pelo direito ao voto e por melhores condições de trabalho. Aqui a mulher em seu dia é representada como mãe e não como uma trabalhadora, no quinto cartaz a mulher também é representada como mãe. Isso nos leva a crer que o papel da mulher no projeto político do regime militar era o de ser mãe, ou seja,

se reproduzir e cuidar dos filhos, que são vistos como o futuro desta nação. A amostragem é bastante pequena para que sejamos enfáticos em definir o papel da mulher nessa sociedade. Ela também estava conectada ao projeto educacional porque como vimos no segundo cartaz é a mulher quem carrega o livro vermelho. Porém, sem dúvida um dos papéis mais importantes que a mulher tinha a desempenhar neste projeto é o de ser mãe. A mulher em uma sociedade islâmica tem um papel bem definido, mas como discutimos anteriormente o governo de Barre havia sancionado uma lei em 1975 que outorgava os mesmos direitos políticos e econômicos a homens e mulheres. Então é possível afirmar que as mulheres estavam presentes no projeto político do governo militar, não como integrantes do regime, mas como beneficiárias deste.

O oitavo cartaz (Figura 34) se assemelha muito ao quarto cartaz (Figura 27) que também é em comemoração ao primeiro de maio dia internacional do trabalho. Uma inscrição na lateral direito traz uma assinatura, possivelmente de quem elaborou o pôster, e o número 76, que acreditamos ser em alusão a 1976 ano que deve ter sido produzido a fonte. Ele apresenta novamente as supostas conquistas da revolução de 1969. Traz na parte inferior à inscrição “WAA DANAHA SHAQAALAAH SOOMAALIYEED”, que em tradução livre significa: São os interesses dos trabalhadores Somalis. No centro do cartaz temos uma árvore com folhas e cada folha traz uma medida do governo militar. Podemos pensar que esses feitos dão os frutos da revolução, já que na base da árvore temos uma faixa com a inscrição “21kii Oktoobar 1969 – *Dhalashadii Kacaanka*”, que se refere a data do golpe militar, apresentado aqui como revolução (*Kacaanka*). Boa parte dos feitos que aparecem nas folhas já estavam presentes no cartaz quatro, as fontes tem um ano de diferença, assim aqui aparecem adicionadas as medidas tomadas pelo governo durante o ano de 1975.

Figura 34 - Hannoolato



FONTE: Centro Studi Somali¹⁵²

Seguindo a sequência de inscrições nas folhas da esquerda para a direita em tradução livre: seguindo a sequência da imagem: "7dii MAJO 1970 - QARAMAYSKII

152 Disponível em: <http://dspace-roma3.caspur.it/handle/2307/1669>

WARSHADAHA IYO BANKIYADA”: 7º de maio de 1970 - Nacionalização das Indústrias e dos bancos; “*27kii MAJO 1970 - ABUURISTII WAKIILADA SHAQAALAHA*”: 27º de maio de 1970 - Fundação do sindicato dos trabalhadores; “*21kii OKTOBAR 1970KII KU DHAWAAQIDII HANTI WADAAGGA*”: 21º de outubro de 1970 Declaração de adoção ao comunismo; “*22kii LULYO 1971 LA WAREEGGIDII IIBINTA IYO QEYBINTA GALEYDA IYO MESAGADA*”: 22º de julho de 1971 nacionalização da produção de grãos como o chá e o sorgo; “*7dii FABRAYO 1975 HIRGELINTA TIRAKOOBKA*”: 7º de fevereiro de 1975 Implementação de estatísticas; “*7dii AGOOSTO 1971 ABUURISTII WASAARADDA SHAQADA IYO CAYAARAHA*”: 7º de Agosto de 1971 Formação do Ministério do Trabalho e Esporte; “*29kii DISEMBAR 1971 ABUURISTII XARIIRIYAASHA SHAQAALAHA EE WASAARADAHA*”: 29º de dezembro de 1971 Estabelecimento da coordenação entre funcionários dos ministérios; “*11kii JANNAYO 1972 - XEERKII LAGU EKEYNAYAY LAGUNA KORMEERAYAY SICIRKA BADEECADAHA*”: 1º de janeiro de 1972 Código de Conduta e Monitoramento do Preço de Mercadorias; “*2dii MARSO 1972 - XEERKII SHAQAALAHA DAWLADDA KA WADA DHIGAYAY SHAQAALE JOOGTA AH*”: 2º de março de 1972 Lei para os termos de contrato de funcionários do Estado; “*17-9-1972 25kii QODOB*”: 17 de setembro de 1972 Os 25 artigos; “*21kii OKTOBAR 1972 QORISTII AF SOMALIGA*”: 21 de outubro de 1972 Codificação da língua somali; “*21 LUULYO 1973 SHARCIGA ISKAASHATOOYINKA*”: 21 de julho de 1973 Lei de fundação de cooperativas; “*24 LUULYO 1973 DHISMIHII GUDDIYADA SHAQAALAHA*”: 24 de julho de 1973 Estabelecimento do conselho de trabalhadores; “*27 NOVEMBER 1973 SHARCIGII KIRIDA GURYAHA LAM.44*”: 27 de novembro de 1973 Lei que regulava o aluguel de propriedades; “*7 FABRAYO 1974 KU BIIRKII URURKA CARABTA*”: 7 de fevereiro de 1974 Associação a Liga Árabe; “*16kii MAARSO 1974 LA WAREEGIDDII MAAMULKA MARAAKIIBTA*”: 16 de março de 1974 Nacionalização da administração da marinha mercante; “*1dii MAAJO BALLAARINTA SHARCIGA HAWLGEBKA IYO GO'AANKII WAXBARASHADA KHASABKA ILAA DUGSIGA DHEXE*”: 1º de maio de 1974 Lei de extensão de pensão e educação obrigatória aumentada para o ensino médio; “*1dii AGOOSTO HIRGELINTA OLOLAHA HORUMARINTA REER MIYIGA*”: 1º de agosto de 1974 Campanha pelo desenvolvimento rural (educação); “*11kii JENAYO 1975 SINAANTA RAGGA IYO HAWEYNKA*”: 11 de janeiro de 1975 Lei que igualava direitos dos homens e das

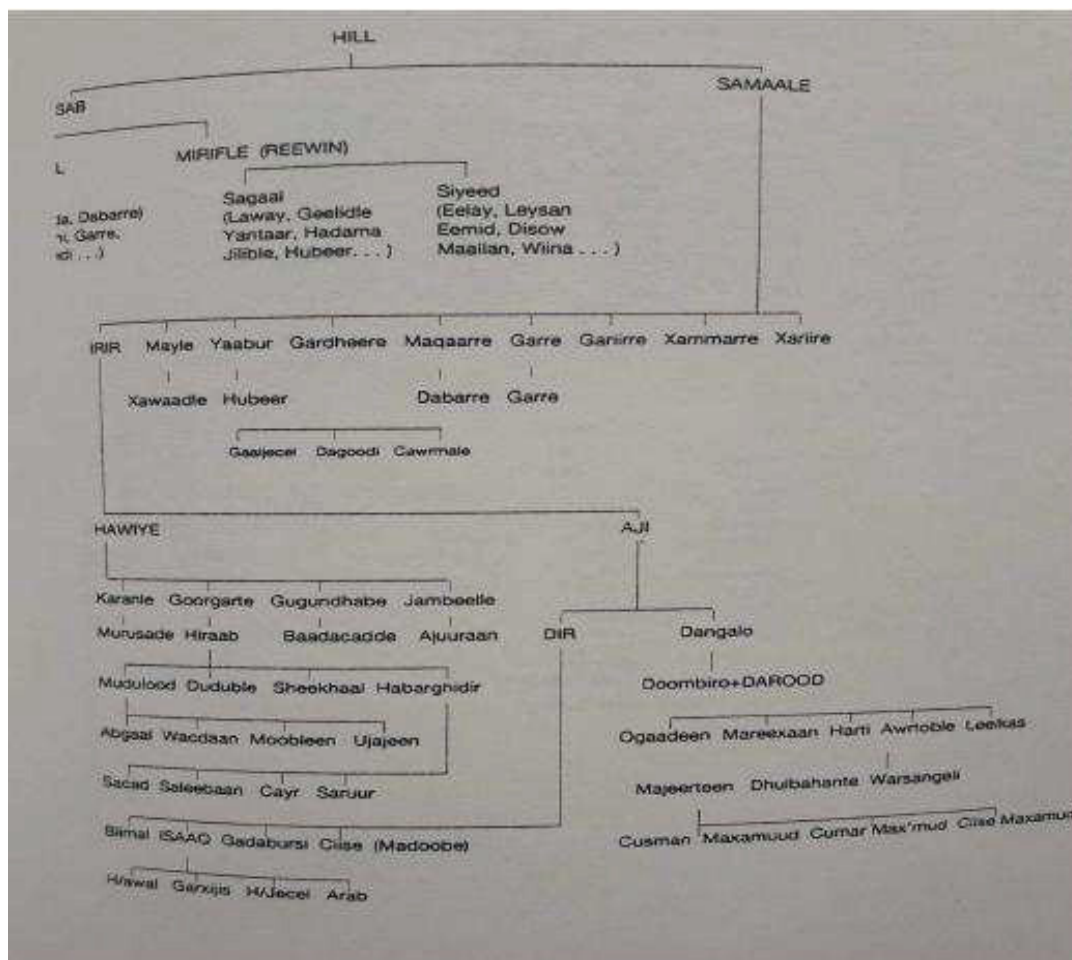
mulheres; “7DII FABRAYO 1975 HIRGELINTA TIRAKOOBKA”: 1º de fevereiro de 1975 Censo nacional; “1da AGOOSTO HIRGELINTA SANDUUQA SHAQAALAHA”: 1º de agosto estabelecimento do Banco dos Trabalhadores; “ 20kii OKTOOBAR SHIRWEYNIHII 1AAD EE UMMADDA”: 20º de outubro Primeiro Congresso Nacional do Povo ; “16dii DISEMBAR DHISMAHA GUDDIYADA GARGOORIDDA SHAQAALAHA”: 16º de dezembro Criação do Comitê Judiciário dos Trabalhadores.

Novamente vemos uma propaganda que exalta suas conquista e mobiliza elementos já presentes em outras fontes como a imagem de fábricas, jovens segurando a bandeira com o livro vermelho, a enxada e o martelo e a estrela da bandeira da Somália. O menino veste um macacão e a menina um vestido com calças. O que temos aqui de diferente é a presença de uma árvore. Este elemento da natureza, representado no cartaz, pode ter conexão com a presença do Islã na sociedade somali, desta forma, vamos apresentar uma breve discussão sobre a presença da religião na região e sua relação com o mito fundador do nacionalismo.

O modelo europeu de nacionalismo trazia consigo a existência de um mito fundador para a nação. No caso somali, esse mito fundador seria a vasta árvore genealógica dos Somalis que afirmam que quase todos os Somalis descendem de um pai fundador mítico chamado *Hill*, que seria pai de *Sab* e *Samaale*, de quem as famílias clânicas acreditam descender (Figura 35). Conforme Mansur (1995) a lenda de origem de vários clãs somalis é muito parecida com a história de Moisés que está presente no Corão. Ela afirma que Daarood, um homem muçulmano, foi expulso da Arábia e procurando refúgio acabou chegando a costa da Somália. E um dia foi descoberto por Doombiro, filha de Dir que estava descansando com seu rebanho perto de onde Daarood estava e este começou a ajudar Doombiro. Dir percebeu que havia algo de diferente com seu rebanho e decidiu seguir a filha e seu rebanho. Daarood percebendo que havia mais uma pessoa no campo escalou uma árvore com uma grande pedra e disse a Dir que “[...] o chefe devia lhe prometer sua filha em casamento e permitiu-lhe descer sobre seus próprios ombros” (MANSUR, 1995, p. 118, tradução nossa)¹⁵³. Assim, a lenda afirma que a família clânica Daarood descende deste ancestral árabe.

¹⁵³ No original: “[...] *the chieftain promis[ed] him his daughter in marriage and allowed him to descend on his own shoulders.*”

Figura 35 – Descendência dos clãs somalis



FONTE: Mansur (1995)¹⁵⁴

Mansur (1995) ressalta que o clã Hawiye, e os povos Afar e Oromo possuem lendas bastante similares para explicar sua ancestralidade árabe. A árvore esta presente em todas estas lendas, além disto, Ali Ahmed (1995), afirma que uma árvore chamada Mukay (Figura 36) é um tipo de árvore presente na Somália, a qual provia sombra para os anciãos Somalis julgarem casos nas áreas rurais. O nome científico desta árvore é *Ficus Sycomorus*, em português chamaríamos de figueira, uma árvore com profundas raízes, troncos largos e fortes ramos. Ela é bastante mencionada Bíblia com o nome de sícomoro e está presente em grande parte da África Oriental. Portanto, acreditamos que a utilização da árvore no cartaz pode ser em alusão a árvore Mukay.

¹⁵⁴ MANSUR, Abdalla Omar. *The nature of the Somali clan system*. In: AHMED, Ali Jimale (org.) *The invention of Somalia*. Lawrenceville: The Red Sea Press. 1995, pp. 123.

Figura 36- Árvore *Mukay*

FONTE: Virginia Luling (1968)¹⁵⁵

A última fonte (Figura 37) é em comemoração a um ano do PSRS, como no quarto cartaz a fonte parece ter sido produzida em 1977 (inscrição no canto direito com assinatura – COMRI - e os números 77) e acreditamos que pelo mesmo autor, a assinatura COMRI, aparece em ambos os cartazes e a estética é similar. No entanto, no cartaz anterior o foco parece ser o povo e aqui parece ser Siad Barre que aparece quase no centro da imagem. Na fonte encontramos as inscrições “*Sannad-guuraada 1aad ee X.H.K.S - 1da luuliyó 1976 - Xisbigu gaabin maayo - Gadaal u laaban maayo*”, em tradução livre: Primeiro aniversário do Partido Socialista Revolucionário da Somália - 1º de julho - O Partido não para e nunca volta atrás. Temos ao centro o símbolo do partido (martelo, enxada, estrela de cinco pontas, folhas verdes e fundo azul) e embaixo a foto de Barre no que parece ser um discurso. Embaixo de Barre temos o que acreditamos ser indivíduos da população somali que parecem animados ao ouvir a fala do líder somali. Na imagem todos os rostos que são possíveis de distinguir são de homens. Podemos ver também o desenho de máquina, reforçando o tema de desenvolvimento agrícola e industrial presente em quase todas as fontes e também o desenho de plantações

¹⁵⁵ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/78361787@N07/7096133633/in/photolist-btaFXY-bP4xCZ-bP4xiB>

provavelmente de sorgo e milho. O fundo azul certamente é em referências cores da bandeira da Somália

Figura 37 – X.H.K. SOOMAALIYEED



FONTE: Centro Studi Somali¹⁵⁶

156 Disponível em: <http://dspace-roma3.caspur.it/handle/2307/1675>

Vários dos autores aqui mencionados, sobretudo, Ingiriis (2016), Samatar (1985) e Lewis (2002), abordam como a figura de Barre era largamente utilizada pela propaganda nacional do regime militar. Em imagens anteriores mostramos como nas passeatas e eventos nacionais sua imagem era bastante utilizada. Na Figura 38 temos a imagem que estava estampada em cada livro educacional da Somália (INGIRIIS, 2016). Como já abordado brevemente, Barre se valeu da utilização de sua imagem, de transmissões de rádio, eventos comemorativos da agenda do regime militar, para difundir sua visão do nacionalismo somali. Canções nacionalistas e poemas em sua homenagem também foram criadas, algumas mencionavam apenas o militar e outras davam destaque para o regime que estaria promovendo uma nova era para os somalis. (INGIRIIS, 2016).

Figura 38 – Siad Barre



FONTE: *JalleSiadBarre* (2011)¹⁵⁷

157 Disponível em: <http://www.jallesiyaad.com/sawirro/gallery-part-21>

4.2 AS CARACTERÍSTICAS DO NACIONALISMO SOMALI NA ERA BARRE

A partir das fontes podemos elaborar uma releitura do nacionalismo no regime militar. Elas representam um período bastante delimitado e há dezenas de outros cartazes depois de 1976 e, sobretudo, na década de 1980. O Centro de Studi Somali tem uma vasta coleção destes cartazes e eles apresentam outras características que não aparecem aqui. Existem cartazes escritos em árabe e muitos outros utilizam imagens ligadas ao islamismo, mas para o período que nos propusemos a analisar estes nove cartazes são os únicos que estão disponíveis online e que foram preservados até onde sabemos. Assim, eles representam uma face do nacionalismo neste período. Através da análise pudemos observar que o tema do desenvolvimento econômico e cores e símbolos característicos do socialismo na URSS e China são constantemente mobilizados pelos cartazes.

Lincoln Cushing e Ann Tompkins (2007), em sua análise dos pôsteres chineses, apontam que alguns elementos que eles chamam de taquigrafia visual, se repetem em muitos cartazes chineses da Revolução Cultural para indicar conceitos-chaves. Nos cartazes aqui discutidos podemos afirmar que alguns destes elementos são também constantemente mobilizados. Trabalhadores, camponeses e soldados, presentes nas fontes para demonstrar os grupos sociais envolvidos no desenvolvimento da nação e os verdadeiros líderes do partido como o quarto cartaz busca afirmar através do iconotexto. A ideia de trabalho e sua relação com o nacionalismo é muito presente nas imagens analisadas. Passa-se a noção de que o trabalho é a base da Somália. Na Figura 39 temos uma estátua erigida em Mogadíscio na década de 1970 em homenagem aos trabalhadores socialistas. (METZ, 1992, p. 41). A imagem é em preto branco e é difícil distinguir as características da estátua, mas podemos ver que são dois trabalhadores que levantam uma bandeira, que pode ser a da Somália ou a bandeira do PSRS.

Outra taquigrafia visual constante nos cartazes é a presença de um livro vermelho, que em alguns casos aparece fechado sendo carregado ou aparece aberto em uma espécie de bandeira com a estrela de cinco pontas da bandeira da Somália em cima, e a enxada e o martelo em volta. Acreditamos que independente de ser uma alusão ao Manifesto Comunista, ao livro vermelho de Mao ou ainda ao livro que o próprio Barre escreveu com seus pensamentos sobre o socialismo na

Somália (METZ, 1992), a existência deste objeto é uma referência à educação e ao saber letrado, já que estava inserido em uma sociedade oral. A grande maioria dos cartazes analisados traz em seu iconotexto uma menção à educação ou apresenta a imagem de um livro. Como mencionamos as campanhas de educação da década de 1970 não foram bem sucedidas, sobretudo, pela grande seca que assolou o país entre 1974-1975, quando a campanha teve início.

Figura 39 – Estátua aos trabalhadores socialistas



FONTE: Metz (1992)¹⁵⁸

Diferentemente da foice e do martelo símbolos do comunismo em várias partes do mundo, na Somália, e em outros lugares da África como na República Popular do Congo (1969-1991), utilizou-se a enxada e o martelo como símbolo do comunismo, porque na agricultura se era utilizada a enxada e não a foice. A enxada

158 Disponível em: http://www.country-data.com/frd/cs/somalia/so01_04a.jpg

representa a agricultura predominante no continente africano: braçal, familiar e de troca de excedentes. Vimos também a utilização de estrelas em vários cartazes, a estrela de cinco pontas era um símbolo da Grande Somália, mas possui também significado para o comunismo.

Os cartazes analisados empregam uma linguagem imagética que nos remete a transformação, etapas e conquistas. Estas características estavam no cerne dos discursos de Siad Barre para promover o golpe militar de 1969. Ingiiris (2016) aponta que o general somali se valeu do discurso contra a corrupção afirmando que faria uma limpeza da corrupção e uma verdadeira transformação da economia somali, utilizando a modernidade e o desenvolvimento como pontos-chaves para esta mudança. Como vimos em dois cartazes (Figura 27 e 34) era fundamental expor ao povo o que o regime militar vinha conquistando, os triunfos do governo tinham de ser destacados. Ambas as imagens mostram, uma escada com degraus cheios de “conquistas” e uma árvore que já deu muitos frutos. A simbologia dos cartazes é bastante significativa, pois ao pesquisarmos a relação de determinadas figuras mobilizadas encontramos uma relação com elementos significativos para o período, por exemplo: o símbolo do Banco Mundial que tenta dominar a baleia ou ainda a grande árvore que poderia ser em alusão a Mukay importante árvore das lendas somalis.

Ao que tudo indica estes cartazes foram fabricados pelo departamento de imprensa do regime militar e a mesma assinatura em três cartazes indica que havia pessoas responsáveis pela criação dessas propagandas. As fontes aqui analisadas são cartazes impressos e afirmamos isso com base nas informações fornecidas pelo *Centro Studi Somali* que possui a versão física dos mesmos. No entanto, encontramos online imagens que demonstram que além dos cartazes grandes painéis pintados eram também espalhados pela cidade. E versavam sobre temas similares aos dos cartazes.

Figura 40 – Painel de propaganda



FONTE: JalleSiadBarre (1983)¹⁵⁹

Figura 41 - Painel de propaganda



FONTE: *Britannica* (1992)¹⁶⁰

159 Disponível em: <http://www.jallesiyaad.com/sawirro/gallery-part-10>

160 Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Mohamed-Siad-Barre>

Figura 42 - Paineis de propaganda



FONTE: *JalleSiadBarre* (1983)¹⁶¹

Muitos elementos que elencamos como constituidores do nacionalismo do período de independência e do regime civil não aparecem nos cartazes. O camelo feminino, o Islã, o gado e outros símbolos ligados à vida nômade pastoril não aparecem nas fontes. Isso não quer dizer que o discurso de Barre não estava alinhado a estes elementos, mas demonstra uma significativa diferença em relação ao nacionalismo pré-regime militar. A grande maioria dos elementos presentes nas fontes gira entorno do desenvolvimentismo, educação, trabalhadores e da figura de Siad Barre. As fontes representam um micro cosmo do nacionalismo militar e servem para apontar que elementos do socialismo são constantemente mobilizados pela propaganda nacional.

161 Disponível em: <http://www.jallesiyaad.com/sawirro/gallery-part-06>

4.3 O DESENVOLVIMENTISMO COMO PROJETO NACIONAL

O discurso colonial definia bem quem eram as pessoas colonizadas e qual o papel que desempenhavam no sistema mundo definido pelos europeus. Conforme Homi Bhabha:

O objetivo do discurso colonial foi interpretar os colonizados como uma população de tipos degenerados com base na integração racial, a fim de apenas conquistar e estabelecer sistemas de administração e instrução. (BHABHA, 1990, p.75)

Ahmed Mah (MAH, 1999, p. 26), destaca que a retórica colonial encabeçado pelo governador britânico da África Ocidental de Lorde Lugard, apresentava sempre o discurso civilizador para justificar a ocupação do território africano¹⁶². Nesse discurso colonial, a África era representada como um lugar sombrio, lar de barbarismo e desconfiança, similar ao estágio pré-histórico da Europa. Portanto, os colonizadores vieram para a África, primeiramente e acima de tudo, para trazer à "tocha" da civilização. A representação de África como lugar degenerado era necessária para legitimar sua colonização e a exploração de seus recursos.

Mesmo após a independência dos países africanos, as elites treinadas e educadas pelos colonialistas passaram a repetir o padrão de poder colonial (GROSFUGUEL, 2008). O qual desvaloriza e marginaliza os conhecimentos, valores e estruturas não europeias. O discurso de desenvolvimento que se disseminou pela África após as independências reflete o padrão de subalternizar as antigas colônias europeias na África, América e Ásia.

Mah (MAH, 1999, p. 27 apud ESCOBAR, 1995) disserta sobre a divisão entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos que se estabeleceu no mundo após a Segunda Guerra Mundial. O discurso desenvolvimentista foi inaugurado pelo presidente Truman, que ao apresentar ao mundo o projeto americano no pós-guerra, distinguiu os ideais americanos dos das antigas potências coloniais, afirmando que os Estados Unidos buscava promover o bem-estar das pessoas que vivem nos países subdesenvolvidos. Ao empregar esta terminologia mostrou que o projeto americano era remodelagem da antiga empreitada colonial, o sul do mundo

¹⁶² Cf. LUGARD, Baron Frederick. *The dual mandate in british tropical Africa: 1922*. London: Cornell University Press, 2009.

continuava a ser inferiorizado, pois não era desenvolvido e precisava do dinheiro, tecnologia e auxílio dos países desenvolvidos. (MAH, 1999, p. 27).

Para Arturo Escobar:

[...] o colapso dos antigos sistemas coloniais, mudanças nas estruturas de população e produção, o avanço do comunismo em certas partes do mundo e o medo constante do comunismo no mundo capitalista; também incluiu a fé em ciência e tecnologia, revigorada pelo sucesso do plano Marshal, novas formas de conhecimento econômico e das mídias da área de desenvolvimento (por exemplo, Estudos Latino-Americanos, Estudos Africanos, etc.), bem como uma experiência enriquecida com a gestão de complexo sistema social. (MAH, 1999, p. 28 apud ESCOBAR, 1995, p.429, tradução nossa).¹⁶³

O discurso desenvolvimentista esteve conectado a doutrina liberal e a expansão do sistema capitalista de mercado. Samir Amin (1985) argumenta que “[...] o discurso não é voltado para o desenvolvimento do povo do Terceiro Mundo, mas sim a um processo que seus Estados adotam para se ajustar constantemente ao mercado mundial.” (AMIN, 1985, p. X, tradução nossa).¹⁶⁴ O cientista político indiano Rajni Kothari, em sua obra *“Rethinking development: In search of humane alternatives”*, sustenta que o desenvolvimentismo deveria ser visto como economismo, cujo objetivo seria perpetuar a exploração do Sul pelo Norte. Para ele o desenvolvimento surgiu como uma substituição para o discurso colonialista, para garantir a continuidade de séculos de exploração e dependência.

Ahmed Mah (1999), em referência ao texto de C. Douglas Lyummis (1991), afirma que:

Lyummis afirma que o pressuposto subjacente do desenvolvimento e sua doutrina econômica é que as sociedades só podem ser organizadas através do desenvolvimento de sua situação econômica e que o desenvolvimento é realmente o que as pessoas querem. Lummis argumenta que o discurso do desenvolvimento, com sua primazia redefine a demanda política das sociedades do Sul, em que "a liberdade se torna mercado de mercado; a igualdade torna-se equidade de oportunidade; a segurança torna-se segurança de emprego; o consentimento torna-se 'soberania do

¹⁶³ MAH, Ahmed. *The colonial discourse of development in Africa: The Somalia experience*. Tese (Masters of Arts) – Ontario Institute for Studies in Education of the University of Toronto, Toronto, 1999, p. 429. No original “[...] the collapse of old colonial systems, changes in population and structures of production, the advance of communism in certain parts of the world, and the constant fear of communism in the capitalist world; It also included faith in science and technology, reinvigorated by the success of the Marshal Plan, new forms of economic knowledge and media in the area of development (for example, Latin American Studies, African Studies, etc.) as well as an enriched experience. with the management of the complex social system.”

¹⁶⁴ No original: “[...] the discourse is not geared towards the development of Third World people, but rather a process which their nation states adopt in order to constantly adjust to the world market.”

consumidor'; e a busca da esperança torna-se um tempo de compras".
(MAH, 1999, p.10 apud LUMMIS, 1991, p.34, tradução nossa).¹⁶⁵

Esse discurso desenvolvimentista esteve presente em vários países independentes na África, na América do Sul e Central e também na Ásia. Na Somália é possível identificar que vários dos projetos econômicos desenvolvidos a partir da independência contavam com o financiamento europeu no sentido de buscar soluções para a economia somali com modelos de desenvolvimento europeus. Como já denotado, os cartazes da década de 1970 trazem o desenvolvimento como um ponto principal para o crescimento e melhora das condições de vida da Somália.

Apesar de no primeiro cartaz analisado observarmos um referência ao Banco Mundial, como uma instituição dominadora, na prática o regime militar pareceu seguir uma agenda externa de desenvolvimento. Através da pesquisa de Ahmed Mah (1999) podemos sustentar que o discurso desenvolvimentista prejudicou a agricultura no país. O autor fez sua graduação em agricultura na *Somali National University*. Lá ele conta que as aulas eram em italiano, mesmo em 1983, 23 anos após a independência do país, e tudo que aprendeu sobre agricultura baseava-se nos conhecimentos italianos sobre o preparo da terra e sobre o território italiano. Afirma que nada aprendeu sobre o solo somali ou sobre as formas como os agricultores trabalhavam a terra na Somália. O conhecimento local nem era ao menos mencionado, tudo se voltava para o aumento da produção e para a introdução de técnicas agrícolas europeias.

Mah (1999) apresenta uma conversa que teve com o antigo Ministro de Planejamento Nacional na Somália, em questionamento sobre o porquê do conhecimento local não ter sido valorizado. Segundo Warsame:

A maioria dos especialistas estrangeiros em desenvolvimento costumava ignorar as recomendações que os especialistas somalis costumavam dar sobre a relevância dos projetos de desenvolvimento para as necessidades dos somalis indígenas. Peritos estrangeiros conheciam o seu caminho... eles costumavam ir ao alto escalão do governo e obter sua aprovação para a implementação do projeto. Havia alguns projetos que haviam sido

¹⁶⁵ No original: "*Lummis stated that the underlying assumption of development and its economic doctrine is that societies can only be organized through the development of their economic situation and that development is really what people want. Lummis argues that the discourse of development, with its economic primacy, redefines the political demand of societies in the South in that "freedom becomes free market; equality becomes equity of opportunity; security becomes job security; consent becomes 'consumer sovereignty'; and the pursue of happiness becomes a Me time shopping"*

projetados para países estrangeiros e, portanto, não tinham relevância para as necessidades locais da Somália. E, no entanto, não tínhamos nenhuma palavra sobre fazer algumas mudanças ou dar conselhos. Como tal, o nosso papel como especialistas somalis era limitado. No entanto, ninguém gostou de trabalhar em algo que só traria fracasso, como aqueles projetos de desenvolvimento impostos pelo Ocidente. Mas a situação era como trabalhar sob dois regimes tirânicos... o regime oprimido somali e os doadores ocidentais e seus modelos de desenvolvimento impostos / não democráticos. (MAH, 1999, p. 47, tradução nossa).

Ao longo da dissertação Ahmed Mah (1999) apresenta diversos exemplos de como o discurso desenvolvimentista prejudicou a produção agrícola na Somália, e que tanto o governo civil quanto o militar ignoraram os consecutivos desastres econômicos advindos destes projetos. Relatando como o conhecimento local sobre o cultivo da terra sempre foi desprezado e visto como atrasado e primitivo. Ele destaca ainda que a maioria dos especialistas somalis estava sob o comando de um especialista estrangeiro. Eram estes indivíduos que vinham da Europa, sobretudo, que definiam o que seria cultivado, como seria e quais as técnicas que deviam ser empregadas. O pesquisador somali afirma que em várias entrevistas que fez com ex integrantes do governo militar, estes afirmavam ser tecnocratas, faziam um papel de intermediário entre o governo e estes especialistas estrangeiros, que desprezavam o conhecimento local e acreditavam que técnicas mais avançadas eram o caminho para o aumento de produtividade das fazendas somalis.

Durante o regime militar, vários planos para desenvolvimento da agricultura foram elaborados e a grande maioria naufragou, segundo Barre em função das grandes secas que afetaram o país na década de 1970. (SAMATAR, 1985). Porém, a arguição de Mah (1999), levanta outros problemas destes projetos. Warsame (MAH, 1995, p.30), citado anteriormente, lamenta que as elites somalis tenham sido tão cegas, pois acreditavam piamente que o desenvolvimento baseado em um modelo euro-americano era o único caminho para eliminar a fome e a pobreza, pois viam Europeus e norte americanos como civilizados e desprezavam o saber e a cultura local como primitivos.

4.4 OS EXCLUÍDOS DA NAÇÃO SOMALI

As narrativas históricas e etnográficas sobre a Somália tem continuamente apresentado o país como de maioria étnica somali, de práticas nômades pastoris e com um sistema genealógico clânico abrangente (BESTEMAN, 1999 apud LEWIS,

1961). Assim, apresenta-se o que Catherine Besteman (1999), chama em sua obra “*Unreaviling Somalia: race, violence and the legacy of slavery*” de homogeneidade fantasiosa. Para a antropóloga americana, essa imagem muito divulgada do país, esconde a realidade de uma parcela da população que vive as margens do Estado e da sociedade. Esta homogeneidade descrita por Lewis (1961, 2002, 2008) está inserida naquilo que apontamos no início da pesquisa como paradigma Lewisiano e que ao longo do texto buscamos expor suas fragilidades e os efeitos nas narrativas sobre a Somália.

Os chamados *jareer* representam uma fração de indivíduos da Somália que habitam a região do alto do Vale do Rio Jubba desde o final do século XIX. Esses grupos possuem um histórico de escravidão e silenciamento cultural e representam aquilo que Besteman chama espaço racializado:

Ao longo do século XX, a convergência da ideologia islâmica, da política colonial e as práticas do Estado contribuíram para a construção de categorias raciais, as quais definem o Vale do Jubba como um espaço racializado dentro da sociedade somali. O status concedido aos habitantes desse espaço encontrou expressões simbólicas em várias arenas: regionalmente através do sistema clânico, localmente no encontro entre somalis pastores e autoridades do Estado e nacionalmente nas práticas do Estado. (BESTEMAN 1999:114, tradução nossa)¹⁶⁶

O termo *jareer* vem de *tiin jareer*, que significa literalmente “cabelo difícil”, o qual recentemente tem sido substituído por Somali bantu (BESTEMAN 1999, p.115). A sobreposição do termo será analisada no próximo tópico do texto e revela outro lado da posição marginal destes grupos. A expressão *jareer* foi usada para designar as supostas populações de “ex-escravos” que migraram para a região de Gosha, nome dado a parte alta do território do Vale do Rio Jubba (BESTEMAN 1999, p.115), onde várias vilas de agricultores se estabelecerem próximos ao rio Jubba no final do século XIX. Como Besteman (1999) aponta, outros termos como *boon* (pessoa de status inferior) e *adoon* (escravo), também foram largamente utilizados por somalis urbanos e pastoris para rotular estas populações.

Essa marginalização foi construída por aquele que se definem como “legítimos” Somalis com base na diferença, pois a partir da visão dos Somalis

¹⁶⁶ No original: “*Throughout the twentieth century, the convergence of Islamic ideology, colonial politics, and state practices contributed to the construction of racial categories, which define the Jubba Valley as a racialized space within Somali society. The status granted to the inhabitants of this space found symbolic expressions in various arenas: regionally through the clan system, locally in the meeting between Somalis pastors and state authorities and nationally in State practices.*”

urbanos e pastoris esses grupos eram diferentes fisicamente, uma vez que tinham “narizes largos e planos, cabelos mais difíceis e dedos grossos e curtos” (BESTEMAN, 1992, p.116) e principalmente, diferiam na ancestralidade e na religião. Essa população, apontada como *jareer*, está longe de constituir um grupo homogêneo, se dividem segundo Besteman (1999) em: *Gosha, Mushunguli*¹⁶⁷, e *Oromo*¹⁶⁸, que representam os descendentes de uma parcela da população da Somália que migrou forçosamente para o país, no início do século XIX, como mão de obra escrava da região oriental da África. Aqui focamos especialmente nos Gosha, região geográfica que leva este nome e abrange um grupo populacional do alto do Rio Jubba.

Muitos desses grupos, enquanto fugitivos ou alforriados, migram, sobretudo, para o Vale do Rio Jubba. Kenneth Menkhaus (BESTEMAN, 1999, p.63 *apud* MENKHAUS, 1989) estima-se que cerca de 20 mil escravos fizeram o caminho para o vale entre 1865 e 1895. Inicialmente se estabeleceram nas florestas do Vale, local de difícil acesso e posteriormente em pequenos lotes de terra ao longo do rio para introduzir plantações (BESTEMAN, 1999, p.98). Eles tinham suas origens na África Oriental e eram em sua maioria *Zegua, Yao, Nyasa, Makua, Ngindu e Nyiaka*, trazidos como escravos através de sequestros ou da própria venda (BESTEMAN, 1999, p.64 *apud* COLUCI, 1924, CAROLIS, 1980 e MENKHAUS, 1989). Portanto, para os Somalis eles não carregavam a aclamada ancestralidade árabe dos outros Somalis étnicos e sim uma descendência escrava e “africana”.

Aqui podemos denotar que a construção racializada dessas populações tem origem no período colonial. A visão eurocêntrica de categorias raciais dos colonizadores impôs rótulos que ampliaram e redefiniram as construções identitárias no sul da Somália. Como afirma Besteman (BESTEMAN, 1999, p.118), tentando não ser classificados como “*blacks*”, os Somalis buscaram enfatizar sua ascendência

¹⁶⁷ Mushunguli é o nome dado na Somália ao grupo étnico dos Zegua que na sua maioria chegaram na Somália a partir da segunda metade do século XIX, trazidos como escravos através de sequestros ou capturas, quase a totalidade dos Zegua provém da Tanzânia. BESTEMAN, Catherine. *Unreveling Somalia; Race, violence and the legacy of slavery*. Pennsylvania: Pennsylvania Press, 1999, p. 55.

¹⁶⁸ Oromo é um grupo étnico que habita na Etiópia, que também são encontrados no norte do Quênia e na Somália. Eles são o maior grupo étnico da Etiópia e o maior do Chifre da África. Houve um mercado florescente na Somália para os escravos Oromo nos séculos XIX e início do século XX, tanto em áreas agrícolas ao redor do rio Shebelle, quanto em ambientes urbanos e pastorais. Esses escravos Oromo foram sequestrados de suas regiões de origem, capturados em incursões, durante o século XIX a maioria dos escravos na Somália era Oromo. BESTEMAN, Catherine. *Unreveling Somalia; Race, violence and the legacy of slavery*. Pennsylvania: Pennsylvania Press, 1999, p. 49.

auto atribuída árabe e impulsionaram a diferença entre eles e os Gosha. Como reforça um ancião somali:

Os oficiais do governo que tem visitado nosso país sabem que nós somos descendentes dos árabes, e isso nós já provamos e podemos provar, eu asseguro que nós não vamos aceitar ser igualados e comparados com essas tribos pagãs com o nosso consentimento ou pela força mesmo que o governo ordene isso e nós não pudermos reclamar, mas nós preferimos estar mortos do que ser tratados igual a essas tribos, já que o governo conhece e sabe bem que essas tribos são inferiores a nós e de acordo com a nossa religião eles são escravos que nós usávamos nos campos no passado. (BESTEMAN, 1999, p.119 apud KNA 1922, tradução nossa).¹⁶⁹

A fala do ancião denota o lugar marginalizado que as populações do Vale do Jubba ocupavam na sociedade somali e que foi reforçado pelos status coloniais que classificou esses grupos como nativos sobre autoridade do Chefe Nativo (BESTEMAN, 1999, p.119). Essa categorização reafirmou o status inferior dos Gosha e os colocou em posição de recrutamento para trabalhos forçados em fazendas coloniais. Karen Weitzberg (2017), também menciona a importância de se auto afirmar como árabe para as populações da NFD, como discutido anteriormente, não ser definido como nativo pelo censo colonial era fundamental para as reivindicações de território e para poder cruzar livremente a fronteira entre as colônias desta região.

Besteman (1999) ressalta que essas distinções raciais tornaram-se territorializadas no vale do Jubba. Para a antropóloga ao manter a percepção dos somalis como distintos e superiores à construção europeia de "*black africans*", os administradores coloniais britânicos e italianos colocaram a população do Vale do Jubba na última categoria de sua classificação. Deste modo, o discurso colonial oficial descreveu o Vale de Jubba como um lugar ocupado por um grupo distinto de raças inferiores, identificadas coletivamente como *WaGosha* pelos britânicos e *WaGoscía* pelos italianos. (BESTEMAN, 1999, p.120).

Esse discurso de inferioridade construídos pelos Somalis com base nos estatutos coloniais criados pelas autoridades europeias foi também perpetrado pela historiografia e pela etnografia. Besteman (1999, p.121) aponta que Cerulli (1957),

¹⁶⁹ No original: "*The officials of the government who have visited our country know that we are descendants of the Arabs, and this we have already proven and we can prove, I assure you that we will not accept to be equalled and compared with these pagan tribes with our consent or by the same force as the government orders this and we cannot complain, but we prefer to be dead than to be treated like these tribes, since the government knows and knows well that these tribes are inferior to us and according to our religion they are slaves who we used them in the fields in the past.*"

Lewis (1955), Nelson (1982) e Luling (1983) utilizaram em seus trabalhos os termos elaborados pelos colonialistas ou descreveram os Gosha como não-somalis. Assim para a autora, essa narrativa foi sendo reforçada pelos pesquisadores que perpetuaram a distinção entre somalis e não somalis e reforçaram a inferiorização destas populações.

A exclusão desses grupos tidos como descendentes de escravos, foi construída com base na diferença. No entanto, ao longo do século XX esses grupos tentaram encerrar essas diferenças e se inserir na sociedade somali. A grande maioria adotou o Islã como religião, pouco tempo após se fixar no Vale. Entretanto, uma grande parcela já havia sido islamizada ainda quando trabalhava para seus mestres em plantações. Assim, quando se estabeleceram os poucos Gosha que não se converteram sofriam todos os tipos de exclusão e eram apontados como “comedores de crianças” (BESTEMAN, 1999, p.81). Nesse sentido, os Gosha não aderiram somente ao Islã, mas também se filiaram aos clãs somalis em busca de proteção e integração.

Besteman (1999) apresenta que alguns elementos de antigas tradições permaneceram, sobretudo, como forma de resistência a opressão. A poesia, danças, feitiçaria e histórias sobre a magia Gosha que podia dominar crocodilos e hipopótamos, eram sempre retomadas com orgulho pelos anciões das vilas. (BESTEMAN, 1999, p.137). A antropóloga americana afirma que “este orgulho em uma poderosa herança de magia foi mediado por seus próprios temores pessoais de magia” (BESTEMAN, 1999, p.138, tradução nossa)¹⁷⁰ já que a feitiçaria era um elemento louvado pelos Gosha, mas também temido. No entanto, era utilizado como uma forma de “assustar” os somalis que vivem nas aldeias próximas e oprimiam os Gosha.

Outro fator de marginalização com base na diferença era a prática da agricultura, que durante o século XVIII e XIX utilizava a mão de obra escrava vinda da África oriental ou dos Oromo. Besteman (BESTEMAN 1992) ressalta que a agricultura era vista pelos somalis com um trabalho para indivíduos inferiores e afirma a ideia de que a etnografia corroborou amplamente com a ideia de que dentro da sociedade somali a labor centrava-se no pastoreio como o livro *A pastoral democracy* (1961) de Ioan de Lewis sugere.

¹⁷⁰ No original: “this pride in a powerful heritage of magic was mediated by his own personal fears of magic.”

Mohamed Eno (2005), pesquisador somali nascido na região do Vale do Jubba, afirma que:

Na Somália, há um impacto tangível do contato árabe ao longo dos séculos, que é aparente em vários aspectos da vida social da Somália. Não obstante, as inconsistências nas diversas rotas patrilineares que levam a um suposto ancestral árabe de mesmo nome, carecem de credibilidade substantiva. Por conseguinte, é difícil conciliar isso com a hipótese de homogeneidade do povo somali, que se relaciona com o árabe, pelo menos biologicamente. Deixando de lado uma tradição mítica, a ideia de uma comunidade inteira "recriando-se" de um par de visitantes, sem provas significativas para fortalecer essa afirmação, permanece hipoteticamente também implausível. Por isso, argumento que a lógica do auto-apego das *pastoris somalis* à Arabe estava respondendo à sua muito procurada e nobre identidade "acima" da africanidade. Com isso, eles inventaram uma razão biológica para denegrir aqueles que se identificam com a africanidade. (ENO, 2005, p. 415, tradução nossa).¹⁷¹

O que podemos observar da figura identitária do *jareer*, é que ela se constrói historicamente com base na raça e na divisão do trabalho. Mas também na exclusão social e política destes indivíduos oprimidos socialmente e culturalmente, já que os elementos culturais destes povos são negados e degradados pelos somalis. Um ponto importante da consolidação destas figuras é o papel que o Estado desempenha nessas regiões. Ele se mantém limitado durante o período do governo civil (1960-69) e no regime militar se sustenta com a existência de alguns poucos funcionários que são enviados a essa região como forma de punição por desobediência ao governo ou algo similar, sendo uma forma de exílio para os funcionários estatais. (BESTEMAN 1992: 28). Apesar da evidente exclusão política e social dos *jareer*, a existência de um governo centralizado salvaguardou a "paz" e a existência dessas populações no alto Vale do rio Jubba.

4.4.1 Identidades predatórias: tornando se somali bantu

¹⁷¹ No original: "In Somalia, there is a tangible impact of Arab contact over the centuries, which is apparent in various aspects of Somali social life. Notwithstanding that, the inconsistencies in the diverse patrilineal routes leading back to a supposed eponymous Qureishite ancestor, lack substantive credence. Accordingly, it poses difficulty to reconcile that with the hypothesis of the Somali people's homogeneity linking to Arabness, at least biologically. A mythical tradition aside, the idea of an entire community 'recreating' itself from a couple of visitors, without significant proof to strengthen that claim, stays hypothetically also implausible. Therefore I argue that the rationale of Somali pastorals' self-attachment to Arabness was responding to their long-sought after noble identity 'above' Africanity. By this, they concocted a biological reason for denigrating those who identify with Africanity."

Utilizaremos o conceito de identidades predatórias de Arjun Appadurai (APPADURAI 2009), para demonstrar como a minoria intitulada inicialmente *jareer*, irá se tornar, aos olhos dos somalis, um grupo predatório, com a queda do governo militar em 1991 e descentralização das forças do Estado. Segundo Appadurai:

Identidades predatórias emergem da tensão entre identidades majoritárias e identidades nacionais. As identidades podem ser descritas como majoritárias não simplesmente quando são invocadas por grupos objetivamente maiores de um regime político nacional, mas quando lutam para fechar a brecha entre a maioria e a pureza da nação toda. (APPADURAI, 2009, p.47)

Em 1991 quando Siad Barre fugiu da Somália para o Quênia, o Estado entrou em colapso e diferentes grupos civis e militares tomam conta do território nacional, dizimando milhares de pessoas em conflitos localizados entre clãs e massacres de minorias étnicas (INGIRIIS 2016). Deste modo, um dos principais alvos destes grupos foram as população da região de Gosha. Historicamente marginalizados e produtores de alimentos esses indivíduos foram mortos e retirados de suas terras e tiveram suas produções espoliadas. Besteman afirma que “a guerra chegou em Banta na forma de armas adquiridas por alguns e usadas contra outros, em pequenos grupos de milícias armadas que entraram na vila e demandaram comida, jovens, e raptaram garotas e as forçaram a casamentos.” (BESTEMAN 2016:4, tradução nossa).¹⁷² Como demonstrado no tópico anterior o rótulo de escravos ainda era largamente utilizado pelos somalis para se referirem a essas populações e mesmo sobre o discurso de homogeneidade do regime militar e das leis de igualdade esses grupos nunca foram “realmente” inseridos na sociedade somali e sempre ocuparam um papel marginal. Portanto, quando o governo deixou de existir, a frágil segurança dessas populações também.

Assim aqui trabalhamos com a ideia de que os *jareer* tornaram-se uma “ameaça” aos somalis no novo panorama social e político da década de 1990. Os conflitos de 1991 tem início em 1987 quando Barre passou a atacar o clã Isaaq no norte do país, (INGIRIIS 2016, p. 48-55) fato que acarretou na queda do regime militar e está intimamente conectado as disputas pelos recursos do Estado e da ajuda humanitária fornecidas por países estrangeiros à Somália. (BESTEMAN,

¹⁷²No original: “ *the war arrived in Banta in the form of weapons purchased by some and used against others in small groups of armed militias who entered the village and demanded food, youth, and kidnapped girls and forced them into weddings.*”

1996) Está rivalidade centrava-se nas identidades clânicas como fator de favorecimento aos aliados de Siad Barre e colocava em jogo a identidade nacional. Portanto, quando o governo se desintegra um dos grandes alvos dos grupos insurgentes são as populações do Vale do Rio Jubba identificadas historicamente pelos somalis como não pertencentes à etnia somali e a figura do indivíduo nacional.

Quando Appadurai afirma “que todo majoritarismo leva dentro de si as sementes do genocídio, uma vez que está invariavelmente ligado as ideias sobre singularidade e a completude do *ethnos* nacional.” (APPADURAI, 2009, p.46) fornece a chave para compreender como uma população marginalizada ao longo de décadas se torna uma ameaça frente à sobrevivência da unidade nacional. Afinal, o discurso nacional de homogeneidade surge ainda no contexto pré-independência e se perpetua durante o regime civil e militar que pouco fez para integrar efetivamente os chamados *jareer* ao panorama nacional ou coibir as práticas discriminatórias contra essas populações.

No entanto, a figura identitária *jareer* vai passar por uma mudança de nomenclatura que vai também alterar o status dessas populações perante o panorama internacional de refugiados. Após o início dos conflitos em 1991, milhares de Goshas foram mortos e a grande maioria se refugiou em campos no Quênia (BESTEMAN, 1996). Lá eles se tornaram somali bantu e não mais *jareer*. O relato de um antigo morador de Banta demonstra a ambiguidade dessa figura identitária:

Antes do conflito começar eu pensava que eu era somali, mas depois que os somalis nos empurrar para fora eu entendi que eu era diferente. Antes tudo que eu sabia era que eu era somali, mesma cultura, mesma religião, mas quando eles tomaram Banta e demandaram todo mundo em volta e nos chamaram de *adoon* eu percebi que eu era diferente. Depois que eu escapei para o Quênia foi o tempo que nós entendemos que nós tínhamos outro nome, Somali Bantu. (BESTEMAN 2016, p.77, tradução nossa).¹⁷³

Essa fala aponta para a complexidade do lugar de pertença desses grupos na sociedade somali. Eles se entediam como somalis, mas não eram vistos como tal, e quando o Estado deixou de exercer algum poder de controle nessas regiões os somalis brutalizaram esses grupos através de assassinatos, estupros e supressão de alimentos (BESTEMAN, 2016, p.12).

¹⁷³No original: “ *Before the conflict started I thought I was Somali, but after the Somalis pushed us out I understood that I was different. Before all I knew was that I was Somali, same culture, same religion, but when they took Banta and sued everyone around and called us adoon I realized that I was different. After I escaped to Kenya it was time that we understood that we had another name, Somali Bantu.*”

Desta forma, quando estes grupos se estabeleceram em campos de refugiados no Quênia, uma nova identidade lhes foi fornecida. Para Catherine Besteman, que acompanhou de perto a criação desta nova identidade e conheceu muitos dos indivíduos que foram expulsos da Somália “a emergência da identidade Somali Bantu é uma história memorável de como criatividade cultural, exigências burocráticas e empreendedorismo social combinados produzem uma nova identidade de ambiguidade étnica e injustiça.” (BESTEMAN, 2016, p.78, tradução nossa)

Pesquisadores e somalis bantu concordam que no início dos conflitos na Somália ninguém usava a palavra “bantu” (BESTEMAN, 2016, p.80). Acredita-se que termo bantu apareceu pela primeira vez quando os italianos classificaram as populações do Vale do Rio Jubba como nativos e descendentes dos bantu da África oriental. Quando as primeiras operações de resgate humanitário foram orquestradas por agências internacionais, o termo “bantu” apareceu para designar as populações de agricultores do Vale do rio Jubba e Shabelle. Assim entre 1992 e 1995 as missões de paz das Nações Unidas encorajaram que o nome “bantu” fosse utilizado para descrever os somalis *jareer*. O termo se consolidou com seu uso pelos pequenos grupos de letrados bantu e pela utilização do nome somali bantu nas escolas de refugiados no Quênia (BESTEMAN, 2016, p.81).

Kenneth Menkhaus (MENKHAUS, 2010, p. 89) que trabalhou com as missões de manutenção da paz da ONU nos primeiros anos do conflito, observa que os trabalhadores ocidentais de ajuda humanitária ficaram horrorizados com a indiferença dos somalis com a situação dos *jareer* e que não entenderam de imediato porque os somalis não consideravam os *jareer* parte de sua sociedade. Menkhaus sugere que:

[...] o holocausto virtual dos grupos de baixo status como os *jareer* em 1991 e 1992, não foi apenas resultado trágico de guerreiros e jovens homens armados que ocorreram mal, também foi o resultado da decisão consciente dos anciãos de clãs e dos líderes de milícias sobre quem deveria viver e quem deveria morrer...”(MENKHAUS, 2010,p. 90).¹⁷⁴

A fala de Menkhaus (2010) ressalta duas questões que convergem para a análise política do conflito. A primeira está ligada a definição que Appadurai fornece

¹⁷⁴ No original: “the virtual holocaust of low-status groups like the *Jareer* in 1991 and 1992, was not only a tragic result of warriors and young armed men who went wrong, it was also the result of the conscious decision of the clan elders and militia leaders who should live and who should die ...”

para identidades predatórias, as quais segundo ele são “aquelas identidades cuja mobilização e construção social requerem a extinção de outras categorias sociais próximas, definida como ameaças á própria existência de algum grupo, definido como nós.” (APPADURAI, 2009, p.46). Por conseguinte, como Menkhaus (2010) assinala os anciãos e líderes clânicos que decidiram pela morte em massa dessas populações tinham interesses em sua extinção e preservação daquele grupo entendido como nós, no caso os somalis. Aqui é preciso considerar que o cenário político era fragmentado, mas ainda assim dominado por uma ideologia que coloca os somalis como uma população de mesma ancestralidade, língua e religião e como já discutido os *jareer* não integravam esse grupo supostamente homogêneo.

A segunda questão que pode ser extraída do texto de Menkhaus (2010) é como o Estado foi “substituído” por milícias armadas com lideranças clânicas. O conceito analítico de necropolítica formulado por Achille Mbembe (MBEMBE, 2016), de forma simplificada, centra-se no Estado como definidor de quem pode viver e quem pode morrer. Mbembe afirma também que na ocupação colonial “a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é descartável e quem não é.” (MBEMBE, 2016, p.135). A Somália a partir de 1991 e com sua herança de práticas coloniais vê uma reconfiguração de seu poder político que se desloca da mão do Estado para grupos de indivíduos, muito que integraram o Estado, e vê também se redesenhar as práticas de necropolítica em outras mãos, afinal o papel do Estado foi assumido por milícias. Assim a definição de quem deve morrer e quem deve viver tem novas configurações, nesse caso os *jareer* são grupos de vidas descartáveis, que pensando pela ótica da identidade somali devem ser extintos, porque degradam a homogeneidade nacional.

Retomando a identidade somali bantu, observamos que sua cristalização como figura identitária dos antigos *jareer* se dá com a entrada do termo nos estatutos americanos para receber refugiados em 1999 (BESTEMAN 2016, p.88). Ou seja, somali bantu tornou-se uma identidade que fornecia certo direito aos seus possuidores. Os Estados Unidos classificou os somali bantu com status P-2¹⁷⁵ e assim abriu as portas para recebê-los como refugiados, mas também forçou seus possuidores a criar histórias de sofrimento, violência e exclusão social. Obviamente,

175 O termo P2 - *Priority Two* significa grupos de especial preocupação humanitária e através do processo de admissão garante visto permanente nos Estados Unidos com o título de refugiado. *Refugee and asylees*. Disponível em: https://www.dhs.gov/sites/default/files/publications/Refugees_Asylees_2010.pdf. Acesso em 12 de outubro de 2017.

como já visto anteriormente a história dessas populações estava carregada de exclusão. Contudo, a concessão do visto americano acarretava em uma série de entrevistas e verificações que comprovassem que esses indivíduos tinham uma trajetória marcada pela opressão histórica e social.

Besteman relata como isso forçou os somali bantu a se dedicarem na criação de narrativas de medo, miséria e violência na Somália para conseguirem imigrar para os Estados Unidos (BESTEMAN 2016, p.90-95). Todavia, isso possibilitou que grupos historicamente marginalizados encontrassem formas de reconstruir suas vidas e até recontar suas histórias, afinal uma parcela significativa dos sobreviventes dos conflitos na Somália possuíam histórias marcadas pela violência somali. Assim vemos que ao longo da história dos *jareer*/bantu somali diversas estratégias de sobrevivência e resistência foram sendo desenvolvidas.

Os cartazes analisados não trazem uma menção explícita de como os Somalis deveriam se parecer fisicamente ou o que define um Somali. As fontes se distanciam do discurso muito veiculado durante o regime militar, de que os Somalis eram em sua maioria uma comunidade pastoril que descendia dos árabes. Os cartazes apresentam o discurso desenvolvimentista como o caminho para o crescimento e estabilização da Somália. Um país desenvolvido seria uma nação unida. Todavia, é importante abordar essa parcela da população porque os acontecimentos da década de 1980 levaram ao assassinato de milhares de indivíduos na região do Vale do Jubba. Além disto, demonstra como o discurso nacional pode ser perigoso e excludente, como menciona Appadurai (2009), a mídia e a definição de padrões culturais criam mecanismos de identificação e exclusão que definem exatamente quem faz parte do “nós” e quem está entre “eles”. Portanto, os eventos da década de 1990 estão conectados as formas de nacionalismo difundidas durante o regime militar e o governo civil.

Nos cartazes temos a utilização da enxada na bandeira do PSRS, a enxada é provavelmente em alusão as práticas agrícolas, já que é um instrumento largamente utilizado no cultivo de produtos no campo. As menções ao desenvolvimento da agricultura nas fontes é recorrente. Assim, apesar do que Besteman (1999) nos conta sobre o preconceito com o cultivo da terra, durante o governo de Barre os projetos de desenvolvimento agrícola foram muitos então podemos afirmar que a posição do Estado em relação à agricultura é de que era um

aspecto fundamental da economia. Contudo, a percepção da população em relação ao trabalho com a terra parece colocar o pastoreio acima da agricultura.

Nesse sentido, é significativo o fato de que nas imagens discutidas só observamos uma menção aos pastores, que seria no quinta cartaz (Figura 28) no qual há uma representação de um indivíduo utilizando roupas tradicionais do pastoreio. Demonstrando um dos muitos grupos que o PSRS representava. Mudança significativa em relação ao regime militar que colocava os grupos pastores como um dos pilares da nação somali, quase nunca mencionando as práticas agrícolas. Similar também a narrativa construída por Lewis (1961, 2002, 2008) de que a população Somali era quase em sua totalidade urbana ou nômade pastoril.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da Somália em muitos sentidos encontra similaridades com a de outros países da África, as marcas do colonialismo são profundas, mas em muitos aspectos a ocupação inglesa e italiana encontrou dificuldades para acessar as regiões rurais e mais remotas. Algumas evidências denotam que mesmo após mais de 60 anos de colonização a língua somali não se perdeu, a religião muçulmana manteve-se e práticas agropastoris continuaram em voga pela população local. A colonização afetou profundamente as estruturas políticas e econômicas do país, levando os líderes do período pós-independência a adotar um modelo europeu parlamentarista que contava também com um presidente.

As leis foram construídas, sobretudo, com base em leis europeias o que fez com que o sistema judiciário, em muitos casos, não correspondesse as demandas locais e acabasse também não respeitado pela população. Observamos através da historiografia que a colonização colaborou com a construção de uma elite política cidadina, que baseava suas demandas em motivos pessoais ou direcionado há um grupo pequeno de pessoas. A historiografia também nos mostra através de relatos e outras fontes que a corrupção teve uma grande dimensão tanto no governo civil quanto no governo militar e prejudicou em larga escala a distribuição de verbas advindas da ajuda humanitária fornecida por países estrangeiros.

Encontrar a voz dos Somalis na historiografia é bastante difícil e o paradigma Lewisiano largamente debatido na dissertação criou e sustentou uma narrativa de diversos autores que colocava todo o foco das disputas políticas na identidade clânica, que como procuramos, expor é um dos elementos da configuração social da Somália, mas não o único. Assim, tentamos mobilizar como a narrativa nacional foi permeada pelo modelo europeu de nação e modernidade. O discurso desenvolvimentista esteve sempre no âmago dos projetos políticos, sociais e econômicos desenvolvidos no país.

O acesso a fontes sobre a Somália de uma perspectiva que não seja a do colonizador é bastante limitado, portanto, uma das preocupações fundamentais da dissertação foi procurar inserir uma visão local de determinados acontecimentos. O trabalho com os cartazes ficou em certo modo limitado pela dificuldade de acesso aos materiais e extração de informação dos mesmos. Visando preencher uma lacuna nos estudos somalis, abordar a propaganda política de viés socialista é

fundamental para melhor compreender um período que é mencionado em poucas páginas na historiografia, com exceção do livro “*Socialist Somalia*” (1985) de Ahmed Samatar.

Através de uma longa pesquisa bibliográfica buscamos apresentar a historiografia sobre o país desde sua colonização, perpassando a independência, o governo civil e o regime militar, com o foco voltado para o nacionalismo. Assim, tentamos conectar as fontes a esta historiografia. No início da dissertação apresentamos o chamado paradigma Lewisiano para demonstrar como as narrativas históricas sobre a Somália, em muitos casos, sustentaram-se naquilo que Besteman (1999) chama de homogeneidade fantasiosa, que indica que população da Somália é extremamente homogênea, tem as mesmas tradições, línguas e práticas sociais, o que levaria este país do Chifre da África a ser uma das regiões menos diversas do continente africano.

O nacionalismo somali se manifestou de diferentes formas ao longo da década de 1950, 1960 e 1970 e procuramos mostrar no trabalho quais foram suas principais características e influências. Mas um dos fatores que mais se destacou e que é fundamental para a conclusão deste trabalho é a mobilização de uma identidade rural focada nas práticas de pastores nômades por uma elite cidadina. Esses grupos que participaram do governo colonial foram responsáveis pela criação de uma identidade somali no período pré-independência e se valeram de algumas leituras europeias sobre este grupo, destacando aquilo que eles acreditavam constituir a essência dos somalis. No entanto, a vida nas cidades da Somália distinguia-se significativamente da população campesina. Em alguns relatos pudemos observar que de certas formas a ocupação colonial no campo não teve o mesmo impacto que nas cidades. A presença europeia nas regiões rurais era ínfima e assim essas elites se apropriaram de uma cultura rural para construir um discurso nacional enraizado no campo.

Como frisado na pesquisa, as estruturas governamentais criadas a partir da independência encontraram imensas dificuldades em integrar as duas antigas colônias, pois a administração italiana diferia da inglesa e isso criou uma série de empecilhos para integração nacional. Isto também criou e acirrou disputas entre as elites da antiga Somalilândia e da Somália italiana. A queda do regime civil denota que apesar das muitas promessas e propagandas feitas pelos arquitetos da independência, a vida da população pouco mudou sob a bandeira da liberdade. As

elites permaneceram manejando aquilo que apresentamos como extravessão do poder e beneficiando um grupo pequeno de pessoas.

O golpe militar se sustentou com base em um discurso de mudanças, moralidade e progresso. Mas o que apresentou na verdade foi um governo com limitação dos direitos individuais, autoritarismo e tortura. A adoção ao socialismo é pouco debatida como já mencionamos e na historiografia não encontramos muitas discussões sobre este tema, boa parte dos autores parece sustentar que Barre recorreu a esta medida para agradar aos soviéticos (LEWIS, 2002, INGIRIIS, 2016, WOODARD, 1996). Afirmamos no trabalho que esta medida é um evento mais complexo e que se insere em dinâmicas locais e globais de disputas ideológicas e de poder. O socialismo e os vários projetos políticos que surgiram das ideias de Karl Marx produziram correntes de pensamentos e modelos políticos por todo o globo durante o século XX. Afirmar que Siad Barre criou todo um aparato político estatal e projetos de estatização e desenvolvimento agrícola baseado em um modelo socialista apenas por sua aproximação com a URSS é bastante limitado. Na pesquisa tentamos expor como a dimensão do socialismo somali, que enquadramos em uma modelo afro-marxista, é bastante complexa e que o apoio militar e financeiro soviético talvez não tenha sido a única motivação do regime militar.

Um elemento de destaque encontrado ao fim das análises dos cartazes é o esforço que o governo de Siad Barre faz para criar novas tradições, enfatizar elementos ligados ao trabalho e ao progresso. Construir monumentos a indivíduos envolvidos nas disputas pela independência, buscando criar um novo imaginário nacional, no qual o Partido Somali, Siad Barre, a maquinização do campo e a alfabetização da população são elementos chaves. Essas novas tradições marcam um novo nacionalismo, que tenta encobrir o nacionalismo do período pré-independência. Este mais voltado para tradições orais, para lendas anteriores a chegada dos europeus e que procurava destacar um essencialismo Somali. O regime militar não nega esse nacionalismo, ele incorpora novos elementos e coloque estes em destaque, também para procurar afastar-se da imagem dos políticos “corruptos” do governo pós-independência. Como observamos, muitas das imagens, cores e símbolos mobilizados pelos cartazes apresentam conexões com outros países, sejam eles socialistas ou não. O governo militar tinha bastante contato com o contexto global, e a Somália, apesar não estar plenamente inserida no mercado

capitalista mundial, estava conectada com os acontecimentos e correntes teóricas vigentes no período sofrendo influência de países orientais e ocidentais.

Não podemos deixar de aludir à relevância do projeto moderno nos eventos que ocorreram no país durante a década de 1970. Grande parte dos elementos discutidos nos cartazes faz referência a modernidade europeia: educação, união, progresso, maquinização do campo, luta contra a fome e o analfabetismo. Esses são temas que perpassavam muitos projetos do Banco Mundial, ONU, UNICEF, durante os anos 1970. A “invenção” de tradições levada a cabo pelo governo somali, parece querer colocar as antigas tradições no passado e criar novas para o projeto da Somália moderna. As fontes nos mostraram que ao menos no setor propagandístico houve um grande esforço em disseminar um determinado modelo de governo e slogans relacionados ao desenvolvimento e crescimento econômico do país. No entanto, é preciso ressaltar que os cartazes discutidos podem ter tido um alcance reduzido já que a grande maioria da população não era letrada e sustentamos que boa parte destes cartazes estava sendo exposto nas zonas urbanas da Somália.

Ao longo da dissertação buscamos demonstrar como se deram os primeiros anos da implantação do regime militar na Somália, procurando construir uma narrativa crítica da ocupação europeia, o processo de independência, o nacionalismo e suas várias facetas e por fim o projeto modernizador do regime militar que adotou o socialismo. Pudemos constatar que a propaganda foi um elemento chave na difusão deste processo, sua relevância para o governo não foi possível mapear. Todavia, a historiografia demonstra que apesar dos conflitos internos e de problemas de ordem econômica Siad Barre conseguiu permanecer no poder por duas décadas e atualmente muitos Somalis defendem seu retorno. Ainda é necessário que a historiografia faça avanços em relação a história contemporânea da Somália e que pare de se valer, de maneira pouco crítica, do paradigma Lewisiano.

REFERÊNCIAS

- ABBAY, Alemseged. *Nationalism in historic Ethiopia*. In: ***Nationalism and ethnic politics***, v. 16, n. 3-4, p. 269-289, 2010.
- AHMED, Ali Jimale. ***Daybreak is near...Literature, clans and the nation-state in Somalia***. Lawrenceville: The Red Sea Press, 1995.
- AIDID, Safia. *Haweenku a Garab (Woman are a Force): Woman and the Somali Nationalist Movement, 1943-1960*. In: ***Bildhaan***, v. 10, 2011, pp. 103-124.
- ALI, Ahme Qassim. *The predicamento of the Somali studies*. In: AHMED, Ali Jimale (org.) ***The invention of Somalia***. Lawrenceville: The Red Sea Press. 1995, pp. 71-80.
- ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. In: ***Aedos***, v. 3, n.3, 2011, pp. 9-30.
- ANDERSON, Benedict. ***Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo***. São Paulo: Editora Schwarcz, 2008.
- BALANDIER, Georges. A noção de situação colonial. In: ***Cadernos do Campo***, nº 3, 1993, pp. 107-131.
- BARNICOAT, John. ***Los cartales: Su historia y su lenguaje***. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2000.
- BAYART, Jean François. ***The State in Africa: The politics of the belly***. Cambridge: Polity Press, 2013.
- BESTEMAN, Catherine. ***Unreviling Somalia: Race, violence and legacy of slavery***. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999.
- BURKE, Peter. ***Testemunha ocular: Historia e Imagem***. Bauru: EDUSC, 2004.
- CASTRO, Cláudia Gomes de; BAGGIO, Kátia Gerab; DORELLA, Priscila Ribeiro. *Imagens de uma revolução: historiografia e os cartazes de propaganda política cubanos*. In: ***Revista de Ciências Humanas***, v. 15, n. 1, pp. 189-222.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. ***Multidões em cena: propaganda política no varguismo e peronismo***, Papyrus: Campinas, 1998, pp. 8-22.
- CHABAL, Patrick. ***Power in Africa: an essay in political interpretation***. St. Martin's Press, New York, 1994

- CHATTERJEE, Partha. *The nation and its fragments: Colonial and postcolonial histories*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- CHENNTOUF, Tayeb. O chifre da Africa e a África Setentrional. In MAZRUI, Ali. **História Geral de África desde 1935**.
- CUSHING, Lincoln; TOMPKINS, Ann. *Chinese Posters: Art from the Great Proletarian Cultural Revolution*. San Francisco: Chronicle Books, 2007.
- DOMENACH, Jean-Marie. A propaganda política. São Paulo: Ed. Difusão Europeia do Livro, 1955.
- FLÓREZ, Juliana Flórez. Los movimientos sociale y La crisis Del desarrollismo: Una proximación teórica desde Latinoamérica. In: **Documentos del sur (CLACSO)**. 2009, pp. 5-20.
- GREENFIELD, Richard. *Obtuary: Mohamed Siad Barre*. In: **Independent1 UK**, 1995. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/people/obituary-mohamed-said-barre-1566452.html> Acesso em 27 de março de 2018.
- GROFOGUEL, Ramon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v.80, 2008, pp. 115-147.
- HALLIDAY, Fred. *US policy in the Horn of Africa: aboulia or Proxy intervention?* In: **Review of African political economy**, 1977, pp. 8-32.
- HOBBSAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- INGIRIIS, Mohamed H. *The suicidal state in Somalia: The rise and fall of the Siad Barre regime*, 1969-1991. New York: University Press of America, 2016,
- KASSIM, Mohamed M. *Aspects of the Benadir cultural history*. In: AHMED, Ali Jimale (org.) **The invention of Somalia**. Lawrenceville: The Red Sea Press. 1995, pp. 29-42.
- KELLER, Edmond J.; ROTHCHILD, Donald (org.). **Afro marxist regimes: ideology e public policy**. Lynne Rienner: Boulder, 1987.
- KENEZ, Peter. *The birth of the Propaganda State: Soviet methods of mass mobilization, 1917-1929*. Cambridge: Cambridge Press, 1985.
- LAITIN, David D. *Political economy of military rule in Somalia*. In: **The Journal of modern African studies**, v. 14, n. 3, 1976, p. 452.
- LEWIS, Ioan M. **A modern history of the Somali**: Revised, updated and expanded. Athens: Ohio University Press, 2002.

- _____. *A pastoral democracy: A study of pastoralism and politics among the northern Somali of the Horn of Africa*. London: Oxford University, 1961.
- _____. ***Understanding Somalia and Somaliland. Culture, history, society***. New York: Columbia University Press, 2008.
- MAH, Ahmed. ***The colonial discourse of development in Africa: The Somalia experience***. Tese (Masters of Arts) – Ontario Institute for Studies in Education of the University of Toronto, Toronto, 1999.
- MAHADDALA, Hassan. *Pithless nationalism: The Somali case*. In: KUSOW, Abdi. (ed.) ***Putting the cart before the horse: contested nationalism and the crisis of the nation-state in Somalia***. Trenton: Africa World Press, In., 2004.
- MALKKI, Liisa H. ***Purity and exile: Violence, memory and national cosmology among refugees in Tanzania***. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- MAMDANI, Mahmood. ***Citizen and subjects: Contemporary Africa and the legacy of late colonialism***. Princeton: Princeton University Press, 1996.
- _____. ***Define and rule: Native as political identity***. London: Harvard University Press, 2012.
- MANSUR, Abdalla Omar. *The nature of the Somali clan system*. In: AHMED, Ali Jimale (org.) ***The invention of Somalia***. Lawrenceville: The Red Sea Press. 1995, pp. 117-134.
- MAKINDA, Samuel. *United States policy in the Horn of Africa since 1974*. In: ***Working paper***, n. 2, 1983, pp. 363-377.
- MUKHTAR, Mohamed H. *Islam in Somali history: Fact and fiction*. In: AHMED, Ali Jimale (org.) ***The invention of Somalia***. Lawrenceville: The Red Sea Press. 1995, pp. 1-28.
- PAYTON, Gary P. *The Somali coup of 1969: The case for Soviet complicity*. In: ***The Journal of modern African studies***, v. 19, n. 3, 1980, p. 493-508.
- POWEL, Patricia; WONG, Joseph. *Posters from the Chinese Cultural Revolution*. In: ***The Historian***, v. 59, n. 4, 1997, pp. 777-793.
- RENAN, Ernest. *Qu'est-ce qu'une nation*. In: ***Oeuvres Complètes***, Paris: Calman-Lévy, 1947, pp. 887-906.
- SCHWAB, Peter. *Cold War in the Horn of Africa*. In: ***African Affairs***, v. 77, n. 306, 1978, pp. 6-20.
- SAMATAR, Ahmed Ismail. ***Socialist Somalia: Rhetoric and reality***. London: Zed Books, 1985.

SIMALA, Inyani k.; ARROUS; Michel Ben. *Whose self-determination? Conflicting nationalism and the collapse of somalia*. In: KI-SERBO, LAZARE; ARROUS, MICHEL BEN (ed.) *African studies in geography from below*, Dakar: Codesrio, 2009, pp. 161-196.

SMITH, Woodruff D., *German Studies Review*, v. 3, n. 1, 1980, pp. 51-68. TOUVAL, Saadia. *Somali nationalism: International politics and the drive for unity in the Horn of Africa*. Cambridge: Harvard University Press, 1963.

WEITZBERG, Karen. *We do not have borders: Greater Somalia and the predicaments of belonging in Kenya*. Athens: Ohio University Press, 2017.

WOODARD, Peter. *The Horn of Africa: State, politics and international relations*. London: I. B. Tauris & Co., 1996.